



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MODALIDADE
PROFISSIONAL

E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA:

Relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o Projeto Clube do Livro –
perspectivas de letramento

Marcelo José Rodrigues da Conceição

BRASÍLIA

2019

MARCELO JOSÉ RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA:

Relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o Projeto Clube do Livro –
perspectivas de letramento

Relatório Científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre. Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional e Educação.

Orientadora. Prof^ª. Dr^ª. Ormezinda Maria Ribeiro

BRASÍLIA

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Re Rodrigues da Conceição, Marcelo José E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA: Relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o Projeto Clube do Livro – perspectivas de letramento / Marcelo José Rodrigues da Conceição; orientadora Ormezinda Maria Ribeiro. Brasília, 2019. 119 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Hábito de leitura. 2. Biblioteca escolar. 3. Educação tradicional. 4. Educação profissional. 5. Clube do Livro. I. Ribeiro, Ormezinda Maria, orient. II. Título.

MARCELO JOSÉ RODRIGUES DA CONCEIÇÃO

E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA:

Relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o Projeto Clube do Livro –
perspectivas de letramento

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE) da Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília/UnB como
requisito parcial para a qualificação.

Linha de pesquisa Desenvolvimento Profissional e Educação.

COMISSÃO JULGADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ormezinda Maria Ribeiro
Universidade de Brasília/PPGE-MP-UnB
(Presidente)

Prof^ª. Dr^ª. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues
Universidade de Brasília/PPGL
(Membro Externo)

Prof^º. Dr. Rodrigo Matos de Souza
Universidade de Brasília/PPGE-MP-UnB
(membro interno)

Prof^º. Dr. Kleber Aparecido da Silva
Universidade de Brasília/PPGL
(suplente)

Defesa em: 05 de julho de 2019.
Local: Brasília - Campus Darcy Ribeiro
Universidade de Brasília.

“Cada leitor é, quando está lendo, o leitor de si próprio”.
(Proust, 2006)

AGRADECIMENTOS

“A gratidão é a memória do coração”. Antístenes.

Primeiramente, agradeço a Deus por me capacitar nesse processo acadêmico que foi iniciado na educação básica.

Agradeço a minha mãe, Sra. Argemira Rodrigues Nogueira, que, de maneira incansável, procurou sempre me subsidiar tanto de forma ideológica quanto financeira para alcançar metas por ela não alcançadas.

Ao meu pai, Sr. Jurandir da Conceição, por estar nos bastidores torcendo e acompanhando minhas lutas, às vezes de maneira rude, mas sempre sendo incentivador com palavras positivas para continuar na caminhada.

A um grande amigo na graduação, Professor Doutor Arnaldo Alves Ferreira Júnior, um dos melhores bibliotecários de que tenho conhecimento, um modelo a ser seguido e a primeira pessoa que acreditou no meu potencial profissional.

À grande amiga de graduação e companheira de profissão, Hevellin Estrela, pelas inúmeras ajudas e auxílios em momentos de dúvidas, dedicando momentos de seu dia para esclarecimentos de formatação e normas biblioteconômicas.

Aos amigos de caminhada acadêmica, Cecília, Michelle, Nilda e Daniel, por, de alguma forma, serem sempre presentes e ajudarem no esclarecimento de dúvidas, fazendo parte indiretamente da coautoria desta pesquisa.

Aos colegas de trabalho da biblioteca do *campus* Taguatinga do Instituto Federal de Brasília, Rubervan Saraiva de Souza e Rodrigo Bezerra Silva Santos, que foram compreensíveis, oferecendo apoio e incentivo durante minha ausência mesmo com o número de pessoas tão reduzido no setor.

À Professora Mestra Girlane Maria Ferreira Florindo, que possibilitou, de maneira prática, a aplicação dos questionários nas turmas de ensino médio do Instituto Federal de Brasília *campus* Taguatinga.

À Professora Maria Teresa Veloso de Oliveira, responsável pela biblioteca do Centro Educacional 07 de Taguatinga, que, de forma ímpar, abriu as portas para que a pesquisa fosse realizada nessa instituição de ensino.

Às direções gerais tanto do Centro Educacional 07 como do IFB *campus* Taguatinga, que reconheceram o valor da pesquisa, sendo colaborativas em todas as ações necessárias a fim de um resultado acadêmico excelente.

À Professora Doutora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas, por ter feito parte da minha entrevista no processo de seleção do mestrado, transmitindo uma simpatia e tranquilidade importantes naquele momento tão tenso.

À banca de qualificação que, de forma enriquecedora, fez apontamentos pertinentes, contribuindo para o aprimoramento dessa pesquisa. Meu muito obrigado às professoras Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues, Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas e ao professor Kleber Aparecido da Silva. Um agradecimento também ao professor Rodrigo Matos de Souza que gentilmente se dispôs a compor a banca para esse momento final. Que seus caminhos sejam repletos de luz, aprendizados e compartilhamentos.

Um parágrafo extenso, bem menos que minha gratidão, respeito e profundo carinho, à Professora Doutora Ormezinda Maria Ribeiro. Não há tradução gráfica ou fonética capaz de transcrever a grandiosidade que existe por trás dessa docente. Minha chegada na Universidade de Brasília foi uma caminhada com muitas quedas, pedras e tropeços, algumas seleções de mestrado frustradas nas quais inúmeras vezes pensei em desistir, hoje tudo faz sentido, pois deveria ser com a melhor. Lembro-me de que, no dia da entrevista, eu era o primeiro candidato. Sentei-me e esperei ansioso pelo horário marcado. Pouco depois, chega aquela mulher puxando uma maleta de viagens e me questiona se a professora Otília Dantas já havia chegado e onde seria a sala para as entrevistas. Respondi, um pouco contrariado, pois acreditava ser uma candidata querendo passar na minha frente. Ao entrar no local da avaliação, deparo-me com a mesma senhora da maleta sentada e fazendo parte da banca de seleção. Desde então, é uma surpresa atrás da outra: orientadora humana, professora presente, ser humano raro, mulher guerreira e mineira nata (risos). Obrigado, menina Aya, você faz parte de uma das histórias mais lindas da minha vida. Termino esse agradecimento afirmando que por onde eu estiver, a qualquer tempo ou circunstância, lembrarei de uma professora de olhos claros, alma

iluminada e coração pulsante que me permitiu fazer parte da comunidade acadêmica da UnB, mais que isso, de maneira carinhosa, moldou o profissional e homem em que me tornei. Muitíssimo obrigado.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo verificar a relevância e a contribuição da biblioteca na criação do hábito da leitura dos alunos do ensino médio, tanto em escola estadual de educação tradicional com ensino semi-integral, quanto em escola federal de educação profissional com ensino integral. A análise tem característica investigativa e comparativa, com intuito de conferir a efetividade das bibliotecas escolares na formação, ou continuidade, da rotina de leitura dos discentes. As explorações empíricas aconteceram em instituições de ensino na mesma região administrativa. As bases legais para a exploração científica foram as metas: 6, 7 e 11, propostas pelo Plano Nacional de Educação – 2014/2024; e a lei nº 12.244/2010, que determina a implantação de bibliotecas escolares na educação pública ou na iniciativa privada. A metodologia aplicada visa delinear a realidade dos agentes educacionais lotados nas bibliotecas e os efeitos concretos percebidos pelos alunos. Os dados ressaltaram os perfis dos servidores lotados nas bibliotecas, bem como expectativas e realidades dos discentes das instituições pesquisadas e serviram como subsídios para a elaboração de um regimento, documento norteador na proposta de implantação do projeto “Clube do Livro”, com vistas a potencializar o hábito de leitura.

Palavras-Chave: Hábito de leitura; Biblioteca escolar; Educação tradicional; Educação profissional; Clube do Livro.

ABSTRACT

The purpose of this study was to verify the relevance and contribution of the library in the creation of the reading habit of high school students, both in a state school of traditional education with semi-integral education, and in a federal school of professional education with integral education. The analysis has investigative and comparative characteristics, in order to check the effectiveness of the school libraries in the formation, or continuity, of the reading routine of the students. Empirical explorations took place in educational institutions in the same administrative region. The legal bases for scientific exploration were the goals: 6, 7 and 11, proposed by the National Education Plan - 2014/2024; and Law No. 12.244 / 2010, which determines the implementation of school libraries in public education or private initiative. The applied methodology aims to delineate the reality of the educational agents filled in the libraries and the concrete effects perceived by the students. The data highlighted the profiles of the servers crowded in the libraries, as well as the expectations and realities of the students of the institutions researched and served as subsidies for the elaboration of a regiment, guiding document in the proposal of implantation of the "Book Club" project, with a view to the habit of reading.

Keywords: Reading habit; School library; Traditional education; Professional education; Book Club.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Campus</i> Taguatinga, IFB.....	29
Figura 2 – Biblioteca <i>campus</i> Taguatinga, IFB	29
Figura 3 – Centro Educacional nº 07, Taguatinga/DF.....	30
Figura 4 – Biblioteca do C.Ed nº 07	31
Figura 5 – Ano letivo do aluno	80
Figura 6 – Infraestrutura dos setores	81
Figura 7 – Limpeza, conservação e o aclimação	82
Figura 8 – Horário de funcionamento e aulas integrais.....	83
Figura 9 – Finalidade e objetivo de frequência	84
Figura 10 – Acervo disponível	85
Figura 11 – O papel da biblioteca escolar	86
Figura 12 – Áreas de maior interesse para leitura	87
Figura 13 – Hábito de leitura e escolaridade de responsável.....	88
Figura 14 – Formação do hábito de leitura e fluxo de leitura no ano de 2017.....	89
Figura 15 – Presença de projetos de leitura	90
Figura 16 – Implantação do clube do livro	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Objetivos e modalidades de leituras	45
Tabela 2 - Interesses de leitura.....	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACP	Abordagem do Ciclo Político
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CDU	Classificação Decimal Universal
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
C.ED	Centro Educacional
D.N.A	Ácido Desoxirribonucleico
DF	Distrito Federal
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GDF	Governo do Distrito Federal
IASL	Internacional Association Librarianship
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFB	Instituto Federal de Brasília
IFG	Instituto Federal de Goiás
IM	Instrução Materna
INAF	Índice de Analfabetismo Funcional
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
LD	Livros no Domicílio
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PAP	Plano de Ação Pedagógica
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PISA	Programa Internacional de Avaliação do Aluno
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PPC	Projeto de Plano de Curso
PROEMI	Programa Ensino Médio Inovador
PROINFÂNCIA	Programa Nacional de Reestruturação e Aparentagem da Rede Pública de Educação Infantil
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCI'S	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFG	Universidade Federal de Goiás
UNB	Universidade de Brasília

UNESCO

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura

VEP

Vara de Execuções Penais

Sumário

INTRODUÇÃO	17
1. ITINERÁRIOS DA PESQUISA	21
1.1 As Trilhas do Pesquisador	21
1.2 Problema e Objetivos da Pesquisa	25
1.3 Escolhas Metodológicas	26
1.4 <i>Locus</i> da Pesquisa	27
1.5 Instrumentos de Coleta e Geração de Dados	31
2. CAMINHOS DA LEITURA	34
2.1 O que é ler?	34
2.2 Quem é o leitor?	37
2.3 Letramento	38
2.4 Modalidades e Dimensões da Leitura	41
2.5 Leitura e mediação	48
3. CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA E DAS BIBLIOTECAS NO BRASIL	53
3.1 No Brasil	53
3.2 No Distrito Federal	56
3.3 A leitura e a biblioteca	60
4. A BIBLIOTECA NA ERA DIGITAL: UM BEM CONTEMPORÂNEO	63
4.1 Tecnologia e leitura	63
4.2 A leitura, a biblioteca e o papel do bibliotecário no letramento na Era da informação: readequações necessárias	64
4.3 O bibliotecário e a pedagogia do letramento informacional	65
4.4 Letramento do universo das bibliotecas	67
4.5 Políticas Públicas na Educação	70
5. E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA	74
5.1 Efetividade da análise do conteúdo a pesquisa	74
5.2 Formação e compreensão do discurso durante o percurso	77
5.3 Legitimidade da pesquisa: validação e confiabilidade	78
5.4 Achados empíricos	79
5.5 Relatório dos achados nos questionários – alunos do ensino médio	79
5.6 Relatório dos achados nas entrevistas – responsáveis pelas bibliotecas	91
5.7 Produto da pesquisa: um documento norteador para implementação do clube do livro	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	103

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	106
APÊNDICE A - Regimento do Clube do Livro	109
APÊNDICE B - Questionário aplicado aos alunos.....	115
APÊNDICE C - Questionário de entrevista com o responsável pela da biblioteca	118

INTRODUÇÃO

“É o que você lê quando não precisa que determina o que você será quando não puder evitar”. Oscar Wilde

Por ser uma forma de aprimoramento do conhecimento geral, a leitura é que fornece subsídios para o pensamento crítico e formação de opinião, trazendo ainda base para uma reflexão própria do ser humano e a biblioteca é o espaço educativo ideal para concretização dessa proposição.

A socialização é um processo que tem início na infância, tendo continuidade na adolescência. É também responsável pelo processo de aprendizagem das normas morais e de conduta a fim de agir no senso comum. Esse contato social é percebido fortemente com a iniciação na vida escolar.

A leitura favorece o desenvolvimento de conceitos, valores e ideias individuais. Todavia, tal ato depende de estímulo e motivação. Nesse caso, a prática do hábito de ler é uma tarefa fundamental para construção do saber e um deflagrador do sentimento e opinião do ser. Ainda pode ser vista como uma estratégia no aprimoramento da habilidade comunicativa, desde que ler seja um contato direto com a norma culta da língua, o que resulta no enriquecimento do vocabulário de modo a fornecer subsídios para uma escrita gramatical com exatidão. O sucesso profissional também está entre os benefícios do hábito de leitura. Diversos levantamentos apontam que quem lê tem maiores chances profissionais e melhor colocação no ambiente de trabalho devido à ampliação de vocabulário e à compreensão de conceitos abstratos possibilitados pela leitura.

Ler ultrapassa a mera capacidade de decodificar palavras, também se assume que a leitura interfere de forma fundamental na relação com a linguagem. Ainda assim, sabe-se que os gêneros textuais exigem processos de leitura e escrita diferentes, e, dessa forma, reivindicam a decodificação das palavras, sendo esse aspecto muito diferente do que iremos chamar, aqui, de letramento. Em diversas ocasiões, há uma confusão relacionada entre o letramento e a alfabetização, na qual o letramento é constituído conforme as práticas desenvolvidas em suas áreas sociais. Já a alfabetização apresenta conceitos mais específicos, envolve o desenvolvimento prático e a compreensão da leitura e escrita.

Historicamente, a educação no Brasil volta-se para a formação propedêutica¹, que aqui, vamos tratar como “tradicional”, para as elites na qual os alunos eram preparados a fim de ocupar cargos importantes como futuros dirigentes. A educação profissional tem sua origem com objetivo de prestar assistência, atendendo aos que não possuíam condições sociais satisfatórias, impedindo que esses continuassem às margens da sociedade, trazendo desarmonia e causando desordem, atentando, assim, contra os bons costumes. Hoje, caminhamos para um ensino médio integrado ao ensino técnico, oferecendo uma base unitária de formação ampla e condições fundamentais para uma nova realidade. Onde temos uma educação ensinando matérias das áreas de humanas, exatas e biológicas, mas também associada às habilidades técnicas, visando uma colocação junto ao mercado de trabalho.

Influências e variações históricas, como a política, a cultura e a economia interferem de forma direta na educação e no trabalho, na maneira de execução, na valorização e na evolução desses campos. O desenvolvimento da intelectualidade humana na construção do saber forma uma conjuntura do que conhecemos hoje como trabalho. É visível o elo entre trabalho e escola, a influência naquilo que era ensinado na escola e na forma como o conteúdo deveria ser transmitido aos alunos, estabelecendo uma relação entre a ação do mercado de trabalho na escola e da escola no mercado de trabalho.

A mudança de paradigma é algo recente e que ainda podemos vislumbrar, sendo a chegada da tecnologia da informação e comunicação um objeto transformador no processo de ensinar e de aprender, trabalhando, ainda, a questão da cultura digital não existente até pouco tempo, podendo ser o início de uma crise no processo pedagógico e na epistemologia do conhecimento escolar.

O tradicionalismo na educação choca-se com a chegada das Tecnologias da Informação e Comunicação, TCI, na epistemologia do aprendizado escolar. Essa nova ordem social existe para além dos muros da escola e causam modificações profundas nos conjuntos de valores da humanidade devido à cultura digital.

O crescimento das informações disponíveis na sociedade e a pedagogia de ensinar diante de transformações macro e globalizadas são os desafios de todas as categorias (docentes, bibliotecários e técnicos) envolvidas na educação. No ambiente da biblioteca, essa instigação faz se ainda mais pulsante, pois cabe ao bibliotecário fazer o papel de

¹ Há uma construção social e essa nomenclatura exalta características como sendo destinadas apenas aos sujeitos elitizados, o que em contrapartida, minimiza outras modalidades de ensino e os sujeitos que optam por essas.

facilitador, classificando, possibilitando independência e ao mesmo tempo sendo presente nesse processo de construção de letramento, seja de mundo (conhecimento panorâmico), seja das palavras.

O próprio universo da biblioteca exige um letramento dos códigos de classificação, entendendo de que forma os livros estão organizados e como buscar aquilo que necessita, para assim acessar à informação desejada. A multiplicidade de letramentos aqui tratada como multiletramentos, se justifica e se faz necessária no ambiente escolar uma vez que temos aspectos contemporâneos: uma educação adequada aos diversos perfis existentes, com especificidade de povos, educação para indígenas e para imigrantes, com paradigmas que contemplem um mundo cada vez mais globalizado e sem fronteiras culturais.

A globalização exige adesão aos meios digitais e busca por métodos que incluem artefatos tecnológicos como *tablets* e *smartphones*, simulacros virtuais, de forma a proceder a conectividade. Antes, a leitura era feita apenas no formato impresso, agora há acesso ao ambiente virtual, alunos anteriormente ensinados com tabuadas ou caderno de caligrafia, hoje possuem celular já nas idades iniciais. A rotina de leitura já não necessita de um deslocamento para buscar a informação, pois o universo digital possibilita esse contato por ferramentas tecnológicas inexistentes anteriormente.

Assim, frente a essa realidade, identificar o papel do bibliotecário ou de agentes à frente da biblioteca é a proposta do presente estudo, pois, nas atuais condições, esse profissional tem relevância no desenvolvimento de ações que possibilitem melhoria na capacidade de leitura e pesquisa dos interessados tanto no letramento, quanto na alfabetização. Desse modo, a pesquisa fundamenta-se pela política pública da educação que cria o Plano Nacional da Educação por meio da lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, estabelecendo algumas metas para alcance em até vinte anos. As diretrizes e estratégias traçadas nessa lei estão baseadas em pontos cruciais para alavancar a educação brasileira. A Educação Básica é abordada no PNE por meio da meta 7 que determina “a melhoria da qualidade da educação básica, utilizando o índice de desenvolvimento da educação (IDEB) como indicador chave na qualidade”, assim pode ser percebida a melhoria no fluxo escolar, no rendimento e na aprendizagem. Essa determinação tem embasamento ainda na lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização e obrigatoriedade da biblioteca no ambiente escolar. A literatura indica que a função preponderante da biblioteca é, sem dúvida, ser um espaço chave que venha a somar no processo cognitivo dos alunos, servindo ainda como um instrumento no apoio didático-

pedagógico, potencializando o alcance de metas de políticas públicas educacionais e sendo, também, um instrumento para emancipação da consciência cidadã.

Nesse sentido, a pesquisa possui caráter investigativo, de modo a observar realidades escolares vividas e o mérito da biblioteca no âmbito acadêmico, na formação do hábito de leitura no ensino médio em escola federal de educação profissional e ensino integral, comparando-se à escola pública estadual de ensino tradicional semi-integral. Em seguida, a proposta é a elaboração de um regimento, documento que dará norte ao desenvolvimento e a implantação de projeto a fim de potencializar essa rotina de leitura, considerando a importância do hábito de leitura na formação, no desenvolvimento do ser e na necessidade de cumprimento da política pública de obrigatoriedade da universalização da biblioteca escolar, sendo conjuntamente uma ferramenta local para alcance de metas propostas pelo PNE 2014-2024. A pesquisa deixa ainda um arcabouço sugestivo das obras que colaboraram na construção deste material acadêmico, com um espaço destinado à bibliografia consultada, oferecendo aos leitores uma opção de títulos sobre os assuntos abordados.

1. ITINERÁRIOS DA PESQUISA

“Muitos homens iniciaram uma nova era na sua vida a partir da leitura de um livro”.

(Thoreau, 2007)

No capítulo inicial é possível entender um pouco o percurso trilhado pelo pesquisador, compreender os acontecimentos pessoais e profissionais que propiciaram o interesse pelo objeto de pesquisa. Identificar de que forma um estudante do ensino médio tornou-se um profissional de biblioteconomia, os motivos que o levaram a cursar o mestrado na área da educação e como se chegou ao problema e objetivo da pesquisa, bem como a necessidade de estudar o tema.

1.1 As Trilhas do Pesquisador

Nascido em dezembro de 1983, filho de pai militar e mãe servidora federal, a cobrança familiar sempre foi algo muito latente no lar. Por ser filho único, a matriarca da casa sempre procurou oferecer-me condições emocionais, psicológicas, físicas e financeiras para o alcance de tudo aquilo que ela, vinda de família humilde do interior da Bahia, não foi capaz de obter. Por outro lado, o patriarca, rígido e enérgico, nunca foi de muito diálogo, mas participava de forma pecuniária na criação, oferecendo os melhores colégios que poderia financiar dentro de suas condições.

O contato com a leitura veio em uma escola de bairro, na educação infantil, onde eu passava o dia enquanto meus pais trabalhavam. O primeiro livro que me recordo de ler sozinho tinha um título inesquecível: *Godó, o bobo alegre*. O conteúdo dessa leitura não me recordo, porém, o nome de capa não foi esquecido. É interessante que, hoje, trabalhando na área da educação, tenho a consciência de como um título de livro pôde ficar eternizado na memória de uma criança, construindo nela um interesse pelo contato com o mundo da leitura e sendo determinante para a sua formação.

Minha proximidade com a biblioteca foi algo tardio, aos 15 anos de idade, no ensino médio, em um colégio com princípios religiosos da congregação Claretiana. A intimidade com a leitura não trouxe uma paixão de início, já que os professores dessa escola ainda utilizavam a biblioteca como “sala do castigo” para penalizar aqueles que

não se comportavam em sala de aula. Assim, muitos alunos tinham resistência à biblioteca. A adolescência é um período de competição e superação interior. O interesse pela leitura, nesse momento, ocorre por considerar os livros instrumentos de conhecimento capazes de agregar mais saber. Assim, passei a impressionar tanto os meus professores – com boas notas – como os colegas de sala, trazendo ainda uma satisfação e evolução pessoal.

Lembro-me de que todo conteúdo da disciplina de história me trazia um grande interesse, sendo possível compreender circunstâncias atuais por meio de ações do passado, leituras da Antiguidade Clássica (Grécia e Roma), de mitologias, da Idade Medieval, das Grandes Guerras, de revoltas, de revoluções, da Queda da Bastilha, da Revolução Russa, do Golpe Militar brasileiro e de contemporaneidades que até hoje me fazem brilhar os olhos. Por outro lado, a Sociologia e Filosofia, eram disciplinas antes por mim consideradas menos importantes. Acredito que a forma com que os professores trabalhavam os conteúdos dessas disciplinas também teve influência nesse distanciamento.

Após o término do segundo grau, não havia outra possibilidade a não ser o ingresso em uma universidade pública, uma vez que a educação básica em sua totalidade aconteceu em instituições particulares, e meus pais exigiam aprovação em uma universidade federal. O período de estudos para a entrada na graduação e o meu amadurecimento pessoal trouxeram mudanças no entendimento das disciplinas de Humanas. A formação da mentalidade cívica e político-social criou uma paixão por assuntos sociais, entendendo o papel do indivíduo na sociedade e de que forma a educação é potencializada com o hábito de leitura como ferramenta na transformação do cidadão e do corpo social.

Ao final da década de 90 e início do novo século, as opções para ingresso na Universidade de Brasília restringiam-se ao vestibular tradicional e ao Programa de Avaliação Seriada (PAS). Após reprovação nos cursos de Estatística e Arquivologia, a opção foi tentar o vestibular na Universidade Federal de Goiás (UFG) onde, com êxito, consegui aprovação em 2002. O curso de Biblioteconomia foi a primeira opção devido à proximidade com o curso de Arquivologia, não existente até então na UFG, e também por me aproximar dos livros de história, minha grande paixão.

Durante todo período de graduação, precisava me manter financeiramente em outra cidade, custear despesas de moradia, alimentação, transportes e estudo. Foi assim

que comecei a trabalhar como atendente de *call center* e vendedor, opções de trabalho para me manter enquanto cursava Biblioteconomia na UFG.

Após o término da graduação, o meu interesse era continuar trabalhando na área de *call center* ou em alguma biblioteca particular em Goiânia seguindo a vida naquela cidade. Por insistência de minha mãe, retornei à Capital Federal em 2008 sendo obrigado a estudar para concursos na área de formação acadêmica. A aprovação no serviço público acontece no mesmo ano no Instituto Federal de Goiás (IFG) *campus* Uruaçu, e posteriormente, por meio de redistribuição, o Instituto Federal de Brasília (IFB) recebe mais um bibliotecário/documentalista. Uma especialização na mesma área de formação foi concluída, porém o sonho de ser aluno da Universidade de Brasília continuava, algo não realizado na graduação. Após algumas seleções frustradas no mestrado, de forma insistente, finalmente consegui a tão almejada aprovação na pós-graduação.

A chegada à Faculdade de Educação foi, de certa maneira, surpreendente. A simplicidade docente ao abordar conteúdos e tranquilidade ao se dirigir aos alunos realmente me impressionou de forma muito positiva. Afinal, a máxima de domínio público é que, na academia, os professores são carrascos. Felizmente, não percebi tais atitudes. As aulas são dinâmicas e teóricas, a carga de leitura é intensa e constante, temas sociais e questionamentos do sistema se tornam corriqueiros, pensadores como Marx e Engels são citados com frequência.

Hoje, na condição de pesquisador, a busca é, como objetivo geral, compreender a relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura em alunos do ensino médio de escola técnica profissional federal e médio tradicional do Distrito Federal. Importante salientar, conforme narrado anteriormente, que o meu reconhecimento do papel da biblioteca e proximidade com a leitura também aconteceu na fase do ensino médio, daí esse recorte.

As disciplinas do mestrado nortearam e contribuíram de forma incrível no amadurecimento conceitual, metodológico e referencial desta pesquisa, desde o primeiro semestre. Vale aqui levantar um pouco da colaboração de cada componente nesse processo:

- Educação e trabalho – foi possível compreender o conceito e a evolução dos dois temas, a relação direta entre a escola e o mercado de trabalho, componente mais que importante na pesquisa por mim desenvolvida, por

justamente ter como escolhas metodológicas escola técnica e escola com ensino tradicional;

- Estado e políticas públicas em educação – ofereceu-me referencial teórico para compreensão da pesquisa, entendendo estudos e ações desenvolvidas no decorrer da história, sendo subsídio racional para percepção do cenário atual. Foi de tamanha relevância nessa pesquisa uma vez que a fundamentação teórica está no prisma de uma política pública educacional, lei nº 12.244/2010;

- Pesquisa aplicada à educação – componente que trouxe clareza na metodologia da pesquisa, traçando estratégias e entendimento de método, instrumento de pesquisa, análise de dados. Base fundamental para alcance prático dos objetivos de uma pesquisa sobretudo no aspecto empírico, como é o caso do mestrado profissional;

- A escrita de textos acadêmicos – a chegada ao mestrado, ainda mais na UnB, apresenta contrastes visíveis com relação aos níveis acadêmicos anteriores. A construção padronizada dos textos acadêmicos no ambiente da universidade e a transcrição de toda grandeza teórica absorvida durante os 24 meses da pós-graduação é alvo dessa componente, sendo instrumento facilitador no processo de produção textual independente do objeto de pesquisa ou tema proposto;

- Letramento como prática social – enriquecimento direto desta pesquisa, trazendo conceitos desconhecidos, exaltando a importância social do conhecimento, apresentando diferenças entre alfabetização e letramento, multiletramento, letramento no ambiente escolar e, principalmente, no que tange o ambiente bibliotecário;

- Docência do ensino superior – traz a compreensão do espaço da educação superior brasileira, com um panorama anacrônico e análises empíricas fazendo com que os alunos da pós-graduação atuem como observadores críticos, sendo possível uma interpretação interativa entre teoria e prática. A componente tem um mérito maior em pesquisas que a educação superior seja objeto principal, mas não deixa de ser interessante para que os discentes que nelas estejam matriculados se enxerguem como célula integrante também de um sistema superior de educação.

A bagagem trazida durante toda a vida do pesquisador, deve ser considerada, porém não exaltada. Fatores pessoais do público analisado são variáveis de peso na formação e na trajetória da pesquisa. Entender que o objeto da investigação pode sofrer influência diretamente sobre o meu ponto de vista é uma das maiores preocupações, uma descrição limpa ao máximo de vícios, considerando ainda fatores padronizados de públicos que poderiam trocar de realidade sem nenhum obstáculo geográfico ou socioeconômico (já que as escolhas da pesquisa são próximas) são de forma resumida as percepções possíveis com as disciplinas cursadas.

A chegada à pós-graduação acontece repleta de pensamentos estreitos e alienados. Essa construção ideológica são traços sociais desenvolvidos ao longo dos anos. Havia um ceticismo sobre a afirmação que as concepções de vida seriam alteradas com ingresso à Universidade de Brasília, mas, após dois semestres, enxergo-me transformado, questiono certezas que, outrora, eram partes de mim. Um refinamento acadêmico e pessoal acontece, pois há necessidade de ser melhor como pessoa, evoluir como profissional, conviver em pluralidade cultural e considerar pensamentos diversos.

Diante dessa minha história de vida, retiro dela a essência do objeto de estudo desta pesquisa. Investigar a relevância da implantação da biblioteca escolar é um questionamento profissional que se justifica devido à regulamentação da lei nº 12.244/2010 e às metas claramente definidas pelo PNE (2014-2014), mas que também tem como interrogação entender qual perfil de pesquisador/leitor eu teria no caso de um hábito de leitura estimulado nas idades iniciais, e não de forma tardia como aconteceu, e ainda que cidadão teria sido construído na hipótese de um rotina de leitura constante durante toda infância.

1.2 Problema e Objetivos da Pesquisa

O questionamento gira em torno de: quais obstáculos empíricos percebidos em diferentes realidades para implementação de uma política pública educacional e qual a efetividade dessa política no alcance das metas propostas com sua criação?

Tendo como partida que a lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 (obrigatoriedade das bibliotecas escolares) é recente e não há indicadores situacionais até o momento capazes de apontar: o real efeito da biblioteca escolar no hábito de leitura; os planos do Estado acerca das melhorias na educação nacional como as metas 6, 7 e 11 do PNE (2014-

2024) e os levantamentos conhecidos em revisão de literatura sobre os benefícios do hábito de leitura na formação do indivíduo. A pesquisa empírica teve por objetivo entender em realidades diversas o mérito da biblioteca na formação pelo hábito da leitura em estudantes de ensino médio, sendo eles de escola estadual de ensino tradicional semi-integral ou escola federal de ensino profissional integral, podendo ainda como resultado verificar as diferenças no que diz respeito às infraestruturas das bibliotecas, em uma educação como característica principal na preparação geral básica capaz de permitir o desdobramento posterior de uma área de conhecimento e, de outro lado, uma educação profissional com características que visam a aquisição teórico/prática do conhecimento e habilidades para o mercado de trabalho. Descrever as relevâncias percebidas em realidades distintas, em que a gênese de biblioteca e a composição do acervo (escolar ou especializado) podem ou não impactar no hábito de leitura, haja vista ainda o tempo do aluno no interior da escola de ensino integral e escola com ensino em semi-integral.

Assim, tomamos como objetivos específicos:

- Delinear a estrutura física, tecnológica e pedagógica das bibliotecas, ações e/ou limitações dos profissionais à frente dessas e percepções dos alunos sobre o mérito da biblioteca no hábito de leitura;
- Comparar a influência da biblioteca na formação da prática de leitura em alunos do ensino médio em escola estadual de formação tradicional ensino semi-integral e escola federal de formação profissionalizante ensino integral;
- Criar o regimento para implantação do projeto: Clube do Livro, para potencialização do hábito de leitura em ambas realidades.

1.3 Escolhas Metodológicas

O método científico a ser utilizado será baseado na fenomenologia, criado por Edmund Husserl (1975), que tem como característica uma forma crítica de pensamento sendo considerada como a filosofia que pretende o exercício de observar o mundo antes do conceito e da ideia. Apresenta, ainda, noção de intencionalidade que consiste em dirigir a consciência sempre a um objeto, assim há a tendência de reconhecer o princípio de que não existe objeto sem sujeito.

Husserl (1975) delinea bases e condições rigorosas da ciência para análise de fenômenos, a unidade entre o correlato e o ato de conhecimento. A eficácia do método

científico que oferece rigor à base filosófica com relação às coisas variáveis estabelece a possibilidade de criar uma verdade temporária, podendo cair por terra com novos fatos ou realidade. Para Merleau-Ponty (1945), a fenomenologia é o “estudo das essências”, essa considera que o mundo surge como a casa ou fonte das suas percepções, e nunca ao contrário como nos faziam crer os dogmáticos.

A fenomenologia descreve os fatos, não explica e nem analisa, seu principal objetivo é o mundo vivido, ou seja, os sujeitos de forma isolada. Nessa perspectiva, tudo o que conhecemos do mundo, sabemos por meio das nossas próprias vivências, das nossas experiências singulares.

A metodologia da pesquisa teve por intuito entender o fenômeno educacional levantado neste trabalho, visando verificar singularidades e distinções entre dados obtidos em duas realidades. A utilização da comparação em educação é um instrumento de grande valor analítico levantando as diferenças, a heterogeneidade e a complexidade do processo de formação do hábito de leitura nas bibliotecas escolares. As múltiplas perspectivas do ambiente bibliográfico serão observadas, descritas e confrontadas, trazendo a reflexão em uma série de possibilidades.

Após visualizar a relevância, ou não das bibliotecas, propõe-se elaborar regimento para implementar, o “Clube do Livro” funcionando assim: forma-se um grupo de alunos interessados em participar de encontros esporádicos para discutir títulos específicos, com mesa-redonda e, diante da tecnologia atual, a formação de grupo no aplicativo *WhatsApp*, com mensagens restritas sobre o título trabalhado naquele momento. A participação discente no projeto poderá compor a menção da disciplina de língua portuguesa, sendo uma ótima didática e troca de conhecimentos entre alunos que possuem a rotina de leitura e aqueles que não têm o mesmo hábito. Importante informar que o projeto é flexível, podendo ser incorporado e adaptado em diferentes realidades ou observações percebidas.

1.4 Lócus da Pesquisa

A instigação tem por escolhas instituições de educação pública do ensino médio na mesma região administrativa de Taguatinga/ DF, a obrigação de se trabalhar com o mesmo fator socioeconômico foi alicerce pioneiro para determinação das escolas, a fim de impossibilitar vício de público. A faixa etária dos alunos e a limitação da escolaridade também foram consideradas para um levantamento mais seguro do mérito da biblioteca

na construção do hábito de leitura. O recorte do ensino médio é um anseio como pesquisador, escolha determinada com finalidade de responder qual perfil profissional e até social eu teria em caso de um hábito de leitura desenvolvido nessa fase, e não tardiamente como aconteceu. A escolha dos locais de pesquisa se justifica, ainda, por serem escolas com missões distintas, mas com proximidade geográfica, acesso do pesquisador aos espaços acadêmicos, formando assim *lócus* excelente para comparação, trazendo indicadores empíricos que podem caminhar paralelo ou concomitante às considerações literárias existentes. Assim, podemos apresentar os locais de estudo.

Primeiro, o *campus* Taguatinga, do Instituto Federal de Brasília, situado na QNM 40, área especial 01. Foi inaugurado no ano de 2012 é uma instituição de Educação Básica, técnico-tecnológico e superior, tem por base a conjugação de conhecimentos práticos e teóricos. O público observado pela pesquisa pertence ao ensino médio, apresenta integralidade das aulas em todos os dias da semana e recebe um auxílio financeiro devido à permanência integral na escola. Ao término do curso, os alunos recebem o diploma de nível médio integrado com formação profissionalizante na área de eletromecânica. A escola apresenta uma biblioteca aberta à comunidade externa, os servidores do setor são todos bibliotecários ou auxiliares de biblioteca com experiência comprovada. O acervo bibliográfico é formado por títulos indicados pelos professores, obras que atendem ao projeto de plano de curso (PPC) da instituição, indicações de servidores, discentes ou até de usuários frequentes. O setor conta com computadores com acesso à internet, *wi-fi* e um sistema integrado às bibliotecas de outros *campi* do IFB, sendo possível que o aluno consulte e, caso necessário, faça o empréstimo do livro de seu interesse em outra unidade.

Figura 1 - *Campus* Taguatinga, IFB



Fonte: arquivo pessoal

Vale também ter uma noção visual da biblioteca da instituição:

Figura 2 – Biblioteca *campus* Taguatinga, IFB



Fonte: arquivo pessoal

Como segunda escola, temos o Centro Educacional (C.Ed) nº 07, situado na QNM 36/38 área especial (Taguatinga). É uma instituição de ensino do Governo do Distrito Federal, tem por finalidade a formação tradicional de seus alunos. O ensino médio é formado por turmas com aulas apenas pela manhã, o regime de integralidade das disciplinas funciona unicamente 3 (três) vezes na semana (terças, quintas e sextas-feiras), a biblioteca não funciona com atendimento ao público externo, o acervo é composto por bibliografias em diversas áreas do conhecimento, mas em sua maioria por livros didáticos, os servidores lotados nesse setor são todos readaptados de outros cargos, geralmente professores. Não existe um controle eletrônico do acervo, ou qualquer sistema de consulta ou empréstimo, há apenas 01 (um) computador disponível para pesquisas gerais e a biblioteca não conta com internet *wi-fi*.

Figura 3 – Centro Educacional nº 07, Taguatinga/DF



Fonte: arquivo pessoal

Para que tenhamos uma noção espacial, vejamos o ambiente da biblioteca, ou sala de leitura da instituição:

Figura 4 – Biblioteca do C.Ed nº 07



Fonte: arquivo pessoal

Essas realidades distintas foram a base de observação, fornecendo indicadores situacionais quanto ao mérito da biblioteca na formação pelo hábito da leitura e sua efetividade de implementação em escolas onde o público-alvo são alunos do ensino médio tanto em instituição federal técnica integral, quanto em escola estadual tradicional semi-integral.

1.5 Instrumentos de Coleta e Geração de Dados

A coleta de dados no meio discente utilizou-se de questionários semiestruturados para obtenção da realidade vivenciada pelo público final e receptores das ações desenvolvidas ou não nas bibliotecas. Conhecido ainda como *survey* (ampla pesquisa), o questionário é um procedimento mais utilizado na obtenção de informação, apresenta grande confiabilidade se aplicada com critérios e garante, se necessário, o anonimato.

A fim de levantar as realidades/obstáculos dos profissionais que fazem parte do corpo das bibliotecas e agem como mediadores na formação do gosto pela leitura, em ambas instituições, os dados foram coletados nesse grupo de pessoas por meio de entrevistas (por ser um método flexível de obtenção da informação qualitativa), extraindo, assim, percepções empíricas e estratégias ou possíveis estratégias utilizadas por esses profissionais.

A associação dos instrumentos de pesquisa, entrevista e questionário, tem por finalidade dar maior segurança às informações levantadas, agregando valor aos dados, facilitando ainda, ao pesquisador, uma extração das percepções obtidas, ou não, com a biblioteca no fomento ao hábito de leitura no ambiente escolar, tanto na visão dos mediadores, aqui os servidores lotados nas bibliotecas, como no prisma dos alunos.

A análise qualitativa se caracteriza por apreender os significados nas falas dos sujeitos, interligando-as ao contexto em que se inserem e delimitando-as pela abordagem (instrumento de pesquisa) do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade. Algumas questões deverão ser consideradas: primeiro, o uso da literatura e, em especial, da fala dos sujeitos será usado como parte da redação, das explicitações e das interpretações, mas os dados estarão acima de tudo e muito salientes; segunda questão, o pesquisador traça informações diversas, recorre ao conhecimento em áreas afins e busca um significado para elas, mas não será permitido compactuar com o "achismo" e, por último, em terceiro lugar, o trabalho artesanal como a pintura de um quadro, mas que deverá ser fiel e vinculado ao problema de pesquisa levantado, ou seja, a sua "obra" está contida e delimitada pela realidade expressa pelos sujeitos (BIASOLI-ALVES & DIAS DA SILVA, 1987). Importante nesse momento informar que os dados foram analisados por meio eletrônico na plataforma *Google Drive*. Seria muito contraditório uma pesquisa que tem por embasamento a utilização das tecnologias de informação e comunicação na pedagogia e didática do ensino escolar acontecer nos moldes antigos com análises apenas em meios físicos, papel e prancheta.

A pesquisa compreende a formação dos discursos dos profissionais à frente das bibliotecas das escolas pesquisadas, a construção linguística sendo o reflexo do contexto social a qual os textos foram desenvolvidos, formando o discurso que se baseia em ideologias ligadas e produzidas por meio das realidades político-sociais vivenciadas pelos interlocutores. Não se trata apenas de uma análise do texto ou da fala, se expande além disso, é uma análise da estrutura discursiva e contextual daquilo que se observa, considerando que o sujeito é produto do meio e seus ideais são construídos por tudo que já viveu e ainda vive.

A análise de conteúdo, de Laurence Bardin (1977), foi trabalhada a fim de transcrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documental dos questionários aplicados com o público discente. Essa análise visou conduzir a descrições sistemáticas, qualitativas e/ou quantitativas, ajudando na interpretação das mensagens, atingindo uma

compreensão de seus significados num nível que vai além de um simples levantamento bibliográfico. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca entre contraposição da teoria e a prática, com um significado especial no campo das investigações sociais, campo empírico. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de informações ou dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

A quantidade de materiais produzidos e de dados levantados com essa pesquisa foram analisados livres de vícios ou falhas analíticas, a fim de garantir a inspeção simultânea de múltiplas medidas (mais de duas variáveis) de cada indivíduo ou objeto sob investigação da análise quantitativa. Sendo assim, a análise aconteceu por meio de multivariáveis com uso das técnicas: agrupamento (grupos de objetos ou variáveis “similares” criados com base nas medidas características) e redução dos dados ou simplificação estrutural (o fenômeno em estudo é representado de um modo tão simples quanto possível, sem sacrificar informação valiosa, tornando a interpretação ainda mais fácil).

Logo, a leitura exaustiva dos dados pôde identificar as ideias centrais contidas nas respostas de cada entrevista/questionário para classificação em núcleos de sentido que articulem nas diferentes relevâncias, existentes ou não, tendo assim indicadores situacionais mostrando de que forma os profissionais mediadores das bibliotecas agem mediante suas limitações e as carências ou suficiência dos alunos com a presença de um setor bibliográfico. A junção da entrevista ao questionário ofereceu um rico material para observação, considerando as percepções mais frequentes aos entrevistados, redigindo um documento final com característica qualitativa, de tópico e tema.

2. CAMINHOS DA LEITURA

“Ler é compreender”

(Chartier, 2007).

Como resposta ao problema da pesquisa, faz-se necessário entender todo processo dos caminhos da leitura, o papel do profissional à frente da biblioteca, no recorte do ensino médio, transpassando-a pela construção de leitura dos sujeitos pesquisados e, assim, identificar e comparar como a efetividade de bibliotecas, em diferentes instituições, colabora na mediação do ato de ler.

2.1 O que é ler?

Ler e ter o hábito de leitura são construções que aceleram o desenvolvimento e a formação de competências em diversos aspectos, como na compreensão de mundo, na formação do pensamento crítico, na consciência cidadã e, sobretudo, na formação do “eu”, sendo assim um desenvolvimento amplo que aproxima o sujeito do conhecimento.

Dessa forma, ler vai além de decodificar palavras, está associado diretamente ao exercício cognitivo no sentido de obter a compreensão do mundo e conhecimento por meio da leitura, de um pensamento ou de informação transmitida por uma declaração utilizando como ferramentas os signos linguísticos. Já o escrever é a transcrição do pensamento, resultando na codificação, oposto ao ato de ler, no qual a decodificação é característica primária. A relação entre a leitura e a escrita se torna uma conexão íntima e de cissiparidade, assim podemos entender que ler está relacionado ao entendimento da informação passada pelo outro, recebendo e compreendendo a “leitura” do transmissor. “Ler é inscreve-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-la como palavras, gestos traços. Ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante” (YUNES, 2003).

O ato de ler sempre foi tido como uma evolução do ser humano. Já na primeira idade, a evolução da criança está associada à decodificação das palavras, o que, de certa forma, deixa os pais mais tranquilos por entenderem que seus filhos estão em um processo evolutivo natural. Cada vez mais, ler está ligado às múltiplas características, como prevenir, ensinar e aprender. Algumas são as definições literárias sobre o ato de ler:

“Reconhecer, apanhar, captar com os olhos.” (Dicionário Etimológico da língua portuguesa, 1995); “Olhar para letras ou quaisquer símbolos gráficos e perceber ou decifrar o seu significado.” (Dicionário da língua portuguesa contemporânea, 2001, p.);

Percorrer com a vista - texto, sintagma, palavra – interpretando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos (alfabéticos, ideográficos) e os sinais linguísticos próprios de uma língua natural (fonemas, palavras, indicações gramaticais). (Dicionário *Houaiss* da Língua Portuguesa, 2005)

O processo de leitura pode ser definido em etapas sequenciais e gradativas, nas quais no primeiro momento há uma decodificação dos símbolos gráficos, o que podemos denominar como “leitura elementar”. Nessa fase, o leitor faz um processo natural e intuitivo de “saber” o que aquelas junções de letras significam. No passo seguinte, há o que chamamos de “leitura de compreensão”, sendo que o entendimento da ideia é passado tendo como base todo conhecimento linguístico individual anterior. Vale frisar que ambas formas de leitura são complementares e exploram do sujeito uma série de operações cognitivas (REBELO, 1993).

A leitura está diretamente ligada ao entendimento e à concepção da língua, já que essa é a consideração de um sistema complexo em constante evolução e, assim, a leitura é tida, entre outras características, como uma ferramenta de reflexão e formação do pensamento crítico social.

Se pensarmos de forma prática, o ato de leitura vai além da decodificação escrita-verbal e vice-versa. A ação não se restringe apenas ao ato de ler, está também envolvida com a interpretação, com a compreensão, com o entender e com o criticar, sendo uma prática de interação do sujeito-leitor com os aspectos socioculturais, nos quais ele está inserido. A subjetividade é a característica intrínseca nos conceitos de alguns autores sobre o assunto:

Significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994, p.5)

Mas a leitura pode, e, é percebida de várias formas, o que nos leva a ter algumas concepções. A bagagem e autonomia dadas pela leitura constituem algo indiscutível, a antecipação, a previsão e a construção de hipóteses de conteúdos e assuntos lidos são apenas algumas habilidades conseguidas por meio da leitura.

A postura estruturalista da linguagem como uma das principais concepções do ato de interpretação textual baseia-se em uma mecanização desse ato, no qual o leitor tem menor importância, uma vez que à interlocução não é dado o devido valor, posto que o texto é tido como objeto independente. Essa estrutura mecanicista de leitura é considerada como um sistema de decodificação simples, sendo que: no mundo ocidental dá-se da esquerda para direita, de cima para baixo; já no oriente, diversas são essas formas de reconhecimento, em alguns países acontecem de baixo para cima, em outros da direita para esquerda. De toda forma, implica uma dualidade de reconhecimento de letra em som e som em significado, assim o “ler” seria de forma simplória perceber a informação passada explicitamente no texto (KATO, 1999).

Não devemos acreditar que o modelo estruturalista está em total desuso, atualmente, em muitas escolas, a visão mecanizada de ensino ainda existe e a repetição das informações transcritas em livros didáticos é comum, alunos que possuem respostas prontas baseadas na bibliografia passada em sala de aula ainda são exaltados e considerados modelos discentes.

Concepções mais atuais baseadas na psicolinguística, relacionam a leitura a um processo bem mais complexo do que o modelo estruturalista. Esses processos podem acontecer de formas: ascendente ou (*bottom up*), a leitura acontece de maneira linear, identificando letras e palavras, compreendendo assim seus significados no texto, esse modelo foi desenvolvido por Gough (1972); descendente ou (*top down*), indicado por Goodman (1970), o leitor faz antecipações sobre o assunto abordado no texto, utilizando-se de todo seu conhecimento prévio, sendo agente ativo da leitura; ainda há a maneira interacional, na qual, segundo Koch (2002), o leitor faz papel de construtor, acontecendo um diálogo entre o documento textual e os interlocutores, sendo o espaço do texto um campo de interação e construção dos sujeitos envolvidos. Positivismo ou ativismo literário são substituídos por uma relação mais harmoniosa entre os agentes que de maneira direta constroem e são construídos.

Não se pode deixar de lado uma outra concepção de leitura, fruto da psicologia cognitiva e o conceito do conhecimento de mundo construído a longo prazo que norteia e interfere na leitura e no entendimento textual. Nesse modelo, todo conhecimento anterior – seja no campo linguístico, de texto ou de mundo – se junta em esquemas, de forma biologicamente organizados e de maneira cognitiva na área cerebral também associado à memória (Kleiman, 2011), o que conduz de forma involuntária, automática e inconsciente a uma reação e comportamento do leitor em relação ao texto.

O texto enfatiza os aspectos cognitivo da leitura, porque consideramos que a percepção, bem como a reflexão sobre o conjunto complexo de componentes mentais da compreensão contribuirão, em primeira instancia à formação do leitor e, conseqüentemente, ao enriquecimento de outros aspectos humanísticos e criativos do ato de ler. (KLEIMAN, 2013, p.9)

Todavia, a concepção de leitura não se baseia apenas nas atividades cognitivas anteriormente descritas neste texto, também se faz por um processo que sofre interferência externa como aspectos sociais, históricos e principalmente ideológicos. Seguindo essa linha, a leitura está atrelada basicamente à relação família/escola/sociedade, e à leitura de mundo antecede à leitura das palavras, (Freire, 2011). Marcuschi (2008, p.230) ainda coloca de forma transparente dizendo:

Compreender exige habilidade, interação e trabalho (...) não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade. Sempre que produzimos algum enunciado, desejamos que ele seja compreendido, mas nunca exercemos total controle sobre o entendimento que esse enunciado possa vir a ter (...) A interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não de uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, podem ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

Kleiman (2011, p.14) ainda colabora no momento que diz:

A concepção hoje predominante nos estudos da leitura é a leitura como prática social que, na linguística aplicada, é subsidiada pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos que determinam esses diferentes modos de ler.

2.2 Quem é o leitor?

É um agente receptor de um circuito de comunicação, que utiliza o emissor/autor de símbolos gráficos com a finalidade de transmitir informação. O leitor ainda tem o papel de “fazedor de significado”, ou seja, aquele com ação de transformar significante em significado, dando sentido a essa relação significante-significado. Há uma relação direta

do leitor com o autor, sendo o primeiro ainda, um agente ativo no processo de decodificação daquela mensagem codificada pelo sujeito remetente.

Disciplina, esforço, estratégia e enriquecimento do vocabulário são algumas das exigências sociais contemporâneas para que o leitor acesse o desenvolvimento da escrita e da leitura e, portanto também desenvolva competências multifacetadas aprimorando a compreensão textual.

Outrora, a importância sutil mais evidenciada era destinada àqueles que estavam no papel de autores. Hoje, leitor e autor constroem uma relação harmônica e inseparável, havendo uma alimentação mútua assim como a leitura e a escrita, sujeito e objeto, remetente e destinatário, ferramenta de codificação e de decodificação, um necessita do outro e não se justificam isoladamente. A valorização social da prática do ato de leitura é cada vez mais latente, havendo incentivos e programas para fomentar esse exercício.

O reconhecimento da importância do leitor também acontece pelo lado dos autores. De maneira explícita ou implícita, o sujeito ativo da escrita atribui ao agente da leitura uma relevância considerável na esfera do desenho literário.

2.3 Letramento

O letramento é a evolução da alfabetização, uma apropriação do código da língua, competências desenvolvidas com a escrita/leitura que são absorvidas/concebidas por meio de práticas sociais diversas. Alfabetização e letramento são processos distintos nos prismas pedagógicos, teóricos e práticos, acontecendo uma concomitância entre esses dois procedimentos quando falamos em ambiente escolar.

O letramento acontece à medida que o indivíduo estabelece contato com o mundo, é uma ascensão muitas vezes espontânea, mesmo que o sujeito não possua competência de codificação ou decodificação alfabética.

Caracterizada pelo entendimento do significante e do significado, a alfabetização é a associação das letras formando palavras, das palavras formando um texto com intuito de passar uma informação ou apenas de comunicar; é também caracterizada pelo entendimento ou decodificação simples da linguagem escrita. A grafia (escrita) e os fonemas (fala), combinação de letras, símbolos e sinais, tendo como resultados a saída do analfabetismo, é o que chamamos alfabetização que é focada em decodificação textual.

Admitida como um ato de compreensão, a leitura se torna algo muito maior e mais complexo, abrange a capacidade de reconhecimento e o resgate do conhecimento lógico

e interação social, além do pensamento crítico. Até a segunda metade do século passado, ler era considerado algo simples, processo de junção de letras, e estava equacionado à alfabetização. Recentemente, a leitura é vista como um ato de se posicionar diante de um discurso e relacioná-lo a outro, confrontando e possibilitando infinitas réplicas. O ensinar das letras por meio da escrita vem ganhando novas ferramentas e, conseqüentemente, novas habilidades são necessárias para lidar com essas realidades de mundo e compreensão diante de uma globalização e explosão informacional.

A chegada das tecnologias pode ser associada a uma série de mudanças nas atitudes dos sujeitos na escola, entre elas a modificação e a proximidade com a leitura, que de forma direta conduz a um aprimoramento do conhecimento. A interação do ambiente escolar com as tecnologias de informação e comunicação – TIC – se faz necessária. A inovação tecnológica é um caminho sem volta, abraçar de forma racional e utilizar essa ferramenta de forma inteligente é essencial para o conhecimento contemporâneo.

Como resultado do avanço da alfabetização e da formação individual, temos o letramento. Ser letrado é mais do que saber ler, envolve interpretação e discussão, significa trazer o texto para a realidade, confrontando-o. Esse é um entendimento bem atual dessa definição, havendo ainda uma interação entre o leitor e o autor do texto, uma extração de informações com capacidade mentais de leitura que foram denominados de estratégias do leitor, possibilitando, assim, o conhecimento não apenas das palavras, mas da informação transmitida por meio dessas.

O letramento é esse processo de aprender não apenas interpretar as palavras de maneira escrita, mas saber interpretá-las e também conhecer as ferramentas que possibilitam tal entendimento. Esse processo demonstra domínio dos novos conhecimentos em um mundo globalizado e tecnológico, sendo necessário ainda muitas vezes uma autonomia do aprender a aprender e do pensamento crítico.

Ser letrado vai muitíssimo além de apenas ler. Podemos visualizar a diferença entre ser alfabetizado e ser letrado com o exemplo do homem simples do campo que, muitas vezes, não tem alfabetização ou conhecimento acadêmico, ignora conhecimentos literários e desconhece a leitura e a escrita, porém pode ser um magnífico professor nos ensinamentos da lavoura, agricultura, demonstrando um letramento maior que muitos agrônomos formados nas melhores universidades. Ainda exemplificamos essa dicotomia, quando lembramos que, na década de 1920, não havia computadores e, após a invenção

dos microcomputadores, foi necessário submeter pessoas alfabetizadas ao processo de letramento em informática, para que se tornassem capazes de usar essa nova tecnologia.

Nessa perspectiva, há que se considerar, também, na escola, a questão do multiletramento. A busca por uma pedagogia no que se refere ao multiletramento é algo recente. Por volta dos anos 1990, percebeu-se a necessidade de desenvolver debates acerca de fatores e da quebra de paradigmas, que são referentes às várias formas de se aprender diante de tudo que já debatemos anteriormente: diversidade, globalização, diversificação pedagógica, agentes educacionais buscando aprimorar e evoluir no processo epistemológico.

O multiletramento na escola está diretamente atrelado ao espaço que recebe uma pluralidade cultural e precisa encontrar uma solução eficiente que contemple esse leque de receptores. Diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem, com características presentes no sentido de: interagir; agregar ou mesclar (afinal, temos uma multiplicidade que precisa ser trabalhada) e quebrar relação de propriedade. Roxane Rojo (2012, p.13) busca de maneira simples traçar distinção entre letramentos (múltiplos) e multiletramento:

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbana, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio das quais ela se informa e se comunica.

Assim, letramentos múltiplos são baseados na multiplicidade e variedade de diversas práticas letradas, podendo essas serem ou não de valores gerais nas sociedades. Os multiletramentos podem existir, de maneiras não tácteis, em um espaço físico, e a melhor maneira que podemos percebê-los é observando as estruturas ou os formatos de redes, nas quais são exibidos em hipertextos ou hiperfídias.

Os hipertextos e multiletramentos se caracterizam por interatividade em multiníveis. Basicamente disponíveis como ferramentas nos espaços em redes de textos que são remetidos a outros textos, constituindo uma rede social entre eles.

Houve uma época bem diferente de todas anteriores, quando as mídias possuíam o papel de apenas comunicação, divulgação e entretenimento. Hoje, as hiper mídias possibilitam uma interação, também em multiníveis entre interlocutores com as ferramentas modernas cada vez mais evoluídas, bem como os hipertextos disponibilizados, os quais chamamos de mídias digitais. O desenvolvimento de uma produção colaborativa e democrática, com espaços abertos e diversos para inúmeras finalidades, vem crescendo de maneira alarmante. Uma pedagogia baseada na capacidade de multiletramentos se justifica, conforme defesa e definição de Rojo (2012, p.27).

Vivemos em um mundo em que se espera (empregadores, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade.

Uma possibilidade de ferramenta para universalização da educação são as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Lembrando que essa ferramenta será alvo do multiletramento, sendo necessário seu domínio sobretudo pelas crianças e jovens. Essas TIC possibilitam que os jovens se deleitem e dediquem-se às atividades no âmbito educacional em qualquer momento e em qualquer lugar, quebrando barreiras tempo/espaço, auxiliando para que a escola – como instituição – perpetue as metas políticas, econômicas e socioculturais da humanidade e, assim, cumpra seu papel com perfeição.

2.4 Modalidades e Dimensões da Leitura

A prática social da leitura está envolvida com interação de dois sujeitos e um objeto. Dessa forma, constrói-se uma rede autor-leitor-texto, na qual há uma segura formação semântica textual do leitor. As subjetividades de conhecimento do texto e dos leitores criam uma inter-relação dinâmica, e não de subordinação, já que cada indivíduo pode fazer uma leitura daquilo que foi lido, tendo concepções particulares do documento textual se embasando no seu conhecimento de mundo. Para Silva (2015, p.45),

A leitura se manifesta, então, como a experiência resultante do trajeto seguido pela consciência do sujeito em seu projeto de desvelamento do texto. É essa mesma experiência (ou vivência dos horizontes desvelados através do texto) que vai permitir a emergência de ser leitor. Por sua vez, os novos significados apreendidos na experiência do leitor fazem com que este se posicione em relação ao documento lido, o que pode

gerar possibilidades de modificação do texto evidenciado através do documento, ou seja, a incrementação dos seus significados.

O pensamento questionador é o início para uma melhor compreensão de mundo e de si mesmo, a leitura desenvolve competências e aproxima o sujeito de maneira autônoma da resposta desejada. A integração social acontece de forma mais completa e segura com a possibilidade de codificação e decodificação dos sinais escritos, é um mundo que se abre automaticamente, porém apenas essa capacidade de transmutação dos sinais não é suficiente, a leitura proporciona muito mais, estabelecendo um posicionamento sobre o que foi lido.

Tendo em vista os pontos expostos como norteadores para entender as dimensões da leitura na sociedade, sabe-se que muitos autores levantam perspectivas acerca do assunto. Para Britto (2012), a leitura está abrigada em duas dimensões: a primeira alcança o alfabetismo básico, associado à tarefa do cotidiano individual, na qual decifrar os códigos escritos se faz necessário; e a segunda dimensão tem uma complexidade maior e um envolvimento mais intenso do indivíduo com aquilo que foi compreendido, dessa forma, se torna viável o posicionamento, o envolvimento e a formação de produtos culturais, vivenciando de forma intensa o conhecimento transmitido pela mensagem escrita, contribuindo na sua forma mais complexa, como por exemplo no processo político.

Ainda nesse viés político, Freire (2011) coloca como uma luta política a superação da classe mais popular como uma luta política, assumindo a leitura e a escrita como atos de libertação e de construção do ser. A queda nos índices de analfabetismo no último milênio é glorificada e a compreensão do papel da leitura como agente transformador e formação do pensamento crítico é vista como desalienação do sujeito.

Como exemplo empírico da construção social pela leitura e educação, Freire narra a experiência vivenciada em São Tomé e Príncipe, acerca da alfabetização de adultos, bem como na alfabetização continuada ou “pós-alfabetização”. Importante ressaltar a participação crítica e democrática dos agora não analfabetos, se enxergando como sujeitos e superando obstáculos culturais. O processo de recém-independência² vivenciado pelos são-tomenses demonstra a reinvenção social como algo possível diante de uma nação na qual os cidadãos possuem uma identidade crítica, ou seja, não são alienados e são

² Independência conquistada em 12 de julho de 1975

participativos em relação às questões políticas. Essa reconstrução nacional foi alcançada devido à emancipação educacional.

Conforme estudos de neurociência defendidos e abordados por diversos autores, entre eles, Mia Couto, o caráter positivo da leitura é algo inquestionável, é por meio dela que o processo cognitivo acontece, haja vista que reações biológicas já foram levantadas, além de variáveis externas apontadas, e assim é possível questionar de que forma uma rotina e a constância diária de leitura podem ser mediadas e ensinadas. A importância da leitura é tratada em muitos livros como um processo multifacetado e com características individuais, tanto no sentido do leitor, quanto na epistemologia e pedagogia utilizadas pelos agentes educacionais envolvidos na formação e fomento desse hábito no ambiente acadêmico.

Nesse sentido, Amor (1991) define algumas modalidades de leitura, na visão dos mediadores, no âmbito escolar, entre as quais temos:

- a leitura funcional, com finalidade de busca da informação, um viés pragmático para resolução de dúvidas e questionamentos;
- a leitura analítica e crítica, uma ação mais profunda e reflexiva, abrindo possibilidade de compreensão avaliativa do texto;
- a leitura recreativa, com finalidade de lazer, essa modalidade está envolvida na satisfação de interesses individuais, seu princípio muitas vezes está ligado a ludicidade na pedagogia utilizada pelos agentes educacionais, seja ele o professor, o bibliotecário ou outro sujeito envolvido.

Por sua característica instrumental, a leitura funcional não está relacionada diretamente aos textos literários ou aos complexos, seu caráter e capacidade estão ligados aos textos ou às mensagens simples e informacionais.

A relação entre formação crítica e captura lógica da intenção do autor ao escrever o texto é o ponto-chave da leitura analítica. A subjetividade caracteriza essa modalidade, todavia não se fala em um isolamento subjetivo, e sim em um encontro dessa relação, possibilitando, assim, leituras distintas que os leitores possam fazer, delineando uma leitura consensual de um diagnóstico “legítimo”. (Amor,1991, p.95)

Com foco na promoção do hábito prazeroso de leitura e capacitação de fruição, a leitura recreativa tem caráter leve e agradável, porém não menos importante ou com menor exigência pedagógica dos mediadores educacionais:

A designação, leitura recreativa, não pode ser sinônimo de leitura fácil, no sentido de leitura superficial e oblíqua. Como qualquer outra modalidade de leitura, ela exige da parte do professor um trabalho consciente e sistemático. Também não pretende significar que outras funções e modos de conceber a leitura não possam, igualmente, ser concretizados em práticas lúdicas, propiciadoras do prazer do texto. (AMOR, 1991, p,95)

Se pararmos para analisar, as modalidades até aqui descritas, de certa forma, não contemplam o gosto pela leitura no espaço escolar, pois a leitura recreativa está voltada para leitura de interesse pessoal do aluno, e a leitura analítica não tem por atribuição a fruição textual. Encontrar uma modalidade que possibilite a implantação do hábito de leitura em sala de aula de maneira habitual, permitindo que o aluno/leitor desenvolva o gosto por aquilo que está lendo e, de forma intrínseca, forme uma reflexão acerca do texto, seria uma conciliação perfeita entre a leitura recreativa e a analítica.

A leitura cursiva apresentada por Annie Rouxel (2018) vem ser esse elo flexível, direto, autônomo e pessoal de leitura que permite a manifestação do leitor como sujeito, estreitando cada vez mais a relação leitor-texto (literário), bem distinto da leitura analítica e complementar à leitura recreativa relativa à sala de aula e material bibliográfico pedagógico. Como características da leitura cursiva podemos identificar: consideração e relação aos interesses dos alunos no texto escolhido; levantamento de questões humanas, e não apenas aspectos formais como centro de abordagem, e, por fim, a combinação entre fruição e interpretação do texto.

A estratégia de leitura é um grande facilitador no alcance dos objetivos que levam o sujeito à busca pessoal pela leitura, transformando-o assim em leitor. Solé (1998) apresenta alguns desses objetivos:

- ler para obter uma informação precisa;
- ler para seguir instruções;
- ler para obter uma informação de caráter geral;
- ler para revisar um escrito próprio;
- ler por prazer;
- ler para comunicar um texto a um auditório;
- ler para praticar a leitura em voz alta e
- ler para verificar o que se compreendeu.

Entender como e, principalmente, de que forma se dá o aprendizado e o processo intelectual de cada um, pode tornar a leitura algo didático, suave e agradável.

Antes de um aprofundamento, o leitor precisa se conhecer, saber de que forma cognitiva acontece seu processo de aprendizagem, identificar seu perfil e traçar

estratégias mais eficientes com o objetivo de possibilitar uma leitura menos exaustiva, mais suave e com maior possibilidade de absorção seletiva das informações passadas. Duas vertentes globais são consideradas e relevantes nesse traçado: velocidade e compreensão, consideradas abscissas norteadoras para uma estratégia de leitura adequada e personalizada, no sentido humano e no sentido material. Essa relação foi caracterizada por Carver. Velocidade média de leitura significa o número de palavras por minuto; o objetivo da leitura também é considerado, conforme quadro a seguir:

Tabela 1 - Objetivos e modalidades de leituras

Tipo de Leitura	Objetivo da Leitura	Velocidade média de leitura
scanning	Leitura rápida em busca de informação específica	600
skimming	Leitura rápida na diagonal compreendendo o sentido geral do texto	450
rauding	Leitura corrente	300
learning	Leitura para estudo – relembrar informação	200
remembering	Leitura para memorizar e verbalizar	138

Fonte: CARVER (1990)

Há maneiras de leituras distintas quando tratamos de documentos em diversas formas. Um texto jornalístico ou científico, por exemplo, não recebe o mesmo tratamento que um texto de ficção, bem como para a compreensão de um cardápio de restaurante e uma poesia, estratégias diferentes são necessárias para cada formato que o texto pode apresentar.

Os artifícios utilizados pelo leitor a fim de possibilitar uma maior eficiência de entendimento textual é um jogo que envolve o poder de decodificação relacionado diretamente à compreensão do leitor e às estruturas linguísticas utilizadas pelo escritor. somente a frequência de leitura e continuidade dessa prática correlacionada aos processos descendentes e ascendentes abrirão avanços e elevação de percepção para textos mais complexos.

Já que tocamos nessas nomenclaturas dos processos correlacionados à estratégia de leitura do leitor, vale definir e caracterizá-las:

- leitura ascendente – o leitor decodifica os signos em ordem crescente, letras, depois palavras, frases, de maneira gradativa e extraindo o significado, incorporado de um perfil passivo de leitura;

- leitura descendente – sendo feita por um leitor com perfil ativo e o sentido é construído por meio do conhecimento pessoal prévio em concomitância com o texto;
- leitura interativa – há uma união entre o conhecimento de mundo e o conhecimento linguístico, abrindo a possibilidade de análise mais complexa, conseguindo solucionar ambiguidades textuais e selecionando a interpretação mais adequada naquele contexto.

Assim, a escolha ou abordagem de maneira cognitiva da estratégia e da modalidade de leitura vai depender do objetivo da leitura e, sobretudo, do perfil do leitor, do tipo de material e do seu interesse pelo conteúdo.

Ler é um hábito que, como outros, precisa de motivação e incentivo constante, seja quando criança, nas primeiras idades, seja de forma tardia. Vários são os agentes e as esferas da sociedade que podem colaborar nesse processo. A escola, a família, os professores, os bibliotecários e os pais são os protagonistas na formação do leitor.

Uma leitura sem compreensão pode ser ocasionada pela não fixação de objetivo de leitura. Goodman (1970) diz que “para entender como a leitura funciona é necessário entender por que os leitores leem”. Os objetivos de leitura são inúmeros, como já espanado anteriormente. De toda forma, a continuidade e a frequência com que isso acontece de maneira não obrigatória e, principalmente, de forma agradável fará toda diferença para que não seja uma ação isolada e sem constância.

A interpretação textual acontece de maneira diferente em momentos de leituras distintas. O mesmo leitor pode obter um significado diferente, caso leia o mesmo texto com outra intenção, em outro contexto.

A motivação para leitura nas idades iniciais ou intermediárias pode acontecer de maneira pessoal ou com incentivo de terceiros – agentes mediadores, como pais, professores e bibliotecários. Acreditar que se forma um leitor a partir apenas de livros de literatura infantil ou gibis é o maior erro dos mediadores do hábito de leitura, pois no primeiro momento, a busca e interesse será por assuntos que tocam e instigam a curiosidade. Pode ser que mesmo para um leitor iniciante, jovem, juvenil e/ou adulto seja mais conveniente ler algo sobre esportes, moda ou atualidades ao invés da literatura de obras clássicas literárias. O interesse é a descoberta da leitura como uma proximidade autônoma do desconhecido, fazendo com que leitor em formação obtenha respostas de maneira independente, compreendendo que pode alcançar verdades e conhecer diversas realidades ao, simplesmente, folhear de páginas.

Em cada idade, a motivação pela leitura se manifesta de uma forma. Na adolescência a área de interesse já não é a mesma da infância: informações para opções de lazer, shows, cinemas e lugares para socialização com os amigos acabam sendo as leituras informativas em alta. Daí por diante, os assuntos lidos entram em três grandes categorias: leitura profissional; leitura para informação e leitura para lazer.

Nesse sentido, vários estudos asseguram uma relação entre aquilo que se busca da leitura, a faixa etária e o desenvolvimento psicológico do leitor. Baseados em modelos psicopedagógicos, essa cronologia e interesses foram defendidos das seguintes formas:

Tabela 2 - Interesses de leitura

Estádios	Características	Interesses
Sensório-motor	Ritmo Movimento	Composições no âmbito infantil, temas relacionados ao mundo familiar, animais; álbuns simples; livros-jogos.
Pré-operacional - pré-conceitual - intuitivo	Função simbólica Egocentrismo Realismo Animismo Artificialismo	Temas familiares e conhecidos: lar, natureza, escola; fábulas e contos breves; livros de imagens.
Operações concretas	Interiorização progressiva do real; interesse pelo mundo exterior.	Literatura fantástico-realista: contos maravilhosos fantásticos e de aventuras; humor, histórias divertidas.
Operações formais	Síntese; individualização; generalização.	Reais, históricos, atuais; biografias documentadas; livros de humor, de esportes, de mistério, ficção científica e aventura.
Maturação	-----	Conhecimento do mundo

Fonte: CERVERA (1992); CERRILLO *et al* (2003)

A fase sensório-motor refere-se ao período do nascimento até os 2 (dois) anos, caracterizada por Cerrillo *et al* (2003) como ritmo e movimento, justamente por ser nesse estágio que a criança se impressiona com aquilo que vê. Cabe ao adulto, então, estimular essa curiosidade utilizando cores, sons e gestos. Bons instrumentos/ferramentas para essa finalidade são os álbuns de imagens, os livros de colorir e os materiais impressos em multiformes, com som e movimento.

O estágio pré-operacional compreende as idades de 2 (dois) aos 4 (quatro) anos na pré-conceituação, é nesse estágio que os pré-conceitos e os entendimentos dos primeiros signos verbais são adquiridos; a etapa intuitiva firmada a partir dos 4 (quatro)

aos 7 (sete) anos, nesse momento, o conhecimento acontece de forma direta, associando signos e significados, já apresentando um objetivo de leitura.

Na fase das operações concretas, entre 7 (sete) aos 12 (doze) anos, há uma interiorização, organização e classificação lógica individual do conhecimento, estratégias e conclusões racionais acontecem por meio de analogias ou forma de pensamento coerente. A convivência no âmbito escolar colabora para uma transição interior importante, saída do egocentrismo para o sociocentrismo e o entendimento de mundo por meio do convívio com outros, podendo, nessa fase, ainda ser percebida a presença da ludicidade na leitura.

As operações formais, consideradas por Cervera (1992), correspondem à faixa dos 12 (doze) aos 15 (quinze) anos, e o jovem leitor de maneira natural perde o interesse gradativo por leituras lúdicas, buscando como alvo assuntos mais reais, históricos, humorísticos e contemporâneo.

A maturação é a maturidade do leitor propriamente dita e a capacidade de cada vez mais compreender a complexidade textual por meio do seu conhecimento de mundo.

A leitura tem papel importante em qualquer fase da vida, mas é nas idades iniciais que se forma um hábito de leitura de maneira natural, sem sofrimento e de forma cognitiva. Não se nega a possibilidade de uma formação tardia da rotina de leitura, todavia será um processo com quebra de paradigmas e preconceitos do sujeito, uma mudança do perfil e interiorização dos benefícios dessa prática. A infância ainda é o período ideal para formar um leitor habitual.

2.5 Leitura e mediação

O domínio da mediação cabe aos pais e aos educadores que devem aplicar ações de intervenção, ressaltando que os modelos humanos servem como norteadores de conduta e exemplos positivos a serem seguidos. Não é diferente com a leitura, espelhar-se em alguém abre um leque e serve de ponte entre o indivíduo e o livro.

Muitos autores caracterizam a mediação com recursos didáticos em constante evolução com foco na busca pelo conhecimento. Nessa busca, os mediadores são responsáveis por estimular, aconselhar e entender os perfis dos leitores, desenvolvendo assim o prazer da leitura. Cerrillo *et al* (2003) destacam as principais funções do mediador, são estas: criar e fomentar hábitos estáveis de leitura; ajudar a ler por ler;

orientar a leitura extraescolar; coordenar e facilitar a seleção de leituras por faixa etária e, por fim, preparar, desenvolver e avaliar animações de leitura.

O desconhecido é ignorado, excluindo a possibilidade de ser alvo de interesse do leitor, compete ao mediador justamente este papel de apresentar dúvidas, de aproximar o sujeito do objeto, isto é, o indivíduo do livro e de seguir acompanhando-o nesse processo de descoberta, com inteligência estratégica a ponto de não interferir de maneira imperativa nas escolhas de leitura.

Características essenciais são necessárias para que o mediador consiga cumprir com êxito essas funções: partilhar e transmitir o gosto pela leitura; ter em seu perfil qualidades como imaginação e criatividade; ser também um leitor habitual; ser capaz de promover a interação, integração e participação, ter domínio e formação mínima literária, didática e psicopedagógica. Para além dos expostos, há a questão do objetivo de interesse do leitor, logo, a aproximação do assunto do livro pode facilitar de maneira absurda a função do mediador. Silvia Castrillón (2011) trabalha estratégias que concomitantemente corroboram na formação do leitor e se adequam ao perfil do educador, sendo elas: o desenvolvimento teórico em torno da formação docente/mediador e a diversidade de obras, formando um acervo com boa referência e diversificados títulos que, simultaneamente, atendam aos interesses de leitores distintos. Vale lembrar que a formação do professor ainda é firmada pela autora Léa Anastasiou (2012), que reforça a formação continuada docente com necessidade das práxis epistemológicas e o aprender-a-aprender dos discentes.

Mas a educação não é feita apenas no âmbito escolar, a escola tem papel de transmitir o conhecimento científico em diversas áreas, mas não se pode confundir educação com escolarização, Mário Sergio Cortella (2014) define que a primeira é responsável pela formação de uma pessoa, transmitindo moral e princípios éticos, já a segunda é apenas uma parte da educação. O mediador escolar – exemplificado aqui no papel do professor e bibliotecário – auxilia a família na educação do jovem fazendo o que chamamos de escolarização. Nesse prisma, os agentes da mediação vêm também do ambiente familiar por meio do incentivo prazeroso da leitura feita pelos pais ou pelos responsáveis.

Diante de toda literatura já revisada e fundamentada, entende-se que o incentivo da leitura deve acontecer nos primeiros anos da criança, tendo a consciência de que no estágio sensório-motor, a partir dos dois anos, o papel do pai como mediador pode ser decisivo para que seu filho construa a rotina do ato de leitura durante toda vida. O livro

deve ser frequente no ambiente familiar, não apenas com objeto “calado” ou decorativo, e, sim, como fonte de conhecimento autônomo, um mundo com várias respostas para dúvidas constantes. Incentivar a leitura domiciliar deve caminhar tal como o incentivo à recreação por intermédio de brinquedos por exemplo. E por que não transformar o livro também em um objeto de lazer?

Cada vez mais é absorvida, nos lares, a consciência de que cabe aos pais o papel de mediar, instigar a leitura em voz alta nas primeiras idades, ressaltar a importância da presença física de uma biblioteca em casa e dar o exemplo sendo um progenitor com hábito de leitura. Reforça tal informação.

Ele continuará a ser um bom leitor se os adultos que o cercam alimentarem o seu entusiasmo em vez de tentarem provar a sua competência, se estimularem o seu desejo de aprender em lugar de lhe imporem a obrigação de recitar, se o acompanharem no seu esforço sem esperarem contrapartidas, se aceitarem perder noites em vez de procurarem ganhar tempo, se fizerem vibrar o presente sem acenar com a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em trabalho forçado o que era um prazer, se mantiverem esse prazer até se transformar em rotina, se edificarem essa rotina sobre a gratuidade da aprendizagem cultural, e se ele próprio descobrir o prazer dessa gratuidade. (PENNAC, 2000, p.53)

A obrigação da leitura não deve ser uma ação aplicada como motivação e incentivo, Christian Poslaniec (2006) considera a cumplicidade e convivência prática muito mais enriquecedora e capaz de despertar nos filhos, de forma progressiva, a rotina de leitura, o acompanhamento frequente a fim de visualizar o avanço da criança se faz necessário como feedback desse processo.

A instituição de ensino entra com o papel educativo no ensino de disciplinas, ciência, conceitos gerais e específicos, formação cidadã e tem função de agente ativo no processo de mediação da leitura iniciada em casa (considerando que realmente houve essa mediação familiar). Não deixando de levar em consideração que em muitos lares, os pais não agiram como promotores da rotina e proximidade de seus filhos com o livro, obrigando a escola desenvolver esse papel de maneira tardia.

A indissociabilidade entre escola e leitura é mais que evidente, sendo uma entre várias das suas atribuições institucionais a intermediação do aluno em diversas etapas de sua vida acadêmica com o mundo da leitura.

Visíveis pela pluralidade de alunos recebidos na escola, a diversidade cultural e socioeconômica são desafios reais vivenciados no dia a dia dos agentes educacionais, vários são os níveis de afinidade entre discentes e os livros, há alunos com uma rotina

diária de leitura, outros com rejeição a esse objeto, porém fatores diversos não podem ser considerados obstáculos insuperáveis, e sim mais um desafio acadêmico.

A escola possui mecanismos didático-pedagógicos em sua maioria desconhecidos pelas famílias, isso ajuda no incentivo da leitura no ambiente escolar. A preocupação não deve ser apenas para que o aluno tenha rotina de ler, e sim que desenvolva o gosto por ler. O livro não deve ser encarado apenas como um instrumento didático, mas como meta educacional para finalidade do processo de rotina agradável de leitura, descoberta de modo independente do conhecimento, o que de certa forma será até um benefício docente, já que o aluno conseguirá obter respostas sem auxílio do professor, apenas com um mergulho no mundo dos livros.

A biblioteca tem um papel que vai além daquele que muitos supõem. Ela não é apenas um repositório de conhecimento e cultura a manter suas portas abertas ao público, que consulta um vasto acervo para alguma pesquisa ou toma emprestado um bom título para o deleite literário. Trata-se de uma instituição que deve, por exemplo, incentivar a leitura e exercer também um papel pedagógico na escola. A literatura aborda alguns tipos de bibliotecas, que são classificadas pelo formato de criação, pelo público alvo e pelos materiais que possuem, entre algumas possibilidades nesse trabalho devemos nos ater à definição de: biblioteca escolar, localiza-se em escolas sendo organizada para integrar-se com a sala de aula e participar do desenvolvimento do currículo escolar, funcionando como um centro de recursos educativos, além disso tem como objetivo primordial o desenvolvimento e fomento à leitura; e a biblioteca especializada, com finalidade de promover toda informação técnica em determinada área do conhecimento, como profissional, mecânica, direito, indústria etc.

No âmbito escolar, a biblioteca proporciona informação e conceitos fundamentais para sucesso social, desenvolvendo nos estudantes base para aquisição do conhecimento durante toda vida, formando ainda um indivíduo com comportamento cidadão, dando subsídio à escola para que esta deixe de ser uma transmissora informacional do conhecimento e incorpore o papel mediador no processo de construção do conhecimento.

A biblioteca escolar tem papel indispensável no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo no dever pedagógico e cognitivo do ser, constituindo-se em um espaço para desenvolvimento de competências na busca e utilização da informação, catalisando, ainda por consequência, o aprendizado ao longo da vida.

Lourenço Filho (1946, p. 3-4) destaca a importância pedagógica da biblioteca:

Ensino e biblioteca são instrumentos complementares [...], ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a alternativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto.

Um dos objetivos principais da biblioteca escolar é oferecer livros e materiais didáticos para alunos e professores, além de oferecer uma infraestrutura bibliográfica e audiovisual para todos os alunos do ensino fundamental e médio. Quanto ao acervo da biblioteca escolar, este deverá conter materiais bibliográficos de autores diversificados, em uma quantidade que dê suporte ao seu corpo técnico, discente e docente.

O bibliotecário escolar, agente direto nesse processo de letramento, age em parceria com o docente na escolha de bibliografias diversas, interessantes, assuntos mais procurados não existentes no acervo e promoção de eventos que estimulem o prazer da leitura.

O professor, em contato diário e íntimo com o aluno, deve apresentar um perfil ainda mais motivador, aguçando a curiosidade de seus discentes, estimulando e tendo ações efetivas para fomentar o interesse pela leitura. A voz do professor é a voz do livro, uma leitura em voz alta tem o poder de ativar campos cerebrais que não são atingidos na leitura silenciosa. Há diferentes habilidades de inteligência, como a musical, em que a memória faz associação do que foi ouvido com algo de conhecimento pessoal, fazendo com que o ouvinte tenha ganhos, além de uma leitura silenciosa. A interação entre leitor e ouvinte também acontece de forma mais presente com uma leitura em voz alta, possibilitando, assim, uma relação mais relevante e dinâmica para ambos. Essa importância foi levantada por Pennac (2000, p. 114):

Qualquer voz, seja ela do pai, da mãe, da avó ou do professor, se revela o mais nitidamente possível nas situações representadas, colocar cenários, incarnar as personagens, sublinhar os temas e acentuar as nuances.

A parceria entre pais e escola impacta de maneira positiva na rotina aprazível do jovem leitor, a união entre esses mediadores constrói uma sequência firme e rica, um ciclo constante não havendo início ou término do hábito de ler. Sendo que o hábito deve estar sempre presente em casa e na escola, daí por diante acontecerá em qualquer ambiente que o leitor adulto esteja.

3. CONTEXTO HISTÓRICO DA LEITURA E DAS BIBLIOTECAS NO BRASIL

O importante é motivar a criança para leitura, para a aventura de ler (Ziraldó, 1993).

A pesquisa em questão foi desenvolvida com base em fenômenos situacionais, porém, buscou entender o roteiro histórico trilhado pela leitura, pela biblioteca e pela educação. O perfil dos agentes das bibliotecas também é uma construção histórico-social, o desenrolar de fatos passados respondem muitas perguntas do presente. Deste modo, este capítulo colabora na elucidação e entendimento do porquê de muitas questões atuais, pois olhar pelo retrovisor da história é necessário para entender o hoje e caminhar para uma melhor direção no amanhã.

3.1 No Brasil

Uma retomada histórica no período marcado pela chegada dos portugueses ao Brasil se faz de grande importância. A vinda dos jesuítas com a finalidade de catequizar e transmitir os primeiros ensinamentos aos “nativos” aqui existentes pode ser considerado o início do hábito de leitura que foi construído com a doutrina da língua, decodificação dos símbolos linguísticos, escrita e toda cultura do povo português, esse processo acontece de forma gradativa, porém impositiva. A educação passada pelos membros da Companhia de Jesus visava conversão à fé cristã, aumentando o número de católicos pelo mundo, uma vez que a Europa estava sofrendo com o crescimento da Reforma Protestante.

Logo depois, o hábito de leitura no Brasil é, inicialmente, percebido de maneira hegemônica. No período colonial, as bibliotecas particulares existiam apenas para pessoas com profissões renomadas na época, como advogados, médicos, militares, licenciados, professores, ou ainda, para famílias tradicionais e com reconhecimento social. Ter um pequeno acervo em casa era para poucos, o acesso aos livros era tido como algo divino, fonte de saber e elemento de poder, o que caracterizava um certo *status* intelectual àqueles que os possuíam.

Ser letrado, outrora, significava ter o conhecimento literário e o domínio da leitura e da escrita, é esse conhecimento ou qualidade/capacidade do sujeito que vai desencadear

o pensamento crítico e a desalienação do cidadão, não havendo uma obediência cega e, assim, abrindo margem para muitos questionamentos e insatisfações sociais.

O ato da conjuração mineira, século XVIII, foi uma das primeiras amostras do poder crítico que a leitura pode proporcionar. Ressaltando que foi encabeçada por grandes poetas e literários da época, como: Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e Tomas Antônio Gonzaga, que questionaram os desmandos da Coroa Portuguesa, seja utilizando-se dos seus textos para crítica, seja por discursos discretos. É incontestável que os pensamentos dos inconfidentes ressoaram pela comunidade leitora, formando cada vez mais adeptos à ideologia separatista.

Outro movimento em que podemos visualizar o poder crítico e transformador da leitura no Brasil se deu no século XIX, autores e intelectuais da época, como: Alvares de Azevedo, Castro Alves, Fagundes Varela e José de Alencar inconformados com a situação de desprezo e displicência com a literatura romancista da época, se rebelaram contra o sistema editorial brasileiro, lutando para a independência de publicação em terras nacionais, uma vez que as obras ainda eram analisadas por uma mesa censória instituída pelo Marquês de Pombal e editados na Europa, em países como Portugal, França ou Bélgica (ZILBERMAN, 2005).

Considerado como o século que impulsionou a prática de leitura, o século XIX foi cenário para feitos consideráveis, como a implantação da Imprensa Régia, em 13 de maio de 1808, na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para disseminação de obras nacionais, o que alavancou a literatura brasileira. O século XIX é marcado ainda pela presença e auge profissional de escritores notáveis, como os romancistas citados no parágrafo anterior. Mas nem tudo aconteceu de maneira positiva, o público consumidor/leitor das obras ainda era insignificante, sendo necessário que os autores recorressem às pessoas influentes, ou até mesmo à família real para auxílio e fomento da publicação de seus livros.

A proclamação da república em 1889 criou esperança para dias melhores e o século XX foi esperado pelos intelectuais, como renovação e enriquecimento cultural no campo do livro, da leitura e, principalmente, na educação brasileira. Porém a desigualdade social ainda era latente. Após a abolição dos escravos ainda tínhamos uma população negra não inserida de forma adequada à sociedade, e o número total de crianças matriculadas nas escolas primárias estava em 29 alunos para cada 1.000 matrículas ofertadas.

A revolução do ensino e da leitura nas escolas ganhou novo folego com o questionamento e possibilidade de introduzir a Escola Nova. A discussão era acerca da implantação de uma escola dinâmica, dicotômica aos moldes passivos da educação tradicional, e, aos poucos, novas ressignificações para o livro e para a biblioteca escolar surgiam. Vidal (2000, p. 343-345) destaca que:

Assim como a leitura assumia um papel de destaque na formação intelectual dos educandos, o livro, de simples depósito da cultura universal, passava a ser visto como fonte de experiência. Um novo campo de investigação se instituiu. Essa nova função do livro parecia precisar de explicitação. O discurso sobre ler, nos anos 1920 e 1930, muitas vezes vinha precedido de uma avaliação da importância do livro para a Escola nova. [...]

Liberdade de escolha, ambiente agradável, livros selecionados e ao alcance das mãos, mesmo que pequeninas, traziam a leitura para o contato próximo do aluno. Em lugar de reverenciado, o livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor, transformado em instrumento de seu deleite ou trabalho.

A década de 1920 é tida como o período de aproximação entre os livros e as crianças, sendo (os livros) considerados como instrumentos didáticos que impulsionam a descoberta infantil. Sabendo que nas primeiras idades a ludicidade é característica atrativa para leitura, Monteiro Lobato se destaca como pioneiro nesse processo autoral de emancipação literária. Na obra “sítio do pica-pau amarelo”, o autor constrói uma relação de fascínio e curiosidade, conseqüentemente a leitura se torna um grande prazer para a criança. Suas obras possuem D.N.A e características marcantes, Zilberman, (2005, p. 23-24) ressalta:

Monteiro Lobato é particularmente original: 1- o universo das suas personagens, ao menos as principais, aproxima-se do universo das crianças e permite-lhes identificação imediata, pois Narizinho, Pedrinho, Emília e o Visconde ‘mimetizam o comportamento delas’; 2- as personagens lobatianas, na sua maioria, são inteligentes e independentes e têm toda liberdade de criar, tomar iniciativa e resolver problemas; 3- tanto as personagens que assumem a forma de crianças humanas quanto os bonecos estão inseridos na vida brasileira, constituindo-se como autênticas criaturas nacionais.

Avançando na história, tivemos a lei nº 5.692, de 1971, que promove uma reforma na educação brasileira, instaurando um ensino fundamental com duração de oito anos e um novo currículo para instituições de ensino. A consequência disso são os fatores sociais evolutivos acarretando em um maior número de crianças matriculadas, o que significa que o processo de educar começou a sair dos lares e entrou definitivamente na escola, desse modo os pais deixaram a cargo dos professores toda transmissão de educação e,

principalmente, escolarização de seus filhos. O docente é tido como autoridade e tem total aval familiar na formação infantil.

O quadro político e social são gargalos frequentes na disseminação do gosto pela leitura. Muitos autores utilizam suas obras de maneira inteligente, mantendo um diálogo sutil com o leitor, trazendo, de maneira implícita, o cotidiano de questões políticas e sociais à tona para reflexão. Isso foi o que aconteceu não apenas na literatura, mas também em áreas culturais, como na música, no teatro e no cinema, durante o período de 1964 a 1985.

O que temos hoje é um reflexo das batalhas e traumas históricos de um país formado com base na exploração natural e humana, e que, conseqüentemente, encontra-se em busca pela reformulação dos seus traços culturais. A formação inicial e continuada dos educadores acadêmicos deve ser constante e atualizada de acordo com a realidade social. É certo que a forma de conduzir o processo epistemológico da leitura precisa sofrer adequações sempre que necessário, a importância do livro não como objeto decorativo, mas, sim, como fonte de conhecimento e formação cidadã que construirá a base para uma educação rica com tendência para gerar uma população com consciência crítica, a fim de consolidar e efetivar a escrita registrada em nossa bandeira nacional, uma sociedade em constante “Ordem e Progresso”.

3.2 No Distrito Federal

A realidade da educação no Distrito Federal apresenta peculiaridades que devemos considerar: a maioria dos jovens estão inseridos na escola por meio de instituições públicas; há um abismo socioeconômico muito bem delineado e a localização das escolas tem um importante papel nesse aspecto, pois sabe-se que as instituições públicas localizadas no centro da capital são as com melhor qualidade de ensino, aliado ao conhecimento de que os bairros com baixo poder aquisitivo têm maior número de alunos em escolas públicas do que os bairros da classe A ou B, também é lógico pensar que a geografia e a distância entre as cidades satélites são peculiaridades que contribuem para um deslocamento cansativo do discente até a chegada à escola. As competências dos docentes seguem esse espaçamento cultural regional, uma vez que os índices de violência, analfabetismo e evasão são mais notados justamente em áreas mais carentes, acarretando em variáveis que precisam ser administradas e superadas pelos professores.

A base econômica no DF é uma situação bem atípica dos demais estados brasileiros, interferindo diretamente no currículo pedagógico da educação básica. Enquanto algumas regiões têm a economia fortalecida com a pecuária, a agricultura, o turismo ou mesmo pelo setor industrial, verificamos aqui um grande número de servidores públicos, sejam federais ou estaduais, formando uma cultura que as instituições de ensino elaboram estratégias e diretrizes pedagógicas voltadas para o acesso à educação superior ou o ingresso no serviço público.

Como dito, a extensão territorial é uma variável adversa na educação. Uma vez não havendo vaga disponível nas escolas próximas à residência, o aluno necessita deslocar-se (muitas vezes) por meio de transporte público, o trajeto pode levar horas causando um desgaste físico e desinteresse por parte do discente pelo conteúdo passado em sala de aula.

Dados recentes divulgados pelo IDEB e publicitados pelos veículos midiáticos mostram que a taxa de insucesso em todo Brasil, caracterizada pelas evasões e reprovações, chega a 23,6% no primeiro ano do ensino médio em escolas públicas. A nota de qualidade no Distrito Federal na mesma fase escolar ficou em 4,1, abaixo da meta fixada de 4,9. Os dados locais demonstram desinteresse dos alunos que são afetados diretamente por duas características: a falta de infraestrutura da maioria das escolas e a dupla jornada entre escola e trabalho, uma vez que essa é a realidade da maioria dos alunos pertencentes aos dados e oriundos de famílias socioeconomicamente desfavorecidas.

Uma ressalva é necessária nesse momento, todo quadro educacional abordado até aqui está ligado diretamente à leitura, já que no DF a maioria dos alunos está na educação pública – como já dito anteriormente – e o professor age como único mediador em grande parte dessa comunidade. Entender as realidades sociais, emocionais e econômicas dos alunos é essencial para compreender a educação, rotina de leitura e, principalmente, traçar estratégias a fim de potencializar quaisquer fatos positivos existentes.

As escolas públicas situadas no coração de Brasília são as mais procuradas pelos pais, possuem alto índice de aprovação no vestibular de universidades federais, formam profissionais melhores capacitados para o mercado de trabalho e são as com mais incentivo ao hábito de leitura, realidade oposta daquela vivenciada nas cidades satélites.

A prática de leitura deriva de todas as condições levantadas anteriormente, sendo uma relação intrínseca entre professor e aluno, principalmente, com a existência ou não de uma biblioteca escolar. O quadro das bibliotecas no Governo do Distrito Federal é algo

preocupante e insatisfatório, os funcionários lotados nesse setor são, em sua grande maioria, professores em readaptação, com problemas em sala de aula, com problemas de saúde, ou dificuldade de relacionamento com colegas de trabalho. Poucas, ou melhor, pouquíssimas são as escolas públicas que possuem a presença de um profissional de biblioteconomia à frente da biblioteca. O incentivo à leitura cabe, na maioria das vezes, ao docente de língua portuguesa que desiste de construir uma rotina de leitura em seus alunos, por não ter condições mínimas de infraestrutura, recursos financeiros e, principalmente, uma ideologia institucional.

Percebe-se que o Programa de Avaliação Seriado (PAS), porta de entrada para a Universidade de Brasília (UnB), é o maior norteador e indicador de literatura nas escolas do DF, muitas vezes são as únicas obras lidas pelos alunos em todo ensino médio, essa exigência de leitura é alterada em escolas que os professores têm consciência do seu papel de mediador da leitura e em escolas com programas de incentivo à leitura estabelecidos no documento do Projeto Político Pedagógico (PPP), visto que não existe uma lei orgânica que fomente a leitura nas escolas do GDF.

Outra vertente que deve ser considerada, quando o assunto abordado é o PAS, está na aplicação de provas. Ao final de cada ano letivo do ensino médio, o aluno é avaliado com o conteúdo daquele ano, o que, de modo geral, é positivo dado que a interdisciplinaridade consta com uma das características da prova aplicada pela Universidade de Brasília e a leitura de todas as componentes curriculares se faz necessária, esse fator ainda atinge o perfil docente, interferindo na metodologia e, principalmente, na didática utilizada em sala de aula, obrigando o professor a procurar uma formação continuada interdisciplinar. Aluno em sintonia com as atualidades e com hábito de leitura plural, torna a aprovação no vestibular uma realidade possível, basta dedicação aos estudos de forma geral, em disciplinas de ciências exatas, de ciências humanas e ciências biológicas. Obter uma aprovação no vestibular torna-se impossível sem uma rotina diária de leitura ampla.

Um dado disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), em 2003, mostra que, em Brasília, o curso de Letras é o mais ofertado pelas instituições de ensino superior. Esse dado ainda é chancelado pelos presentes números de matriculados na UnB, onde o curso de letras é o que tem maior quantidade de alunos entre todos disponíveis. A realidade regional pode ser explicada diante da possibilidade em fazer-se uma graduação que abra conhecimento para aprovação no serviço público – atividade econômica preponderante no DF – por exemplo, devido ser

um curso sem muitos custos como outros de nível superior e por ter uma grande absorção do mercado de trabalho no setor privado.

Essa quantidade de graduados em letras forma cidadãos com consciência das vantagens da leitura, a cultura social possibilita projetos pioneiros nessa seara, como: o açougue cultural *T-bone*³, localizado entre as quadras 312 e 313 Norte, que desenvolve cultura, educação e leitura em Brasília por meio de eventos que reúnem centenas e até milhares de pessoas. Idealizado e administrado por Luiz Amorim, o açougue abriu uma biblioteca pública em seu interior no ano de 1994, o projeto foi crescendo e, cada vez mais, atraindo apaixonados por leitura e curiosos em visitar o ambiente distinto dos tradicionais. A democratização da leitura abraçada por Amorim cria ainda a “Parada Cultural”, livros doados pela população são expostos em pontos de ônibus ao longo da avenida W3 Norte (uma das principais da capital). Não há um controle de empréstimo ou alguém para controlar essas obras, tudo acontece de maneira consciente e o voto de confiança é dado ao usuário que tem a noção de devolução e, até mesmo, a alimentação desse acervo.

Outro projeto desenvolvido pelo açougue *T-bone* é o chamado de “Encontro com Escritores”, contando com a presença de autores renomados que participam de roda de conversas estabelecendo certa proximidade entre leitores e grandes nomes da literatura.

Brasília ainda tem uma legislação no tocante à ressocialização, o projeto de remissão de pena por meio da leitura, nomeado de “Ler liberta: uma perspectiva de ressocialização nos estabelecimentos penais do Distrito Federal”, regulamentado pela portaria VEP nº 10, de 17 de novembro de 2016, na qual o preso/interno tem a remição de pena por meio da leitura na proporção de 4 (quatro) dias de pena para cada obra literária efetivamente lida e avaliada com a escrita de uma resenha, que será analisada por professores do núcleo de ensino do estabelecimento prisional. Tal projeto visa a formação da consciência social e convalida o poder transformador e indiscutível que a leitura pode proporcionar.

Dados extraídos do Índice de Analfabetismo Funcional (INAF) mostram que muito ainda há que ser feito na educação brasileira, temos um quadro de analfabetismo preocupante, são 2,5% de habitantes com idade superior a 15 anos ainda analfabetos. A situação se torna mais grave quando consideramos o analfabetismo funcional, esse índice sobe para 3 em cada 10 habitantes a partir da mesma idade. Mesmo com o aumento da

³ www.tbone.org.br

escolaridade média dos brasileiros, o nível de alfabetização não segue a mesma proporção. A fragilidade da escola está no equívoco daquilo que deve ser ensinado aos jovens, uma vez que a sociedade é um organismo vivo em constante modificação e a escola deve acompanhar essa realidade, mais ainda, deve considerar a pluralidade socioeconômica e cultura existente em seu espaço.

3.3 A leitura e a biblioteca

Tal qual a mutabilidade social ao logo dos anos, a inversão de valores, as transformações científicas, a reformulação de hábitos pessoais, as inovações tecnológicas e os centros de informação anteriormente apenas conhecidos como biblioteca e limitados à guarda física de livros em formato impresso, também foram atingidos com a evolução global.

Em 1976, a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) definiu o termo “biblioteca” como: “toda a coleção organizada de livros e publicações, periódicos impressos ou de quaisquer outros documentos [...]”, bem como os serviços ofertados por pessoas que trabalhem nesse setor, a fim de criar facilidades aos leitores, familiarizando-os aos documentos disponíveis, sejam com finalidade de investigação, de informação, de educação ou de lazer (Silva, 2002). Em outro prisma, Manguel (1997) defende a máxima “acumulação de conhecimento não é conhecimento”, o que faz bastante sentido, as definições são bem distintas, no entanto a relação entre elas é direta, causando uma confusão entre os dois termos.

O acesso à informação tornou-se combustível para evolução pessoal e social, a formação para os letramentos acontece de maneira natural ao modo que o leitor vai criando proximidade com a leitura e ampliando sua visão de mundo, construído conhecimento com base nas informações. A biblioteca ganha novas atribuições, sendo responsável na promoção e disponibilidade desses subsídios.

A função e serviços ofertados pela biblioteca por si só vão de encontro à democratização da leitura, entre alguns tipos desses centros de informação podemos levantar:

- Biblioteca escolar – serve como fonte de informação a um público acadêmico específico, mesmo sendo destinada à educação tem características restritas, limitada e, muitas vezes, sua bibliografia está vinculada ao currículo escolar. Presente e personalizada para a realidade de seu público local, também está

vinculada diretamente à instituição de ensino onde se encontra instalada. Haja vista a citação: “uma parte vital da educação obrigatória e gratuita [...], essencial ao desenvolvimento da personalidade humana, bem como ao progresso espiritual, moral, social, cultural e econômico da comunidade” (Declaração política da IASL, 1993).

- Biblioteca pública – instalada além dos muros da escola, tem por função a emancipação social de onde funciona, estando vinculada diretamente ao governo distrital, municipal, estadual ou federal. Seu acervo é plural e o acesso livre, assim tem características que atingem um grande público, podendo ainda ser frequentada em qualquer fase da vida (Silva, 2002). Está estabelecida então a “porta de acesso local ao conhecimento”, a “força viva para a educação, cultura e informação, e [...] agente essencial para promoção da paz e do bem-estar espiritual através dos pensamentos dos homens e mulheres” (Manifesto da Unesco, 1994).
- Biblioteca especializada – mantidas por uma associação, parlamento, centro de investigação, sociedade erudita, museus, câmara comercial, setor industrial, instituição de ensino com finalidade específica ou qualquer outro organismo cujo os fundos sejam destinados à construção de seu acervo em títulos específicos, a fim de alcançar a missão do órgão mantenedor.

Hoje, as bibliotecas fazem parte de uma sociedade de informação e conhecimento, desempenhando o papel além de apenas preservação, guarda e divulgação, sua função é viva, colabora na emancipação do cidadão e na autonomia do conhecimento. Antigos acervos formados por livros de placas de argila, papiros e pergaminhos, destinados apenas ao restrito público nobre da época, hoje dão espaço aos centros gigantescos de acesso livre, formatos digitais e com espaços virtuais em plataformas da internet.

A profundidade da relação entre biblioteca e leitura merece um mergulho mais intenso, assim como a magnitude dessa ligação. Educação interferindo no mercado de trabalho e a interferência desse no currículo escolar, de modo que a leitura e a biblioteca fazem intercessão nessa cissiparidade, contribuindo para uma evolução social nos dois prismas, devem ser igualmente entendidos. Na Era da informação – leitura e biblioteca afetadas por inovações tecnológicas –, o papel do bibliotecário contribuindo como mediador no letramento da informação e entendimento do mundo das bibliotecas. E uma

reflexão acerca da globalização na educação e, conseqüentemente, no trabalho, serão assuntos tratados de forma mais abundante na seção seguinte.

4. A BIBLIOTECA NA ERA DIGITAL: UM BEM CONTEMPORÂNEO

Ler é gostoso demais. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça. Ninguém é obrigado a gostar de cara. Tem de ler dois, três títulos, até encontrar um que nos desperte (Ana Maria Machado-1999).

Novos tempos trazem novas ferramentas e a definição de modernidade toma por referencial a época vivida. Na área educacional não é diferente, há que se compreender que novas tecnologias interferem na sociedade e chegam às salas de aulas, afinal, o ambiente escolar é reflexo da sociedade em que está inserido. Os meios de consulta à informação precisaram adaptar-se, é nessa linha atual que a investigação trabalhou, mostrando como novos avanços tecnológicos forçaram uma reformulação do espaço das bibliotecas e dos profissionais que nelas atuam. Avanços que podem ser utilizados de forma positiva, transformando a leitura em um ato diário, sem barreiras de tempo e espaço.

4.1 Tecnologia e leitura

Conhecida como Era Tecnológica ou Era Digital, essa definição caracteriza o período posterior à Era Industrial – Terceira Revolução Industrial – na qual com os adventos da informática e da internet em relação à informação se tornam um bem valioso, podendo subsidiar e possibilitar o poder econômico e político-social.

Associada aos avanços das técnicas atuais, em uma sucessão clara à agricultura e em seguida industrial, a Era Digital vem para fechar um ciclo da evolução social do trabalho e dos bens de valorização dados à formação humana.

A informação caminha paralela ao conhecimento, todavia é importante salientar que não se trata do mesmo objeto, sendo a informação a ferramenta de armazenamento, memorização e obtenção para alcance do conhecimento.

A interação mundial vivida com a globalização, os avanços tecnológicos da ciência, a quebra das barreiras territoriais e a criação da internet, potencializaram a informação e determinaram uma Era Digital com compartilhamento e difusão de saberes, competências, culturas e técnicas. O meio técnico científico informacional caracteriza

esse processo de integração e formação do espaço originário das técnicas digitais, até então não existentes, possibilitando de forma inacreditáveis os fluxos sociais, linguísticos e socioeconômicos.

Vale ressaltar que a Era da Informação e o valor agregado a esse “bem” se tornaram possíveis devido à criação da internet, e, como todos sabemos, essa não é uma área de total segurança, não há paredes, sendo assim, considerada terra de ninguém, colaborando muitas vezes para uma cultura de massa com poder devastador. Entre divergências e concordâncias, não tem como negar que a Era Tecnológica está ligada diretamente à Globalização e à interação mundial. Anteriormente, o conhecimento estava destinado ao clero e posteriormente ao capital, que no caso era posse da burguesia. Hoje, percebemos uma sociedade em que a sapiência e a informação se concretizam objetivamente em capital, quebra barreiras, limites geográficos e está disponível a todos, sendo que o papel de receptor e produtor de informação é unificado, a fim de contribuir com novas ideias e ações.

4.2 A leitura, a biblioteca e o papel do bibliotecário no letramento na Era da informação: readequações necessárias.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) como dispositivos para universalização da educação na Era da Informação, fazendo com que crianças, jovens e adultos se deleitem e se dediquem a tais atividades em qualquer momento ou lugar.

A cultura digital e a Era da Informação são exploradas pela biblioteca, essa interferência é percebida com as bibliotecas digitais e mais recentemente com as bibliotecas virtuais, atendendo às demandas dos alunos em quaisquer formatos que esses desejam. O hábito de leitura pode caminhar lado a lado com a chegada das tecnologias, possibilitando o acesso dos interessados à informação com um simples toque na tela de um celular ou acessando o computador mais próximo.

O crescimento das informações disponíveis na sociedade são estímulos aos educadores envolvidos no processo de letramento contemporâneo. As metodologias desenvolvidas pela biblioteconomia têm por finalidade facilitar o acesso ao conhecimento e, por vezes, trabalhar no desenvolvimento de habilidades, consequentemente gerando autonomia de busca pelo conhecimento ao longo da vida.

O termo letramento até aqui tratado como conhecimento de mundo, ganha abrangência específica com a definição de letramento informacional sendo um passo à frente do que até então discutimos aqui, tornando-se um complemento ao papel educativo da profissão bibliotecária, possibilitando ao aluno entender os mecanismos, existentes devido à Era da Informação, encontrando de maneira eficiente o assunto desejado em meio à infinidade de informações existentes.

O serviço de referência consta como início do letramento dado por esse profissional, ajuda no entendimento das estruturas específicas à biblioteconomia, possibilita o que chamamos de letramento da informação ou letramento informacional, que é essa capacidade de aprender de maneira independente como funciona a estrutura do acervo da biblioteca, como os livros estão classificados ou como se localiza a informação desejada em meios impressos/digitais e/ou virtuais.

O bibliotecário tem competências específicas e é responsável pela formação do indivíduo na epistemologia informacional. Além disso, promove a autonomia do aprender a partir de informações (viés educacional dos “estudantes”), esse agente educativo desenvolve ações que possibilitem melhorias na capacidade de leitura e pesquisa. Os serviços criados no ambiente da biblioteca são focados no estímulo do hábito pela leitura, que por sua vez proporcionam o letramento por meio da informação.

O profissional da biblioteconomia junta-se à equipe pedagógica no ambiente escolar, sendo um forte aliado no aprender e ensinar acadêmico: produzindo projetos de incentivo à leitura e toda parte de responsabilidade que necessite da parceria entre o bibliotecário e o professor, cooperando na separação, busca e filtro de materiais adequados e necessários para aula, oferecendo ainda uma bibliografia complementar e referências que vão além daquelas conhecidas pelo docente ou disponíveis na escola.

4.3 O bibliotecário e a pedagogia do letramento informacional

O letramento como uma característica social tem evolução e fases de aprimoramento: dictografia, oral, bibliográfica e eletrônico, sendo o último uma necessidade do século XXI de dominar informações por meios eletrônicos, gerando assim um “novo letramento”.

O letramento informacional pode ser visualizado em escolas com o projeto político pedagógico (PPP) baseado em uma teoria construtivista. A pedagogia baseada nesse princípio considera o conhecimento do aluno como uma construção por meio de

experiências anteriores, em que a escola rompe com o tradicionalismo epistemológico, havendo um mediador nesse processo, facilitando o domínio do universo da informação, algo associado ao aprender a aprender e pensamento crítico autônomo.

Uma pedagogia para letramento da informação apresenta estratégias e esquemas úteis para esse fim, por intermédio de delineamento: definição da informação necessária; estratégia de busca; localização e acesso; uso de informação; síntese (organizar e apresentar a informação); avaliação (eficácia e eficiência) no processo de letramento informacional. Outro modelo de letramento informacional pode ser baseado em nove perguntas: O que preciso fazer? Aonde posso ir? Onde consigo informação? Que recursos devo usar? Como devo usar os recursos? O que devo registrar? Tenho a informação que preciso? Como devo fazer a apresentação? O que obtive?

Vários outros esquemas e estratégias foram criados desde a década de 1980, momento em que se sentiu a necessidade de aprofundar ao tema, e possibilitar o trato entre o interesse e um universo de informações existentes. No caso dos alunos da educação básica, atuando como agentes receptores dessa doutrina, são destacadas as seguintes etapas: competência informacional; aprendizagem independente e responsabilidade social. Essas características são definidas por de Campello (2009), que denomina o conjunto como o poder da informação, possibilitando habilidades que darão apoio teórico à prática daquilo que o leitor se propõe.

A evolução da função educativa do bibliotecário se desprende da antiga atuação meramente prática e intuitiva, para se configurar como atendimento e auxílio de maneira informal, tirando dúvidas e ensinando a ter autonomia na busca de conhecimento, de modo a capacitar o usuário alfabetizado para ter condições de conquistar o letramento em relação ao objeto que deseja. Vale ressaltar que surgem ações mais sólidas no processo de realização de pesquisas baseando o aprender na busca e no uso da informação.

Estudos sobre o assunto mostram que o bibliotecário que antes era focado apenas na catalogação, na classificação e na indexação, hoje procura identificar e considerar as peculiaridades individuais dos estudantes/usuários, oferecendo um serviço de referência que vai além de ensinar a classificação das estantes para recuperação do livro. Se no início esse serviço tinha a função apenas de utilização do espaço documental, agora passa a ter função de estratégia e letramento informacional para recuperar a informação – não apenas

no ambiente da biblioteca, mas em qualquer lugar que se esteja e a obtenção do conhecimento seja o objetivo.

4.4 Letramento do universo das bibliotecas

O letramento da informação encontra algumas barreiras de acessibilidade no tocante à estrutura bibliotecária da classificação dos assuntos, obstáculos visíveis assim que o usuário vai em busca de conhecimento na biblioteca. O mundo biblioteconômico se baseia em normas específicas que possibilitam a organização do acervo a fim de facilitar a busca e a recuperação dos livros, porém os interessados precisam ter o domínio mínimo desses códigos para um êxito na busca pelo documento que possibilitará o letramento da informação de seu interesse.

Muitas são as formas de organização documental: bibliotecas infantis utilizando-se de cores para distinguir as literaturas; na maioria dos escritórios a classificação dá-se por meio de ordem alfabética; nos hospitais, encontramos a separação dos exames por datas de realização; já em nossos arquivos pessoais, encontramos uma maneira de classificação personalizada que facilite a busca e localização de forma eficiente.

A classificação é a metodologia encontrada para unir objetos semelhantes em meio a um universo distinto: “É um meio de introduzir ordem em uma multiplicidade de conceitos, ideias, informações, organizando-as em classes, isto é, em grupos de coisas que têm algo em comum”, definição apresentada na Edição Padrão Internacional em Língua Portuguesa.

Entre várias formas de organização temos a Classificação Decimal Universal (CDU), sistema de classificação de documentos desenvolvida pelos bibliógrafos belgas Paul Otlet e Henri la Fontaine no final do século XIX. Esse sistema é conhecido e utilizado ao redor do mundo. Para buscar os livros nas estantes, os usuários devem ter um letramento e entendimento sobre os códigos gerados e, por mais alfabetizados que sejam os usuários, é necessário um conhecimento mínimo e uma familiarização com a CDU.

A Classificação Decimal Universal (CDU) é uma forma multifacetada, significa que tem múltiplas possibilidades de descrição em um mesmo código, possibilitando maior

riqueza no detalhamento do livro ou documento armazenado, também é uma classificação enumerativa, afinal utiliza-se de números como características principais de uniões entre os objetos, dividindo-se em 10 categorias, sendo que cada classe é representada por apenas um dígito. Após encontrar o objeto desejado dentro da categoria descrita, há uma subdivisão em outros dois algarismos e assim por diante. Abaixo, seguem as principais classes decimais e suas áreas do conhecimento:

0 – Generalidades (conhecimento, cultura, ciência, escrita etc.).

1 – Filosofia e Psicologia.

2 – Religião e Teologia.

3 - Ciências Sociais.

4 – Em outras classificações estão destinadas à linguística. Na CDU está vaga desde 1963, transferida para classe 8.

5 - Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais, e Ecologia.

6 – Ciências Aplicadas e Tecnologia.

7 – Arte, Entretenimentos, Lazer e Esportes.

8 – Línguas, Linguística, Filosofia e Literatura.

9 – Geografia, Biografia, História e Ciências Auxiliares.

A base estrutural da CDU é formada com a finalidade de descrição do universo, isso significa que todo e qualquer assunto existente poderá ser representado por uma dessas classes ou na junção e subdivisão delas. Existem, ainda, recursos desenvolvidos a fim de possibilitar uma maior abrangência de conteúdo e descrição do objeto.

Há tabelas auxiliares que são subsistemas novos representativos que possibilitam maior detalhamento sobre os assuntos englobados nas primeiras 10 grandes classes. Podemos perceber também a utilização de símbolos arábicos como: + (adição), / (barra inclinada), (dois pontos), = (igual) e [] (colchetes). Entre outros, esses sinais associados aos números formam o que chamamos de notação e são elas as responsáveis pela

descrição e, conseqüentemente, pela busca e a localização do livro no acervo. Alguns significados dos sinais arábicos nas notações da CDU:

Adição (+) – responsável por ligar dois ou mais assuntos não consecutivos. Exemplo: um livro que aborde “Física e Geografia” terá como notação 53 + 913.

Barra inclinada (/) – liga números e assuntos consecutivos, indicando uma série de conceitos e ligando locais e épocas, cuja as notações sejam consecutivas. Exemplo: um mesmo livro que aborde “Física, Química e Geociências”, terá a notação 53/55, ou um livro que trate sobre “A medicina no Brasil, na Argentina e no Chile”, 61 (81/83).

Dois pontos (:) – representa a relação simples, geral, coordenada e recíproca entre dois ou mais conceitos, diferente do sinal de adição e da barra inclinada que limita ao invés de ampliar os assuntos representados. Exemplo: Livro sobre “Matemática e Astronomia” 51: 52 ou 52:51.

Igual (=) – indica a descrição da língua ou forma linguística de um documento. Na tabela, existe uma extensão utilizando-se do apóstrofo no detalhamento do período do desenvolvimento histórico de uma língua. Exemplo: “Estudo do Português Clássico” 811.134.3’02 e “Manual de educação em espanhol” 37(035) =134.2.

Colchetes ou Sinal Subgrupado ([]) – tem três funções:

- sinal de intercalação para alterar a ordem de uma citação dos conceitos, substituindo os dois pontos. Exemplo: “Comércio de café, interno” 339 [633.73].3 e “Comercio de cacau, interno” 339 [633.74].3 sendo o número 339 representação de comércio e o .3 interno;
- sinal subgrupado propriamente dito para evidenciar a relação entre vários conceitos, quando esses são sub agrupamentos de um conceito principal. Exemplo: 336.2 [633.73+633.77] define “Taxa sobre o café e o mate”, sendo 336.2 representação de taxa e cobrança de valores, 633.73 cultivos de café e 633.77 cultivos de mate;

- sinal alternativo dos dois pontos quando for tratado como subordinado e não houver necessidade de fazer entrada para o segundo conceito. Exemplo: 339 [633.73], ao invés de 339:633.73 “Comércio cafeeiro”.

Todas essas informações são necessárias para um letramento básico sobre o conhecimento da CDU que não está ligado à alfabetização. A biblioteca é frequentada por usuários de diversos níveis de conhecimento, desde alunos da educação básica à docentes e até doutores, porém o letramento e conhecimento de normas de biblioteconomia são essenciais a todos para uma busca eficaz da informação desejada.

4.5 Políticas Públicas na Educação

Políticas públicas é o Estado em ação atendendo às demandas sociais e preocupado em solucionar anseios públicos. No âmbito educacional, podemos perceber políticas públicas em todas as etapas da formação escolar.

Em relação à educação infantil, pode-se verificar a ação do Estado por intermédio da política do PRO Infância – programa do governo federal que oferece auxílio e assistência financeira aos municípios –, com a finalidade de construção de creches e estruturação da rede pública da educação infantil (0– 6 anos) do município. Os resultados são verificados com o aumento do número de matrículas, devido à grande oferta de creches.

Já o ensino médio foi contemplado (entre outras políticas) com o Ensino Médio Inovador (PROEMI), o que levou a uma inovação curricular integrada, dinâmica e flexível, preenchendo lacunas sociais e acadêmicas não visualizadas atualmente, sendo que a interdisciplinaridade é uma das características dessa inovação curricular. O PROEMI (2011), inicialmente, desenvolvido com o professor no papel de articulador, responsável por colocar em prática as propostas de inovação sugeridas no Plano de Ação Pedagógica (PAP). Em sua segunda versão, em 2013, o PROEMI se caracteriza pela: inclusão do ENEM, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a educação profissional no ensino médio. A diferença entre as duas versões está na interpretação epistemológica com adesão de macro campos de ações.

A formação continuada docente, caracterizada pela necessidade profissional de capacitação ao multicultural, percebe as identidades individuais, coletivas e institucionais

em uma sociedade plural. Assim, o combate à desigualdade, às diferenças étnico-raciais e à universalização da diversidade cada vez mais deve ser abordada no sistema educacional e pela comunidade, apresentando-se fortemente como essência em várias políticas públicas da educação.

Trabalhos apresentados na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e publicados em revistas científicas da área (*Qualis* e *Capes*), foram desenvolvidos por grupos de pesquisa com temáticas acerca de multiculturalismo no ambiente escolar. É notório que fatores adversos não são controlados ou não podem ser padronizados, ainda mais quando temos um universo tão vasto, questões institucionais e estratégias para sanar gargalos da realidade acadêmica, o que indica que essas questões devem ser inseridas no Projeto Político Pedagógico (PPP).

O Projeto Político Pedagógico, instrumento facilitador no debate entre diferentes pares que formam a célula do sistema educacional, tem papel fundamental norteando para o caminho e a escola que se pretende construir. Sendo a sigla (PPP) traduzida como: a política verificada na inserção participativa, abertura dada aos diversos interesses; e a pedagogia como ferramenta utilizada a fim de potencializar essa política, atendendo às demandas locais.

O universo discente, no prisma das políticas públicas, é analisado por diversas ferramentas e mecanismos. O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) levanta os níveis de conhecimento nas disciplinas de Matemática e Português em alunos do 5º e 9º ano, a fim de elevar e alcançar níveis satisfatórios no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Outra ferramenta de verificação é o Programa Internacional de Avaliação do Aluno (PISA), que analisa estudantes da faixa etária dos 15 anos e leva em consideração fatores socioeconômicos, como número de livros no domicílio (LD) e instrução materna (IM), após as análises dos dados, usa-se o método de ponderação Klein, dessa forma pode-se perceber a relevância dos indicadores LD e IM na formação discente e concluir a importância da participação familiar na formação acadêmica.

Uma política pública é desenvolvida com objetivo de atender determinada parcela populacional, porém, fatores únicos devem ser considerados como, por exemplo, personalidade do sujeito, regionalidades e possibilidades institucionais, tendo total convicção de que entre a regulação e a prática de uma política há um grande caminho a ser percorrido.

Institucionalmente, a escola vem agregando funções sociais. O Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) – criado a partir da lei 13.005 de 25 de junho de 2014 com intuito de planejamento para uma década – estabelece um total de 20 metas traçando diversos objetivos, apresentando prazos e ações distintas para alcance dessas finalidades. São ações públicas para sanar lacunas de regulamentação de normas existentes em muitos setores da gestão pública. De forma geral, as metas estão centralizadas em: qualidade da educação; garantia do direito à educação básica; acesso à educação; universalização da alfabetização e ampliação da escolaridade e das oportunidades educacionais. Para esta pesquisa, vamos dar uma atenção maior às metas:

- meta 6 – estabelece que a educação integral deve ocorrer em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica.
- meta 7 – tem o objetivo de fomentar a qualidade da educação básica em diversas etapas e modalidades, com melhoria no fluxo da aprendizagem, atingindo médias nacionais propostas pelo IDEB, para o ensino médio é estipulada em 5,2.
- meta 11 – objetiva triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no segmento público.

Considerando o valor indiscutível da leitura e do ambiente da biblioteca como ferramentas educacionais, e sabendo que ações legais de políticas públicas já foram ou estão sendo tomadas para evolução do sistema educacional brasileiro, vale uma revisão do estado do conhecimento sobre legislação destinada à biblioteca e rotina de leitura no ambiente escolar no contexto nacional.

Na esfera federal, infelizmente, não há muito que se retratar como ações de regulamentação legal que abracem essa valorização da leitura no ambiente escolar. Algumas foram as tentativas - sem sucesso - para o incentivo ao hábito de leitura, como: decreto nº 7559 de 1º de setembro de 2011, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), consistindo em estratégias permanente de planejamento, articulação, apoio e referência para execução de ações voltadas para o fomento da leitura; projeto de lei nº 5.270 de 2016, que estimula a leitura em bibliotecas públicas, mas que não saiu realmente de um projeto e não contemplava a efetividade no ambiente escolar.

A base legal da pesquisa é justamente a única regulamentação destinada ao hábito de leitura em bibliotecas escolares. A lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que institucionalizou a política pública na área da educação, disponibiliza informações sobre a universalização obrigatória das bibliotecas em todas instituições de ensino, seja tradicional ou profissional, que, de fato, deverão desenvolver esforços progressivos para que a consolidação seja efetivada em um prazo máximo de dez anos e, assim, respeitando a atuação de bibliotecário.

5. E NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA BIBLIOTECA

No Egito, as bibliotecas eram chamadas "Tesouro dos remédios da alma". De fato, é nelas que se cura a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e a origem de todas as outras.

(Jacques Bossuet- 1627-1704)

Transcrever as realidades estudadas, a forma como os dados foram gerados e, na perspectiva de mostrar ao leitor como foi a vivência empírica do estudo é a contribuição desse capítulo. Apresentar respostas às hipóteses levantadas e pergunta da pesquisa, em registros práticos embasados por literaturas que tratam do assunto. Tratam-se de resultados locais, que, eventualmente, podem servir como objeto de estudo para outras realidades.

5.1 Efetividade da análise do conteúdo a pesquisa

A análise de conteúdo vem ganhando espaço no campo da produção científica nos últimos anos, com maior legitimidade na análise de dados em métodos qualitativos, apresentando ainda uma preocupação no rigor científico e profundidade dos estudos aplicados. Para Freitas, Cunha e Moscorola, (1997, p. 99):

Inicialmente, pode-se dizer que análise de conteúdo é a técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Para tanto, disciplina, perseverança e rigor são essenciais.

A trajetória analítica de transcrição desta pesquisa tem por referência a obra de Laurence Bardin (1977), todavia outras citações foram utilizadas para atingir maior profundidade aos questionamentos e dúvidas do estudo.

Para alcance dos objetivos desta pesquisa, as categorias analisadas estão definidas a partir de questões que podem interferir no desenvolvimento de projetos, potencializando ou dificultando que alunos do ensino médio desenvolvam ou alimentem seu hábito pela leitura. Nesse sentido, a investigação apresenta um grupo de técnicas de análise de comunicação com o objetivo de trazer clareza, analisando com riqueza e transcrevendo, em alguns momentos, literalmente, a decodificação dos dados brutos obtidos por meio dos instrumentos utilizados. Bardin (1977, p. 38) define análise de conteúdo como:

Conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Os materiais em análise apresentam-se em diversos formatos, como ficha documental, diários de investigação, notas de campo, áudios e outros, a fim de que possam trazer os dados, todavia sem interferência do pesquisador. Para nossa proposta, optamos por trabalhar com entrevistas gravadas - com os coordenadores das bibliotecas, e questionário eletrônico por meio do *Google Drive* aplicado aos alunos usuários das bibliotecas. A adequação para obtenção dos dados vai de acordo com a perspicácia do investigador, conquistando, assim, dados com maior veracidade.

O processo de analisar os dados, propriamente ditos, é composto por várias etapas. Bardin, 1977, define essas como: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise é o *mise en place*⁴ da investigação, momento de escolhas e estratégias, no qual o pesquisador deve organizar o material, fazer revisão de literatura, estudar seus objetivos, levantar hipóteses, oferecer referências da área e definir com clareza aquilo que deseja investigar.

A exploração da matéria é a fase de aprofundamento com o delinear de categorias (sistemas de codificação) e a identificação das unidades de registro (categorização e contagem frequencial). É uma fase de descrição analítica, sendo de fundamental importância para levantar dados seguros, com respostas àquilo que se pretende investigar; e facilitar a vida do pesquisador, pois está ligada à forma, codificação, classificação e categorização dos dados.

A terceira fase é referente ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação primeira dos dados. Momento de desvelar, decodificar e intuir, desenvolvendo uma análise reflexiva e crítica.

Nas três fases descritas, devemos salientar que o autor da pesquisa não deve tratar a análise de conteúdo como uma técnica engessada, rígida e exata. Bardin, 1977, aborda que a investigação deve navegar entre o rigor da objetividade e a riqueza da subjetividade,

⁴ termo francês que significa “por em ordem”. É de fundamental importância que antes de qualquer ação dentro de uma cozinha, você tenha em mente o que vai fazer e como irá fazer. Preparação.

assim objetiva-se em ir para além do senso comum do subjetivismo, atingindo o efeito científico desejado.

Associação de diferentes técnicas de análise de dados forma um leque robusto de materialidade, podendo ser aplicadas em diferentes sujeitos investigados, obtendo prismas convergentes ou não, mas, sobretudo, transcrições de realidades.

Nesse sentido, a análise do conteúdo em um discurso consiste na extração entre o discurso e a realidade, refletindo na maneira textual como os significados de processos subjetivos e sociais impactam no reconhecimento do objeto e dos sujeitos analisados. Bardin (1977) ainda enquadra a análise do discurso como técnica dentro do campo de análise de conteúdo, por acreditar que os significados existentes na interpretação dos sujeitos formam também um conteúdo para análise. Assim, a análise do conteúdo relata sobre os significantes e a análise do discurso acerca do significado, em que a segunda se utiliza da linguística para estudo, da linguagem como meio e a língua como objetos.

No presente estudo, as entrevistas realizadas com os responsáveis pelas bibliotecas escolares obtiveram clareza na contraposição de realidades estruturais, financeiras, pedagógicas e principalmente na motivação desses profissionais. O maior intuito foi justamente verificar as causas individuais para realização ou não de um projeto de leitura, quais fatores mais interferem para que haja uma pró-atividade desses profissionais.

Foram utilizados, nas entrevistas, questionários com perguntas similares às feitas aos alunos, com a finalidade de confrontar ações dos servidores das bibliotecas, e a visão discente, sujeitos receptores e usuários desses ambientes de leitura.

As falas durante as entrevistas colaboram para o entendimento de que essas são posições ideológicas desenvolvidas a partir de processos histórico-sociais. Sendo expressões de pensamento criado não apenas durante a vida profissional, mas também por meio da compreensão que os indivíduos têm sobre o objeto da pesquisa, é claro que fatores institucionais corroboram na subjetividade acadêmica, mas não a determina. Assim, concordamos com Bakhtin (2013) que os sentidos estão ligados a traços ideológicos.

5.2 Formação e compreensão do discurso durante o percurso

As palavras não têm sentido nelas soltas, cercadas de certezas e sem motivos de ser, são derivadas de sentidos a partir de discursos onde foram inscritos. São artifícios utilizados, não passam de instrumentos, o grande alvo é o discurso, sempre o discurso. O sujeito poderia em vez de dizer “isso”, falar “aquilo”, mas o discurso não mudaria, pois a determinação ideológica presente “nisso” ou “naquilo” seria a mesma. Dizeres presentes nas palavras, dizeres entendidos nas falas, compreendidos nas não falas, dizeres resgatados nas memórias, dizeres...

Vale aqui trazer o importante papel da metáfora na compreensão do discurso, a figura de linguagem tem função de compreensão simplória, substituição para melhor entendimento pelo prisma do autor da fala. Ou seja, “transposição”, conexão entre falas e o significado exato desse discurso. Pêcheux (1975) assegura que o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora) que elementos significantes passam e se confrontam, de modo que se revestem de um sentido.

Todavia, deve se ter imenso cuidado, pois a substituição de termos não pode acontecer de qualquer maneira, palavras semelhantes podem ter significados diferentes. Nesta pesquisa, por exemplo, tratamos com servidores da educação e estudantes do ensino médio. Por muitas vezes, houve a necessidade da substituição do termo “acervo” por “livros”, em que o primeiro significa o total de exemplares na biblioteca, contabilizando vários materiais do mesmo título, mas não imprime bem seu significado no entendimento dos discentes, pois esses compreendem apenas como a unidade de cada título na biblioteca.

Ainda sobre os discursos no processo de entrevistas, a maior questão foi a resignificação, considerar a linguagem dos sujeitos e a noção ideológica envolvida durante toda fala, fazer que haja sentido - com auxílio da interpretação - confirmando a presença de ideologia, mas resignificando de maneira ampla e aplicável em outras realidades, afinal o interesse é que tivéssemos indicadores.

5.3 Legitimidade da pesquisa: validação e confiabilidade

A coerência no ato de pesquisar é a característica norteadora para resultados válidos e confiáveis. Diante desse indicador, Creswell (2003, p.200) expõe estratégias para uma exatidão dos resultados:

Faça uma triangulação de diferentes fontes de informações de dados; use conferências dos membros para determinar a precisão dos resultados; use descrição rica e densa para transmitir os resultados; esclareça os vieses que o pesquisador traz para o estudo; apresente informações negativas ou discrepantes que vão contra os temas; passe um tempo prolongado em campo; use interrogatório de pares para aumentar a precisão do relato; use um auditor externo para rever o projeto todo.

Assim, diante de diversos agentes envolvidos na pesquisa e instrumentos adotados, o método utilizado mantém a coerência, fazendo com que não haja uma fuga do objeto de estudo e, principalmente, contradição sobre os resultados encontrados. Triviños (1987, p. 170) assegura condições essenciais para resultados seguros em uma pesquisa:

Os resultados, para que tenham valor científico, devem reunir certas condições. A coerência, consistência, a originalidade e a objetivação (não objetividade), por um lado, constituindo os aspectos do critério interno da verdade, e, por outro, a intersubjetividade, o critério externo.

A validação é a premissa essencial para um resultado de uma investigação científica, aqui não falamos sobre confirmação de hipóteses, mas sim sobre confirmação dos achados empíricos. A confirmação ou não de pressuposto situacional, percebido no campo da pesquisa, possível no desvelar das proposições, as quais, segundo Creswell (2003), podem ser sintetizadas, formando um constructo teórico válido.

Confiabilidade pode ser traduzida como a capacidade nos instrumentos utilizados na pesquisa, a fim de produzir constantes medições quando necessário verificar um mesmo fenômeno.

A validade e confiabilidade formam o farol dessa instigação, por mais que sejam indicadores situacionais, em escolas de realidades tão distintas, o fator comparação é justamente a base em questão. Considerações que possam ser semelhantes em campos dessemelhantes podem trazer sinais seguros de constatação e aplicação em quaisquer realidades.

5.4 Achados empíricos

Trazer constatações encontradas em campo é uma das materialidades desse estudo descritivo e analítico. Dados foram analisados por meio de entrevistas com profissionais do setor da biblioteca e questionário foi aplicado aos discentes do ensino médio. O pesquisador, atualmente, é servidor de uma das escolas estudadas, e diante desse fato, desde o início teve o cuidado de não vazar resultados prévios, deixando em anonimato a realidade dos ambientes estudados, bem como não se permitindo deixar-se levar pela experiência e subjetividade do seu setor de trabalho. Ter a sutileza de conhecer com profundidade os aspectos institucionais e acesso aos dados, porém, ao mesmo tempo, não aceitar que esses poluam os resultados foi o maior compromisso da investigação. Assim podemos descrever:

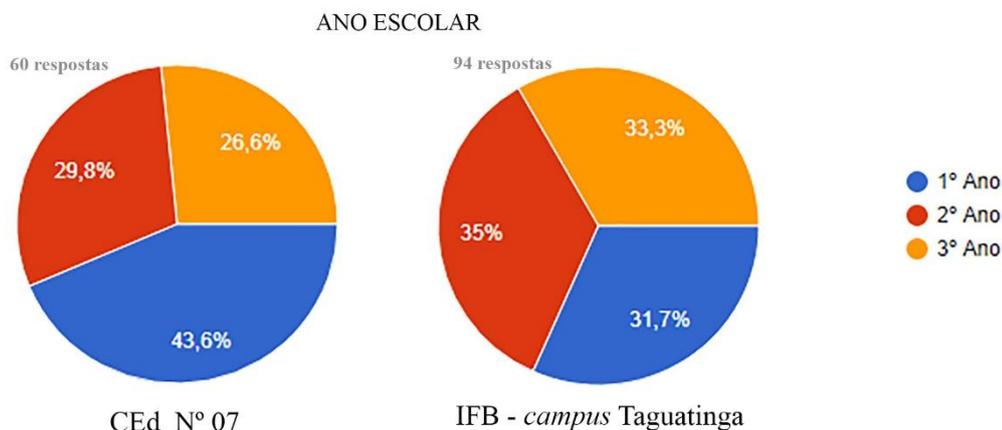
5.5 Relatório dos achados nos questionários – alunos do ensino médio

Os questionários foram respondidos por meio de mecanismo eletrônico existente nos e-mails dos alunos, da seguinte forma: o pesquisador criou em seu próprio correio eletrônico institucional todas as perguntas, hipóteses investigativas, separadas por categorias. Os questionamentos foram encaminhados aos e-mails dos alunos do ensino médio, lista de contato conseguida no registro acadêmico das escolas. Daí em diante, a aplicação e contato com os discentes ocorreram de forma pessoal. Alunos sem e-mails cadastrados na secretaria escolar, e com interesse em participar da pesquisa, poderiam passar o endereço eletrônico no momento da aplicação, no laboratório de informática, assim o pesquisador reenviava novamente o questionário.

A disposição dos resultados a seguir foi pensada de forma a priorizar a fluidez da leitura e a síntese visual dos resultados obtidos. As respostas encontram-se em locais eletrônicos distintos, mas para este momento houve tratamento dos dados, unificando-os no mesmo espaço, possibilitando uma comparação visual melhor, uma vez que, agora, os dados apresentam-se lado a lado.

Vale lembrar que para a isonomia dos dados e, devido a ambientes escolares distintos quanto à quantidade de turmas, a pesquisa foi aplicada para duas (02) turmas de primeiro ano, duas (02) turmas de segundo ano, e apenas uma (01) turma de terceiro ano. Assim, podemos verificar e analisar os resultados das seguintes categorias:

Figura 5 – Ano letivo do aluno

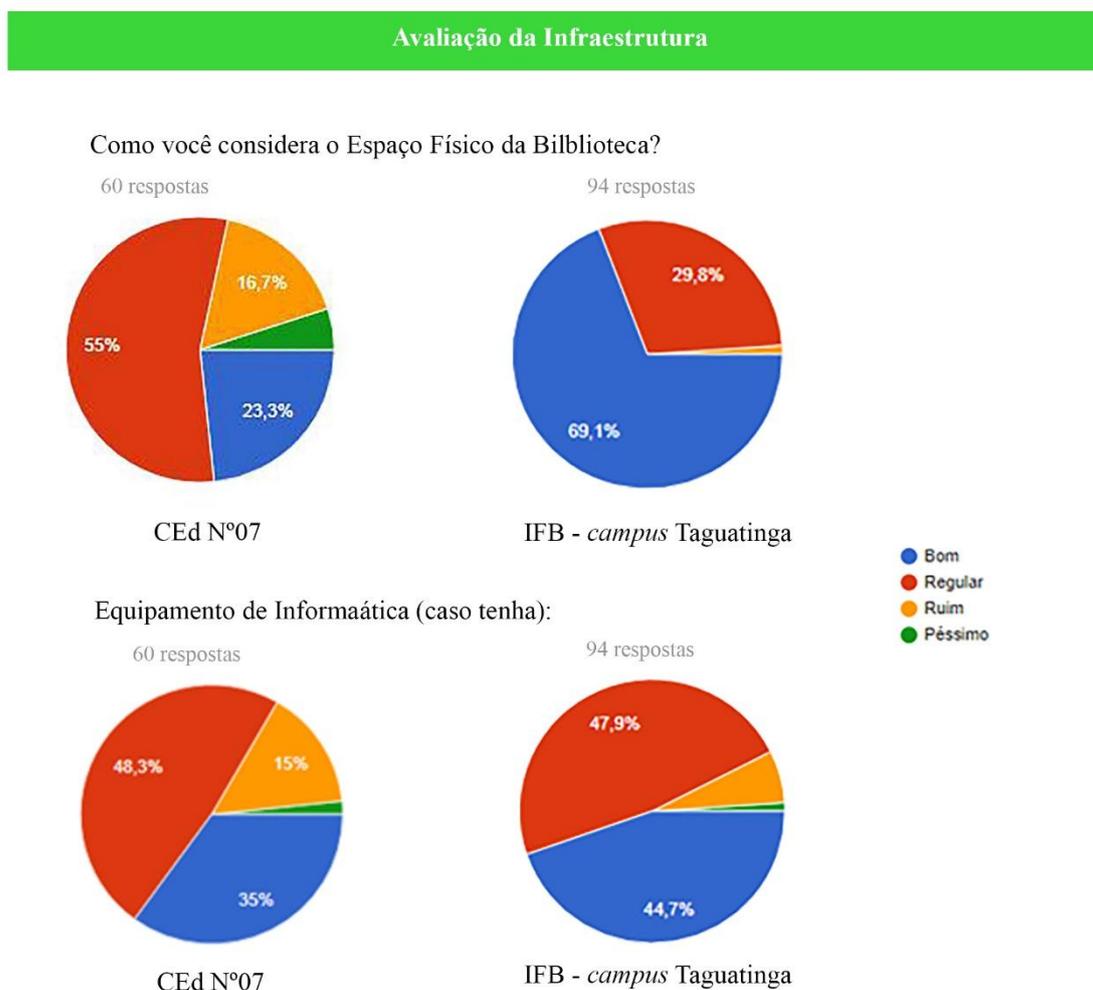


Fonte: Arquivo pessoal

Apesar da grande participação numérica dos alunos do primeiro ano, em campo podemos ter algumas percepções quanto aos seus interesses. No Centro Educacional nº 07, as turmas de primeiro ano apresentaram muitas dúvidas com relação às terminologias básicas, como por exemplo a palavra “acervo”. Mas o fator desinteresse foi o mais perceptível. Destacando-se que, em alguns momentos, não houve respeito com o pesquisador, e a participação ocorreu de forma indiferente. As turmas do segundo ano foram frequentes nas respostas sem maiores observações, enquanto a única turma estudada no terceiro ano foi a com maior interesse e participação em relação às respostas ao questionário.

A descrição da vivência durante aplicação do questionário na escola do IFB já foi diferente, em todas as séries, as turmas apresentaram-se dispostas e interessadas em participar do estudo. Com as turmas do segundo ano percebeu-se um maior nível de interatividade, tanto entre eles, quanto com o pesquisador e professor, misto de preocupação acadêmica, porém com atitudes positivas da idade, alegria e energia. Com a turma do terceiro ano, foi notado um extremo respeito com o docente, os alunos desse ano apresentaram um maior comprometimento com a pesquisa, demonstrando ainda um perfil mais responsável, preocupação com os assuntos acadêmicos, com o vestibular e com a carreira profissional.

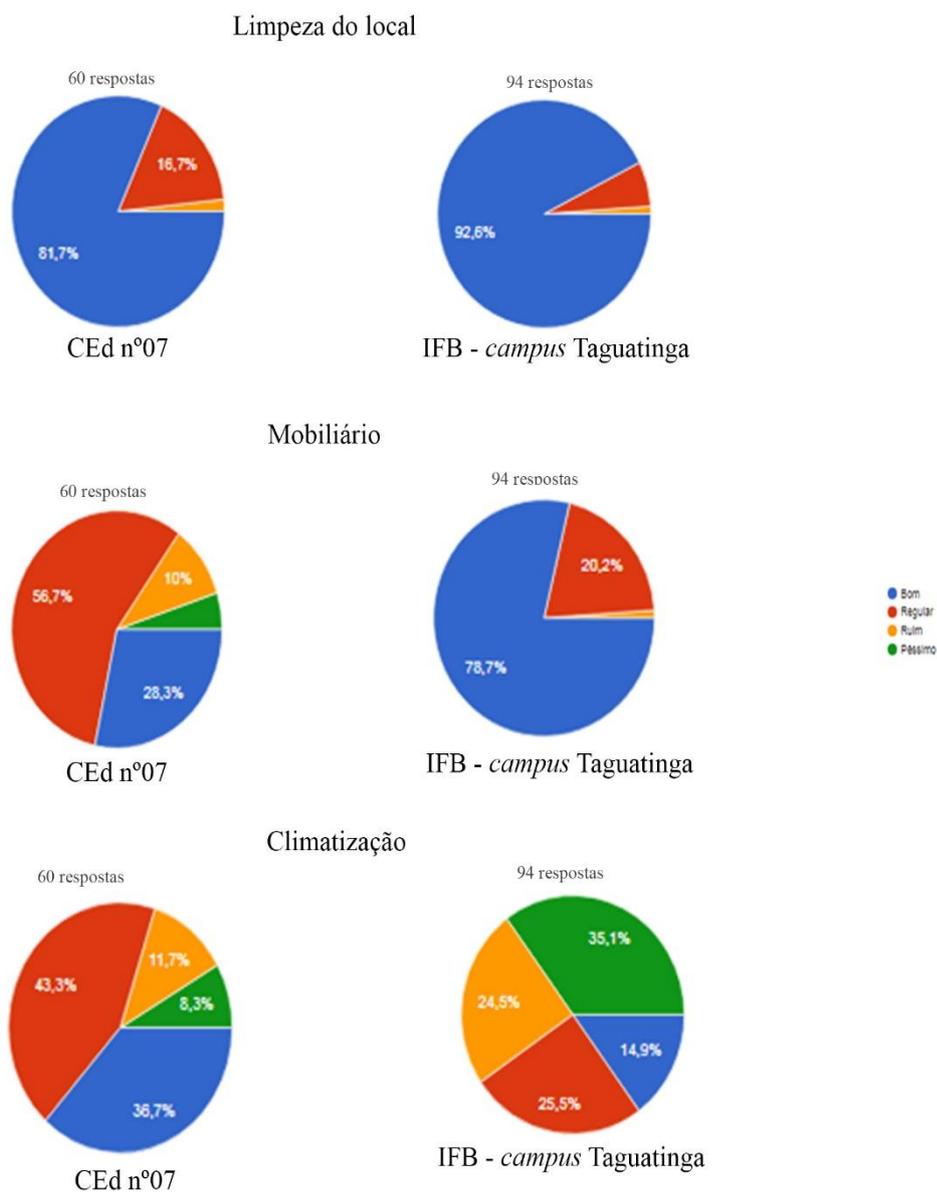
Figura 6 – Infraestrutura dos setores



Fonte : Arquivo pessoal

Outra categoria estudada foi a infraestrutura das bibliotecas e a parte tecnológica oferecida pelo local. Os resultados foram surpreendentes, uma vez que no C.Ed n ° 07 apenas um computador está à disposição dos alunos e, ainda assim, a maioria descreveu essa categoria como regular. O IFB – *campus* Taguatinga - possui onze máquinas para pesquisa estudantil e o resultado foi equivalente.

Figura 7 – Limpeza, conservação e o aclimação



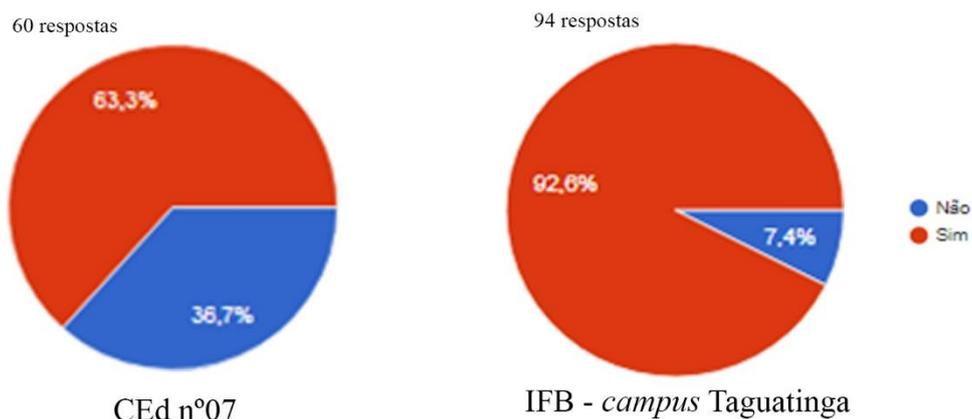
Fonte : Arquivo pessoal

O quesito limpeza obteve aprovação em ambas as realidades. O mobiliário da escola do GDF não foi aprovado, enquanto na escola federal houve uma satisfação expressiva da maioria. A climatização do primeiro espaço realidade foi reprovada, importante aqui trazer que após aplicação desse questionário o local ganhou uma janela

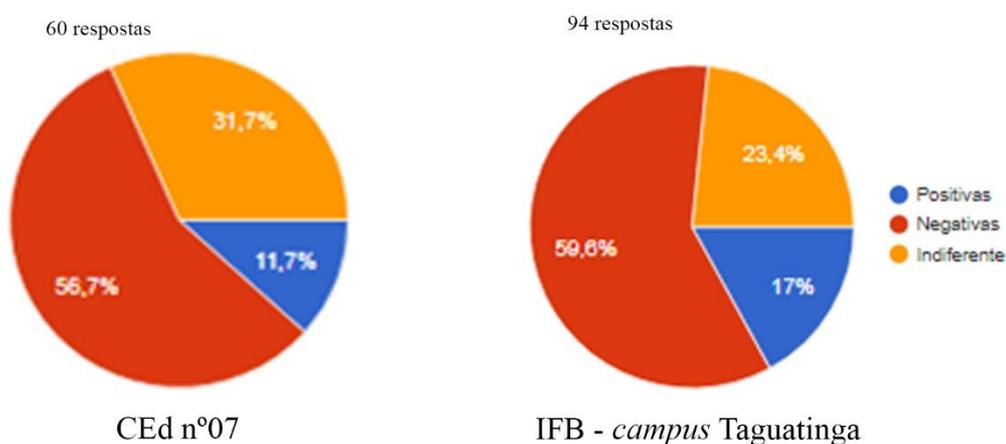
ampla, o que facilita a circulação de ar no ambiente. A biblioteca do IFB ainda não dispõe de ar-condicionado e os dados mostram insatisfação dos discentes nessa área.

Figura 8 – Horário de funcionamento e aulas integrais

O número de servidores na biblioteca atende às necessidades dos usuários que frequentam o local?



As aulas em turno integral, para fins de estímulo à leitura, são consideradas:



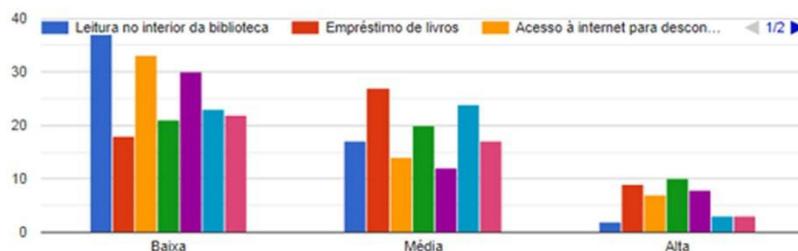
Fonte : Arquivo pessoal

Nas duas realidades, os dados são semelhantes e positivos quando consideramos os horários de atendimento e números de servidores. A integralidade foi questionada e a maioria acredita que o período integral de aulas seja negativo para o corpo discente.

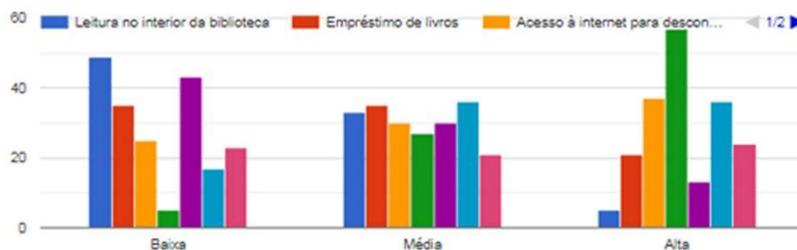
Figura 9 – Finalidade e objetivo de frequência

Finalidade, frequência e funcionamento da Biblioteca

Você se sente motivado em frequentar a biblioteca para qual finalidade?
Se por mais de um motivo, enumere a prioridade.



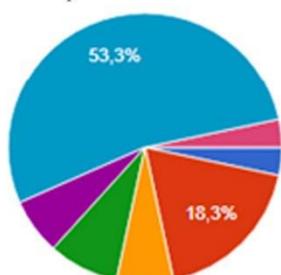
CEd N°07



IFB - campus Taguatinga

Com que frequência costuma ir à biblioteca de sua escola?

60 respostas



CEd N°07

94 respostas



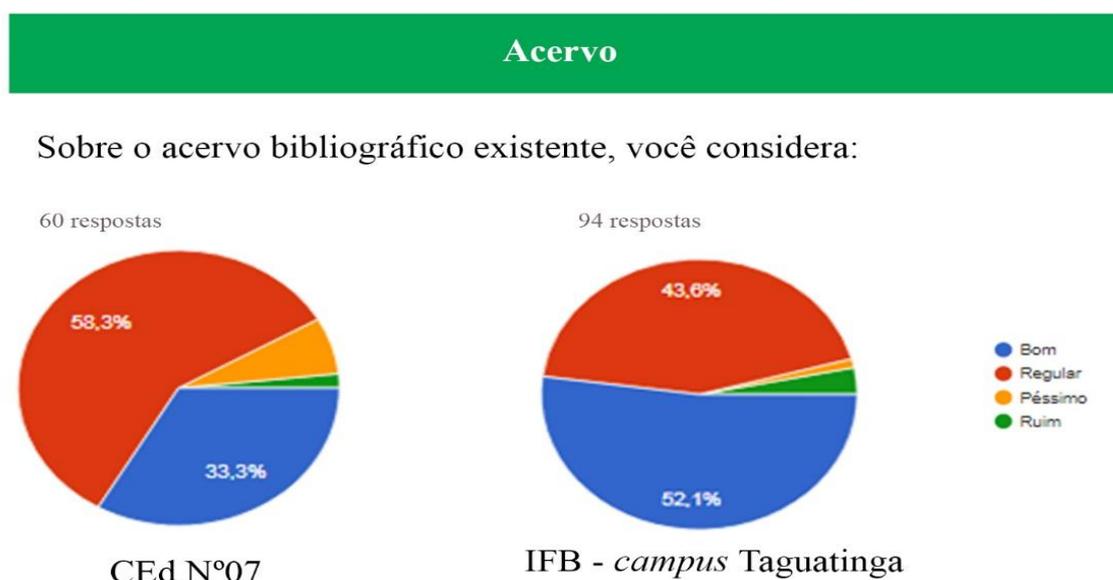
IFB - campus Taguatinga

Fonte: Arquivo pessoal

Os motivos de ida ao setor da biblioteca e com que frequência isso acontece foram levantados. O acesso à internet com finalidade de pesquisa obteve a maior resposta quanto aos motivos que levam os alunos à biblioteca. Já com relação à frequência de ida ao ambiente dos livros, podemos verificar que na escola do GDF, a resposta foi como

raramente e, no IFB, como sendo de 2 a 3 vezes por semana. Esses dados podem ser confirmados devido ao fato de a primeira escola possuir apenas um computador disponível e a segunda 11 máquinas para navegação. A infraestrutura também pode explicar a frequência nas bibliotecas, já que o espaço com mais procura é ainda o com mais espaço e melhores condições físicas para receber os alunos, ambiente que eles se sentem mais confortáveis.

Figura 10 – Acervo disponível

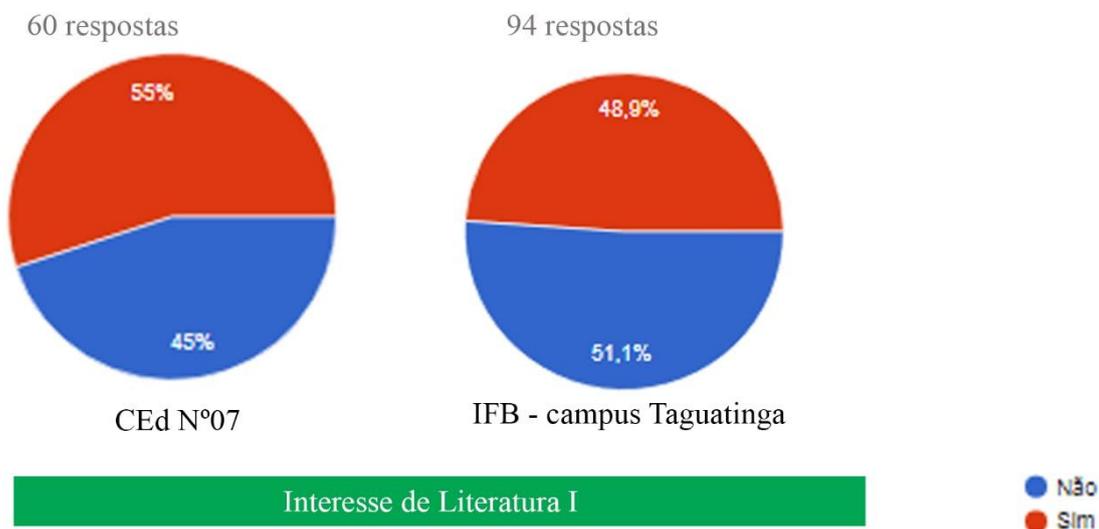


Fonte: Arquivo pessoal

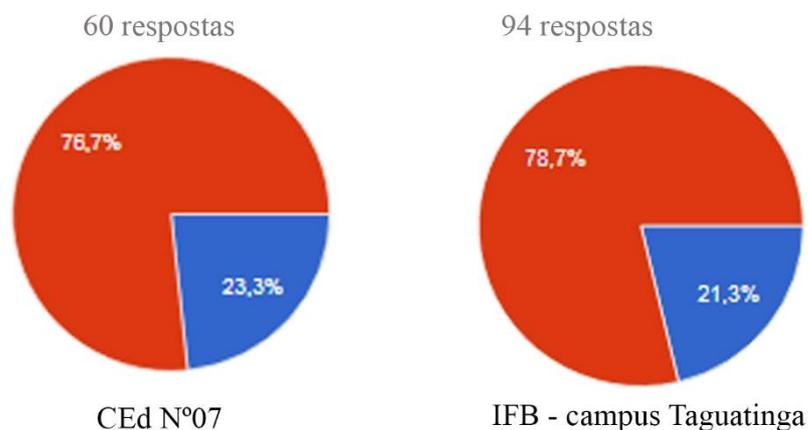
Objeto de maior importância em uma biblioteca, o acervo das escolas também foi foco da pesquisa. Atualmente, o setor de livros do C.Ed nº 07 é composto por cerca de 3.000 (três mil) obras, entre livros didáticos, técnicos e literários, já a biblioteca do *campus* Taguatinga tem cerca de 9.000 (nove mil) exemplares, entre multimeios, livros técnicos e literários. Obras didáticas não compõem esse acervo.

Figura 11 – O papel da biblioteca escolar

Você acredita que a biblioteca estimula no aluno o hábito pela leitura?



Você procura algum tipo de leitura que não seja apenas em livros da biblioteca da sua escola?



Fonte: Arquivo pessoal

Dados diferentes aparecem quando a importância da biblioteca é questionada. Para 55% dos alunos do Centro Educacional, a biblioteca pode estimular o hábito de leitura, já no Instituto Federal esse número cai para 48,9%. A semelhança dos dados retoma quando o interesse pelos livros vai além dos muros das escolas, aproximadamente 77% em ambas realidades procura livros fora do ambiente escolar.

Figura 12 – Áreas de maior interesse para leitura

Interesse de Literatura II

Qual o tipo de leitura você procura?

46 respostas

ficção
ação, aventura
Sobre os direitos da sociedade, como se comporta nos lugares, coisas de humanas, psicologia etc.
livros mais engraçados
Ação e terror
filosofia
Suspense
FC científica
coisas interessantes, gosto muito de ler artigos sobre política, polemicas e artigos esportivos
livros em aplicativos não conhecidos pelo publico
Romance, ficção científica, didáticos.
Romance/ficção científica

CEd N°07

74 respostas

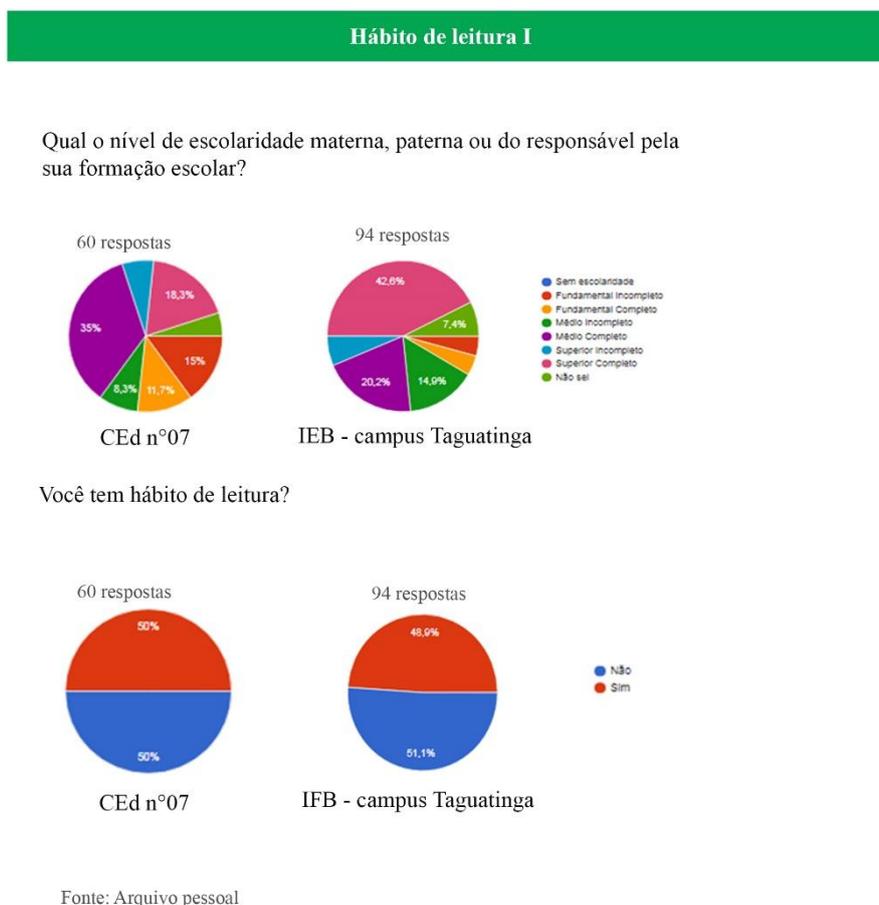
terror
Leituras fantásticas, como por exemplo o hobbit. E leituras práticas com ênfase em questões sócias
divertida
Filosofia
Leitura Científica
aventura, drama, ação
drama, historia
Aventuras e livros de intelectuais
Ideal
aventura
Religiosa, Aventura, etc
Ficção científica

IFB - *campus* Taguatinga

Fonte: Arquivo pessoal

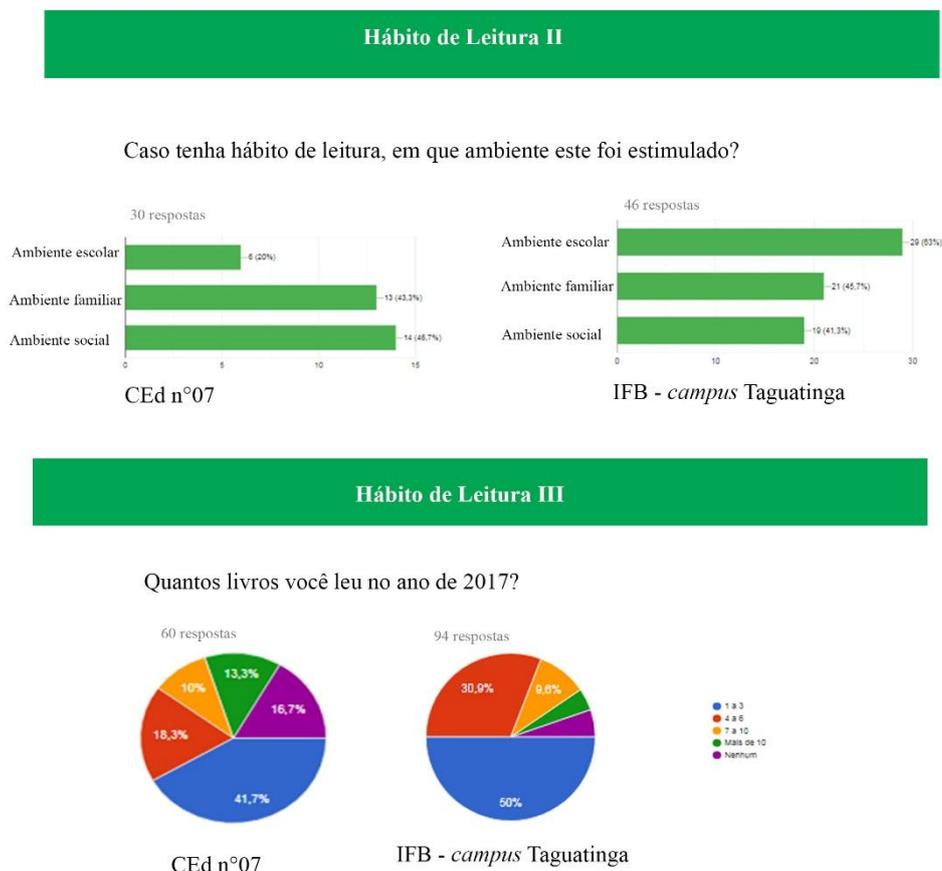
Ter noção do interesse de leitura do público também foi uma preocupação desta pesquisa. Os dados mostraram que a maior procura entre alunos do C.Ed. N° 07 são para obras classificadas em romance, ficção, ação, aventura e suspense, exatamente nessa ordem. Enquanto no IFB, o interesse já seria nas áreas de: ficção/terror, história/sociologia/ artes, romance, aventura, drama/ação. Diferentemente do ocorrido na primeira escola pesquisada, nessa, os discentes apontaram curiosidade por temas atuais disponíveis por meio da consulta de periódicos (revistas, jornais, entre outros).

Figura 13 – Hábito de leitura e escolaridade de responsável



A relação entre escolaridade do responsável e hábito de leitura dos alunos foi fator empírico de importante verificação. Literaturas asseguram que pais com maior nível escolar formam filhos leitores. Dados situacionais não confirmaram isso com segurança, em sua maior parte os responsáveis pelos alunos da escola do GDF têm ensino médio completo, e números mostram que exatos 50% dos alunos afirmaram que têm hábito pela leitura. Na escola técnica do governo federal, os índices apontaram que os responsáveis pela formação discentes têm, em sua maioria, nível superior completo, porém 51,1% dos alunos afirmaram não ter hábito de leitura, uma diferença não tão significativa como apontam obras que estudam sobre o assunto.

Figura 14 – Formação do hábito de leitura e fluxo de leitura no ano de 2017



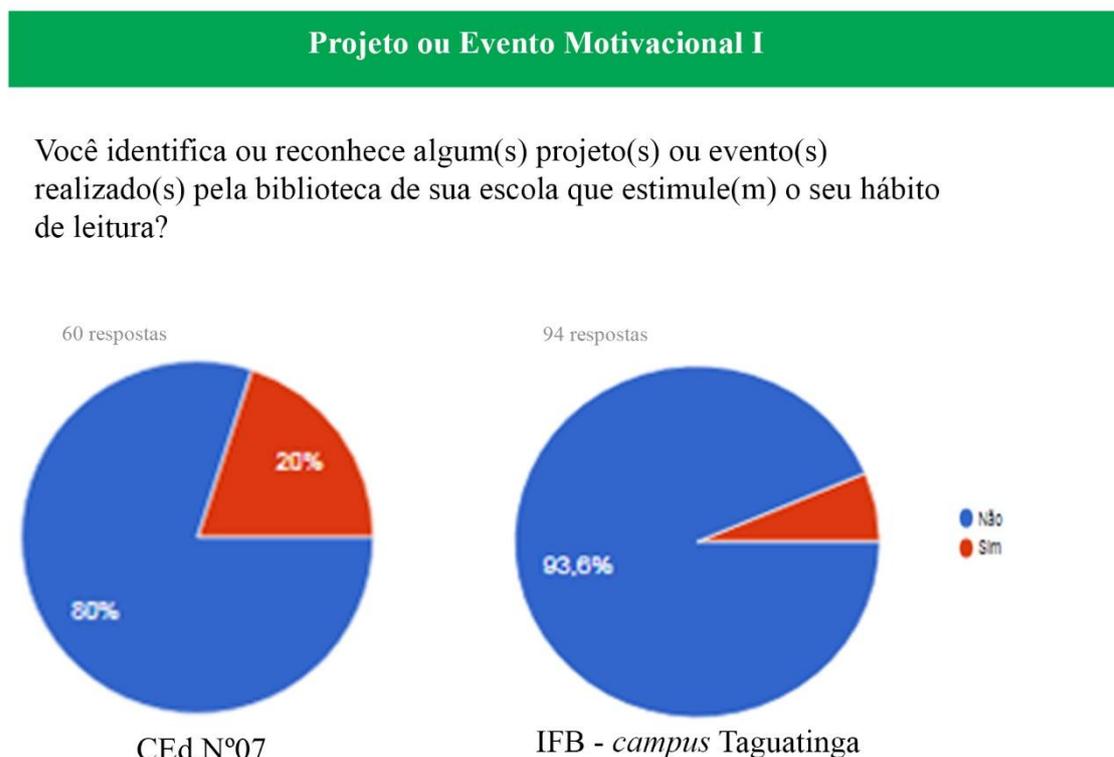
Fonte : Arquivo pessoal

Identificar ambientes que influenciam na formação de um hábito de leitura nos ajuda a entender o papel da escola e de outros setores sociais que possam incentivar nessa missão. A maior indicação dos alunos do Centro Educacional n° 07 foi que esses sofreram influência de leitura em ambientes sociais; enquanto no Instituto Federal de Brasília, a indicação foi para a escola com o maior espaço responsável no desenvolvimento dessa rotina. Quando o assunto se refere à quantidade de obras lidas em um ano, na primeira instituição 41% dos alunos informaram que leem entre 1 a 3 títulos, contra 50% na mesma quantidade de alunos na pesquisa da outra escola.

Ainda sobre rotina de leitura, podemos constatar que uma maioria dos alunos afirma ter frequência de leitura (conforme figura 13), todavia isso nos pareceu uma informação respondida a fim de minimizar o resultado dessa categoria ou impressionar de alguma forma no momento da resposta, já que quando confrontamos esse

questionamento com, por exemplo, quantidade de livros lidos no último ano (conforme figura 14), fica claro que o número real de leitores é menor do que dizem os dados da primeira pergunta.

Figura 15 – Presença de projetos de leitura

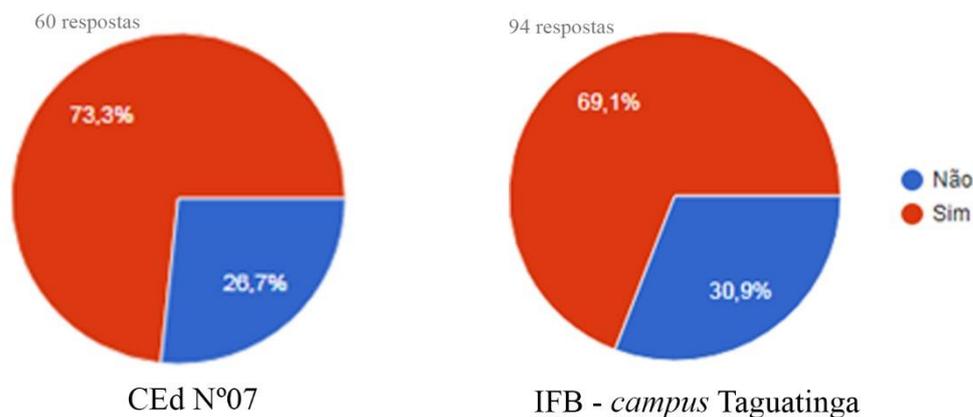


Fonte : Arquivo pessoal

Atualmente, nenhuma das escolas têm projetos de leitura em vigor. Porém, o C.Ed n° 07, há algum tempo, desenvolveu incentivos nomeados “Projeto Escritores na Escola” e “Projeto Mulheres Inspiradoras”. O IFB nunca desempenhou campanhas significativas de fomento à leitura. Dessa forma, identificar se o aluno percebe ações nesse sentido é de suma importância.

Figura 16 – Implantação do clube do livro

Você acredita que a criação de um grupo de leitura por meio de redes sociais, com a cooperação de um administrador, debatendo títulos de livros, a fim de motivar a leitura sendo a participação do aluno como critério de nota na disciplina de Língua Portuguesa é uma boa proposta para estímulo à leitura?



Fonte: Arquivo pessoal

Saber de que forma um projeto será recebido, sua aceitação e viabilidade de implantação são variáveis que determinam o sucesso ou não dessa iniciativa, a resposta dessa categoria traz maior crédito e confiabilidade ao produto da pesquisa. Quando perguntado como um projeto de leitura associado à disciplina de Língua Portuguesa seria aceito, utilizando-se de dispositivos eletrônicos, os resultados comprovam que os alunos veriam com bons olhos tal iniciativa.

5.6 Relatório dos achados nas entrevistas – responsáveis pelas bibliotecas

Na tarde do dia vinte e três de maio de dois mil e dezenove, ocorreu a entrevista com a servidora à frente da biblioteca do Centro de Ensino nº 07, localizado em Taguatinga Norte – DF, a entrevistada compõe o quadro docente de Língua Portuguesa da instituição. Atualmente, está readaptada e em lotação no ambiente dos livros. Importante registrar que no organograma não há a função de coordenador de biblioteca, a professora sente-se responsável por ser a funcionária mais antiga no setor, desde 2015. A entrevista ocorreu de forma tranquila, sem muita formalidade, uma sinceridade nas

respostas e disposição em participar. A conversa baseou-se em perguntas abertas e semelhantes às feitas aos alunos, assim, o profissional estava livre para falar, contemplando - em suas falas - as categorias de interesse desta investigação.

Iniciamos perguntando sobre fatores que interferem na construção de uma cultura de leitura, como infraestrutura, recursos humanos e materiais, incentivo da instituição entre outros. Em resposta à pergunta: Quais seriam os motivos que facilitam ou dificultam no desenvolvimento de projetos de leitura? A professora acredita que a dificuldade para implantação é composta por várias das razões levantadas, mas as primordiais seriam os recursos materiais e humanos, conforme reflete:

Recursos materiais e humanos são os mais relevantes. Pessoas que estejam no setor e monstrem-se interessadas no desenvolvimento do projeto.

Quando questionada sobre o potencial da escola e da biblioteca na formação do hábito de leitura, a responsável pelo setor acredita que o espaço tem um papel muito importante nesse sentido, devendo promover feiras, eventos, entre outras ações:

A escola deve incentivar a leitura. Incentivar os alunos à leitura, participando de feiras... premiações aos que mais leem, mostrando aos demais a importância da leitura, e como ter uma rotina de ler impacta na formação do cidadão.

Acerca do perfil dos alunos mais frequentes na biblioteca, a professora deixa claro:

Alguns possuem boas notas, não gostam de determinadas matérias, mas se dedicam à leitura, gostam de ler bastante. Outros são comprometidos com essa rotina por acreditar que serão beneficiados no vestibular ou em concurso. De forma geral, os leitores possuem uma boa articulação, melhor desempenho em redações e maior preocupação com o futuro. São os mais interessados.

Sobre o acervo e materiais que podem ser gatilhos na iniciação dos discentes aos universos dos livros, obras que tenham como assunto temas do cotidiano e abordagens típicas da faixa etária, foram os considerados mais relevantes para essa finalidade. Muitos são sugestões dos próprios alunos.

A pesquisa também teve como interesse investigar sobre o funcionamento da biblioteca, tempo aberto, oferecendo maior possibilidade de acesso às obras. Com o funcionamento do setor das 7h30 às 18h, a entrevistada acredita que esse tempo seja suficiente, pois entende que aumentar o horário de atendimento não causaria maior impacto na comunidade.

Ao ser indagada sobre o papel familiar no incentivo à leitura, a professora assegura:

Até como mãe identifico que a família tem papel importante, o hábito de leitura tem que ser iniciado desde pequenininho, não apenas com livros indicados pela escola, mas leituras de modo geral. Ajuda na formação do cidadão.

Quando questionada se a personalidade seria um fator relevante na construção dessa rotina de leitura, a professora é firme:

O incentivo desde pequeno é o mais importante. Mesmo que a criança não goste de ler, os pais devem construir esse interesse, mostrando os benefícios da leitura. Uma rotina de leitura indifere da personalidade.

A escolaridade dos pais é considerada como fator de peso. A responsável pela biblioteca acredita que pais com maior escolaridade formam filhos leitores.

A integralidade das aulas também foi objeto de instigação. A professora concorda que aulas em período integral possibilitam a elaboração de oficinas e projetos.

Por fim, a criação de projetos como o clube do livro é uma ótima iniciativa na visão da entrevistada:

Acho fantástico, por haver uma troca de experiência muito grande. Conheço grupo de adolescentes que leem obras e após se reúnem, é algo saudável, possibilita a leitura de forma prazerosa.

Em outro polo, a pesquisa com o servidor responsável pela biblioteca do Instituto Federal de Brasília (IFB), *campus* Taguatinga, ocorreu no dia vinte e sete de maio de dois mil e dezenove. O entrevistado é ocupante do cargo de auxiliar de biblioteca e está como coordenador de biblioteca desde 2016. O pesquisador compõe o quadro de servidor do local de pesquisa, dessa forma a entrevista ocorreu com fluidez e naturalidade, a gravação da conversa aconteceu como protocolo acadêmico. A primeira categoria, novamente, questiona sobre os fatores que interferem na criação de projetos de leitura, o entrevistado acredita que o desenvolvimento desses está associado ao incentivo institucional e recursos financeiros, e que no local onde trabalha não percebe tais interesses:

O desenvolvimento de projeto está mais ligado aos órgãos competentes, à cúpula institucional, à gestão da escola e não apenas ao setor da biblioteca.

No quesito escola como espaço que estimula o hábito pela leitura, o servidor reconhece o papel social do ambiente acadêmico, mas acredita que o interesse pessoal pela leitura é mais relevante do que estímulos externos:

A biblioteca está aberta, mas vai da pessoa querer ou não utilizá-la. A biblioteca não tem mais como colaborar nesse sentido, está aberta, com infraestrutura. Não sei mais o que fazer, o perfil que determina ser leitor ou não vem de casa ou do próprio aluno. A pessoa quando quer ler não precisa nem procurar uma biblioteca.

O perfil dos alunos que mais utilizam a biblioteca também foi levantado no *campus* Taguatinga - IFB, e o coordenador identificou que esses têm maior interesse pelo futuro, melhores notas, uma autonomia no aprendizado de disciplinas, apresentando ainda melhor vocabulário e cultura geral.

Quando o assunto são os títulos que podem iniciar o interesse pelos livros, o responsável acredita que obras de ficção e clássicos da literatura ainda sejam as melhores opções.

Literatura nacional e estrangeira são as com mais saídas na biblioteca, então acredito que sejam as que possam despertar o interesse dos alunos pela leitura. Os professores também solicitam a compra de obras de Machado de Assis, Érico Veríssimo e outros autores conhecidos. Os clássicos literários podem ser o início para uma rotina de leitura.

A categoria de funcionamento da biblioteca foi também investigada na escola técnica federal, e a coordenadoria da biblioteca foi enfática:

Não há interferência do horário de funcionamento da biblioteca sobre o fomento ao hábito de leitura. O horário de 8h às 21h está ótimo.

Ainda nessa linha, quando questionado sobre aulas em período integral a fala é que:

A integralidade das aulas ajuda em todos os sentidos, no aprendizado, na leitura, em uma rotina de responsabilidade escolar, e muitos outros.

O entrevistado considera que o papel da família na formação de fluxo literário nos discentes seja de suma importância, além disso, a responsabilidade compete à área social e formação cidadã. Quando perguntado se pais com maior escolaridade necessariamente formam filhos leitores, o discurso é:

Com certeza, é obvio, os filhos tendem a seguir o exemplo dos pais, e esses irão cobrar mais. O filho é o retrato do pai em todos os sentidos.

A implantação do produto dessa pesquisa também foi questionada, perguntado se a criação de um clube de leitura poderia ser motivador nesse sentido, a resposta foi clara:

Não, o interesse pela leitura é individual e não acredito que criar grupo possa ajudar de alguma forma. Eu tiro por mim, comigo não funcionaria. Leitura é um momento seu, é diferente de um trabalho em grupo. Não há sentido em fazer grupos de leitura.

Após análises das entrevistas com os responsáveis pelas duas bibliotecas, podemos identificar dois perfis bastantes distintos, assim como são as instituições de ensino dessa pesquisa. De um lado, uma escola onde a profissional, que é da área de língua portuguesa, está como responsável pela biblioteca, e acredita plenamente que a rotina de leitura é construída nas idades iniciais. Mesmo diante de tantos fatores adversos, a profissional demonstra um perfil proativo e interessado. Projetos de leitura já foram desenvolvidos no espaço. A falta de infraestrutura, recursos humanos e materiais são os maiores entraves na iniciação e continuidade de programas nesse sentido.

Em outra realidade temos um profissional com perfil mais tradicional, acredita que a personalidade é que determina se o jovem será ou não um leitor. Para ele, o incentivo nas idades iniciais é fundamental, mas não garante a continuidade futura desse perfil. O entrevistado também acredita que a biblioteca já cumpre seu papel institucional a partir do momento que está em funcionamento, com boa infraestrutura e acervo disponível, sem que haja necessidade de programas ou projetos proativos que busquem a construção de uma cultura de leitura na escola.

5.7 Produto da pesquisa: um documento norteador para implementação do clube do livro

Elaboração de regimento que determina diretrizes e competências para a implantação de um grupo de leitura com eventuais encontros presenciais, mensagens diárias por meio de grupos utilizando-se das TIC e ferramentas como o aplicativo *WhatsApp* e/ou comunidades de *Facebook* e páginas de *Instagram*, além de aglomerar pessoas onde o compartilhamento de conhecimentos e o incentivo à leitura sejam características norteadoras desse ambiente, esse é o Clube do Livro.

Em 2015, o criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg, iniciou uma comunidade em sua rede social a fim de minimizar o problema da falta de leitura, propagando, assim, o hábito por leitura por meio da internet. Conhecido pelo seu grande engajamento em assuntos sociais, o visionário e bilionário a cada virada de ano determina-se a uma causa. Certa vez comprometeu-se em aprender mandarim, o idioma mais falado do mundo, não

apenas aprendeu como se tornou fluente na língua oficial da China, concedendo entrevistas e abrindo o mercado de suas empresas no Oriente, beneficiando potencialmente milhões de pessoas. Em outra ocasião, Zuckerberg prometeu que comeria apenas carne de animais caçados por ele, mais uma promessa de cunho social. A última do empresário foi pronunciar-se garantindo que doará 99% de sua fortuna para causas coletivas.

No mesmo ano de criação da página, *A year of Books*, com tradução para o português como “Um Ano de Livros”, alcançou 200 mil membros em todo o mundo, com conteúdo que estimula o hábito pela leitura e compartilha vivências sobre o ato de ler. Hoje, a página apresenta 683 mil pessoas, que, diariamente, se envolvem na temática do espaço virtual.

No Brasil, a história é um pouco mais antiga. O círculo do livro, criado em 1973, projeto de uma editora que funcionou seguindo o mesmo mecanismo. Sócios recebiam revistas promocionais e periódicos, é claro que os tempos eram outros e a interatividade entre os membros era mais difícil que nos dias atuais.

O círculo chegou a brilhante marca de 250 mil sócios em 1975, 500 mil em 1978 e 800 mil em 1983, a rede ainda contava com 2.600 vendedores em todo Brasil, dados revelados pelo historiador Laurence Hallewell em sua obra “O Livro no Brasil: sua história”, para que tenhamos ciência material desse serviço, um dos livros de maior vendagem foi “As Melhores Receitas de Cláudia”, bastante comum encontrar um exemplar dessa obra nos lares brasileiros nos anos 80.

A base editorial do círculo do livro era gigantesca, com várias colunas interessantes, livros com acabamento bem feitos e conteúdos diversificados. Mas a grande inovação para o momento era justamente o *mailing*⁵, linha entre pessoas, e a estrutura que girava em torno de uma certa “competitividade” de leitura entre os sócios. O grande entusiasmo para os leitores eram os prêmios, havia concursos, sorteios e brindes para os mais frequentes em aquisição e ativos nas editoras que compunham o projeto.

Todas essas premissas, atuais e históricas, servem para que possamos vislumbrar o mecanismo de programas de incentivo à leitura. A rivalidade intelectual, a disputa em prêmios, ou a simples classificação em um concurso podem ser o gatilho para o interesse individual e desenvolvimento da rotina que envolve os livros. Como levantado no

⁵ banco de dados para serem utilizados em marketing direto, tais como mala direta, telemarketing e correio eletrônico

primeiro capítulo deste documento e defendido por Goodman (1970), a motivação pela leitura é uma variável visível conforme a idade do leitor, e a partir da adolescência a competitividade, *status* social ou benefícios tangíveis que a leitura pode trazer, alcançando maiores níveis ou obtendo algum lucro são alguns dos motivos que levam jovens a procurar os livros. Não falamos apenas de amparo material que a leitura pode trazer, para além disso, destacamos o desenvolvimento de saberes. Vale aqui novamente lembrar que temos como público investigado alunos do ensino médio, faixa etária que interage com facilidade por meio de mecanismos eletrônicos, e alguma recompensa acadêmica proporcionada pelo fluxo de leitura faz-se necessária para o sucesso do programa.

Nesse sentido a construção de um regimento, norteando a implantação de grupo de leitura, associado às ferramentas tecnológicas disponíveis na juventude estudantil, quebrando barreiras de tempo e espaço para leitura; concomitante à disciplina de Língua Portuguesa, sendo um norteador para a pedagogia que será trabalhada pelo grupo. Sem falar no fator de interatividade e compartilhamento de conhecimento. O Clube do Livro tem a flexibilidade necessária para escolas com realidades tão polarizadas, tem a maleabilidade para realidades que podem ter públicos com amplo interesse pela leitura ou total desinteresse por esse hábito, em escolas com facilidade às tecnologias de informação, ou alunos que não têm acesso à computadores.

A escolha do Clube do Livro como implantação de uma rotina de leitura nas realidades do C.Ed nº 07 e no IFB - *campus* Taguatinga, casa perfeitamente com o interesse das escolas, no sentido de serem instituições de ensino que mostram-se abertas a vivenciar essa nova experiência, com profissionais que abriram suas portas e demonstraram, de alguma forma, interesse em estudar e entender melhor o fenômeno da leitura em suas realidades, compreender a psicopedagogia de seus alunos e utilizar-se das tecnologias atuais como artifícios poderosos na epistemologia aqui defendida.

A implantação do projeto deverá seguir algumas regras desenvolvidas, proporcionando a interatividade discente, não fugindo da essência de criação. É interessante encontrar a cada 15 dias ou pelo menos uma vez ao mês para um debate mais aprofundado da obra trabalhada naquele período. Nomeamos esse espaço entre um encontro e outro como Ciclo de Leitura. Funciona assim:

1. Deverá ser criado um grupo, por meio do aplicativo - *WhatsApp*, com alunos que tenham interesse em participar de discussões acerca de títulos de obras literárias e

com assuntos voltados à leitura. Poderá ser criado ainda grupo utilizando-se das redes sociais como: *Facebook* e *Instagram* a fim de potenciar o projeto, alcançando o maior número de alunos;

2. Por ser uma parceria entre biblioteca e a disciplina de Língua Portuguesa, o administrador do grupo deve ser o bibliotecário ou o docente. Preferencialmente que seja o professor, uma vez que ele avaliará a participação do aluno;

3. Não serão permitidas quaisquer mensagens que não tenham por objetivo a troca de conhecimento/experiência sobre leitura;

4. A cada término de ciclo de leitura deve ocorrer um encontro presencial para debater o título em questão, ainda é aconselhável que tal reunião aconteça com frequência, para não desmotivar os alunos, deixando o grupo ainda mais interativo e vivo. Importante frisar que a avaliação do aluno ocorre não apenas nesse momento, mas durante todo o ciclo pelas participações nos grupos criados;

5. A participação no grupo é mensurada pelo docente, e compõe a nota no final do período letivo;

6. Caberá ao professor definir a pontuação oferecida ou a forma de pontuar os alunos na disciplina de Língua Portuguesa;

7. Nada impede que outras componentes curriculares possam utilizar-se de grupos de discussão como ferramenta de leitura de seu conteúdo programático, afinal a leitura não está vinculada à literatura. O interesse humano por conhecimento é amplo e ganha autonomia por meio dos livros.

Tendo em vista a comprovação pelos dados da pesquisa de que as escolas pesquisadas demonstram um potencial para a implantação do Clube do Livro, apresentamos, em apêndice, como produto deste trabalho, o Regimento que norteará a sua criação. Tal regimento trata-se tão somente de um documento orientador que servirá como base, ou como uma normativa, sem, contudo, caracterizar-se em um padrão a ser seguido de forma absoluta. Caberão às instituições que gentilmente nos abriram as portas, ou a outras que eventualmente aderirem à proposta, a adaptação do modelo apresentado às respectivas realidades, dentro do contexto social e histórico em que se situam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A leitura não é uma atividade elitizada, mas uma ferramenta de transformação social dos indivíduos”
Julian Correa

Uma pesquisa empírica para ser bem-sucedida necessita de vários fatores, mas a primordial é a aceitabilidade do público investigado, disponibilidade em participar. Nesta proposta tivemos como entrevistados servidores lotados nas bibliotecas escolares e alunos do ensino médio dessas instituições. As escolas estão inseridas na mesma região, mesmo bairro, isso ofereceu parâmetro social seguro para afirmar ou negar algumas hipóteses. A investigação feita não ensejava participação obrigatória, os alunos, informados de que se tratava de uma pesquisa da Universidade de Brasília, eram encaminhados voluntariamente ao laboratório de informática para responder ao questionário, e aqueles que porventura não quisessem participar, poderiam ficar em sala. Com isso, já podemos afirmar que o interesse em participar da pesquisa acadêmica é diferente para cada faixa etária, uma vez que temos alunos do 1º, 2º e 3º anos.

De forma geral, foi percebido que alunos do primeiro ano demonstraram baixo envolvimento com assuntos escolares, pois são adolescentes recém-chegados no ensino médio e o interesse e a maturidade ainda são baixos. A relação entre docentes e discentes também caminham nesse aspecto, em contrapartida alunos do terceiro ano têm maior proximidade com os professores, grande comprometimento com os assuntos acadêmicos e uma maturidade nas respostas.

Dados empíricos confirmaram toda a literatura no sentido de que, sim, alunos com hábito de leitura demonstram melhor desempenho em sala de aula, alcançando boas notas, sendo mais cordiais, com maior interesse em seu futuro acadêmico e com vocabulário mais amplo. O perfil de interação é algo sobre o qual não podemos garantir uma generalização, alguns são mais introspectivos e outro mais extrovertidos.

Algo diferente de tudo que até hoje foi afirmado no estado do conhecimento foi verificado e podemos confrontar por meio de dados, pais com maior escolaridade não necessariamente formam filhos leitores, a busca pelo livro está ligada a uma construção individual, os responsáveis devem, desde as idades iniciais, fomentar o hábito pela leitura, mas não podemos garantir que seus filhos serão amantes da leitura, nem mesmo que esses leriam pelo menos dois títulos em um ano. O que podemos, com segurança, afirmar nesse sentido é que pais com maior escolaridade buscam escolas com melhor perfil educacional,

que possam oferecer formação acadêmica a seus filhos, quanto maior a formação dos pais, mais preocupados com o futuro do discente.

Sobre a construção de uma rotina de leitura, podemos inferir que três são os ambientes capazes de desenvolver esse papel motivador: ambiente escolar, familiar e social. A responsabilidade em plantar a semente do livro passa por esses setores, alguns alunos apontaram como maior responsável a escola, outros o ambiente familiar e em sua minoria espaços sociais, mas esse tripé é o que norteia e desenvolve ações ao fomento da leitura.

No ambiente escolar, devemos considerar duas vertentes: institucional e profissional. A primeira envolve a cultura institucional no sentido de dar ou não importância à temas dessa área, oferecendo suporte e condições para o desenvolvimento de uma cultura de leitura na escola. O viés profissional está relacionado ao perfil do servidor que atua na biblioteca, como essa pessoa enxerga a missão do setor, e qual importância ele dá à leitura.

Em ambas instituições pesquisadas, podemos perceber uma demanda institucional de indiferença, uma gestão que coloca a biblioteca em uma posição nada protagonista no processo pedagógico, não exigindo o desenvolvimento de projetos, programas ou eventos para possível popularização da leitura no ambiente escolar.

Já o perfil profissional é bem diferente entre as escolas. Em uma, a coordenadora demonstrou interesse pelo produto, diz ser válida a implantação e, inclusive, já tiveram alguns projetos de leitura no espaço em que trabalha. Na outra realidade acadêmica, percebem-se excelentes condições de infraestrutura, recursos humanos e materiais disponíveis, porém o perfil do servidor à frente do setor é mais tradicional. A missão do setor é estar com as portas da biblioteca abertas e com livros nas estantes, esse é o ponto principal. Para o servidor em atuação nesse espaço, desenvolver projetos que estimulem o hábito pela leitura não é um papel que cabe exclusivamente à biblioteca, setores ou servidores interessados, também podem tomar atitude e desenvolver algum projeto.

Nesse sentido de portas abertas, acervo disponibilizado e ambiente de acessibilidade informacional, os dados navegaram e confirmaram tal ideologia. Hoje, a maior parte dos usuários vai à biblioteca com a finalidade de acesso à internet, e isso nem sempre para finalidade acadêmica, a navegação para distração ou utilizar-se do espaço para interação nos horários vagos foram os motivos mais presentes para justificar a ida à biblioteca.

Podemos, com segurança, afirmar que a necessidade de formar um hábito de leitura nos alunos está tal qual a necessidade dos profissionais à frente das bibliotecas em desenvolver algum projeto nesse sentido. A subjetividade no desenvolvimento da rotina de leitura discente pode ser construída com os pais nas idades iniciais, porém não garante uma frequência de leitura futura. O interesse dos profissionais em criar projetos nessa vertente caminha em conformidade com a formação desses profissionais, como esses foram construídos e como dão importância aos livros.

A implantação de um projeto não necessita de grandes recursos materiais, ou humanos, o interesse em criar atividades que tenham o livro como grande objeto de conhecimento está muito mais ligado ao perfil proativo do profissional do que quaisquer variáveis e categorias estudadas empiricamente.

Percebeu-se a falta de capacitação, instrumentalização e sensibilização do corpo docente e técnico para que projetos nessa linha sejam implantados e deem certo. O professor como agente mobilizador e formador de opinião, capaz de desenvolver habilidades e competências para prática de leitura e o bibliotecário como articulador e fomentador dessas características, oferecendo materiais interessantes e mostrando como pode ser fantástico o mundo dos livros. Explorar elementos textuais, gêneros literários, concursos interclasse, aflora no jovem a leitura como *status* intelectual. Nesse sentido, podemos perceber que o hábito de leitura é potencializado ou desenvolvido, no ambiente escolar, por responsabilidade do bibliotecário, e não da construção física da biblioteca. O espaço destinado aos livros, por si só, não produz interesse pela leitura, ações e projetos coordenados por um profissional proativo são os fatores responsáveis pelo desenvolvimento e fomento ao hábito de leitura.

Por fim, o aprofundamento nesse documento poderá fornecer elementos valiosos no pensar da própria realidade na qual a comunidade está inserida, proporcionando a mobilização da gestão escolar e potencializando a criação, implementação, execução e manutenção de projetos de leitura nas unidades escolares. Deixo ainda como contribuição uma bibliografia que fornece um material sobre todos os temas aqui abordados, possibilitando base teórica para futuras consultas.

À guisa de conclusão, lembramos⁶ a fala da escritora Nérida Piñon “Ler depende, sobretudo, da educação”, concordando com a frase atribuída ao poeta Mário Quintana: “Os livros não mudam o mundo. Os livros só mudam as pessoas. As pessoas mudam o mundo”. E, assim, retomamos a nossa própria história como alguém que se permitiu ser mudado pelos livros, porque no meio do caminho tinha uma biblioteca...

⁶ Em entrevista durante o programa Morning Show, em 17 de junho de 2019. Confira em <https://www.youtube.com/watch?v=VqIFakXZ08o>

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. **Dicionário da língua portuguesa contemporânea**. Lisboa: Verbo, 2001.

AMOR, E. (1991). **Didáctica do Português: fundamentos e metodologia**. Lisboa: Texto Editores, 1991.

ANASTASIOU, Léa G. Ensinar, aprender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa G.; LAVES, Leonir P. (Org.) **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para a estratégia de trabalho na aula**. 10ed. Joinville: UNIVILLE, 2012. (p. 15-43).

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12.ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; DIAS DA SILVA, M. H. G. F. (1987). **Some changes in childrearing practices**. Annual Research Report, (4):64-70, 1992.

BRASIL. **Lei nº 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. MEC. Ensino de 1º e 2º grau. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/republica>>. Acesso em 08 set. 2018.

_____. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Portal da Legislação da Presidência da República. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2010.

BRITTO, L. P. L. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

CAMPELLO, B. S. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CARVER, R. P. **Reading rate: A review of research and theory**. New York: Academic Press, 1990.

CASTRILLÓN, S. **O direito de ler e de escrever**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CERRILLO, P. *et al.* **La formación de mediadores para la promoción de la lectura**. Cuenca: UCLM, 2003.

CERVERA, J. **Teoria de la literatura infantil**. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1992.

CHARTIER, A. M. **Práticas de leitura e escrita**. São Paulo: Ceale: Autêntica. 2007.

CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DICIONÁRIO MAIS. **Da ideia às palavras**. Lisboa: Lisboa editora, 1997.

DISTRITO FEDERAL (ESTADO). **Portaria VEP nº 10**, de 17 de novembro de 2016. Regulamenta as modalidades de remição de pena pelas atividades de ensino presencial,

pela realização de cursos à distância e pela leitura de obras literárias no âmbito do sistema penitenciário do Distrito Federal.

Do texto ao contexto: o Programa Ensino Médio Inovador em Movimento. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.24, n. 93, p. 910-938, out./dez. 2016.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v24n93/1809-4465-ensaio-24-93-0910.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2017.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam – 51 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FREITAS, H. M. R., Cunha, M. V. M., Jr., & Moscarola, J. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da USP**. São Paulo. 1997, p. 97-109.

GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In: **The Journal of the Reading Specialist**. Washington, D.C, 1970.

GOUGH, P. B. One second of reading. In: KAVANAGH, J.F. & MATTINGLY, I.G.(orgs). **Language by ear and by eye**. Cambridge: MIT Press, 1972.

HOUAISS, A. (Ed.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Lisboa: Círculo de leitores, 2005.

HUSSERL, E. **Investigações Lógicas – sexta investigação**. (Coleção Os Pensadores) Tradução Z. Loparic; A. Loparic. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1975.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA – **Relatório técnico do Sistema Nacional de avaliação Básica – SAEB**, 2003. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2003.

INTERNACIONAL ASSOCIATION LIBRARIANSHIP – **Declaração política da IASL sobre bibliotecas escolares**. 1993. Disponível em: <<http://www.oei.es/pdfs/rbe5.pdf>> Acesso em 20 ago. 2018.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLEIMAN, A. **Abordagens de leitura**. Scripta, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 2011.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOURENÇO FILHO, M. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente**: conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2018

PÊCHEUX, M. **Les Vérités de La Palice**. Tradução E. Orlandi *et al.* São Paulo: Unicamp, 1975

- PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução de Leny Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- PINTO, Ziraldo Alves. **O menino maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- POSLANIEC, C. **Incentivar o prazer de ler**. Porto: Asa, 2006.
- PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. O caminho de Swann. São Paulo: Globo, 2006.
- REBELO, J. **Dificuldades da leitura e da escrita**. Porto: Edições ASA, 1993.
- ROJO, R. H. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Caderno de pesquisa**, 42 (145), 272-283. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n145/15.pdf>> Acesso em: 10 ago. 2018.
- SILVA, G. T. **Interação entre leitura e escrita: o impacto dos hábitos de leitura e da mediação em leitura na escrita de alunos do ensino médio**. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SILVA, L. M. da. **Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo**. Braga: Universidade do Minho, 2002.
- THOREAU, Henry David. **Walden**. Trad. Cabral, Astrid. SP: Editora Ground. 7. ed. 2007.
- TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIDAL, D. G. Livros por toda a parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920-1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de letras/Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2000.
- YUNES, E.; OSWALD, M. L. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.
- ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA⁷

AMORIM, L. A carne desabafa. In: **Correio Braziliense**, 12 de novembro de 2000, p.2.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1952-53/2010, p. 261-306.

BOTLER, A. M. H. **Repercussões das políticas educacionais na organização escolar: o fator tempo entre a autonomia e a regulação**. RBPAAE-v. 31, n. 1, p. 107 -124 jan./abr.2015 107. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/58919/35197>>. Acesso em 05 jun. 2018.

BRETAS, M. L. B. **Políticas de fomento à leitura: perspectivas e desafios em diferentes contextos**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CANEN, A.; XAVIER, G. P. de M. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Dez 2011, vol.16, no.48, p.641-661. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n48/v16n48a07.pdf>> Acesso em 08 jun. 2018.

CARNOY, M. *et al.* **A educação brasileira está melhorando?** Evidências do PISA e SAEB. Cad. Pesqui.[online]. 2015, vol.45, n.157, pp.450-485. ISSN 0100-1574. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n157/1980-5314-cp-45-157-00450.pdf>> Acesso em 11 jun. 2018.

CARVER, R. P.. Biblioteca escolar: un modelo legitimista o una propuesta transformadora? **Lectura y vida**, La Plata, Argentina, v. 30, n. 4, diciembre, 2009. Disponível: <http://www.lecturayvida.fahce.unlp.edu.ar/numeros/a30n4/30_04_Castrillon.pdf/view?searchterm=castrillon>. Acesso em: 17 ago. 2018.

_____. Reading rate: Theory, research, and practical implications. **Journal of Reading**, 36, 84–95, 1992.

DUARTE, S. **A reforma do Ensino**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

FERNANDEZ, S. J. Projeto político-pedagógico e cotidiano escolar: retrospectivas, deslocamentos e possibilidades. In: AMARAL, Daniela. Patti (org.). **Gestão escolar pública: desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Fundação Vale, UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002430/243009POR.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2017.

FREY, K. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 21, p. 211-259, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/89/158>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

⁷ As obras aqui apresentadas embora não estejam citadas direta ou indiretamente no texto foram consultadas pelo pesquisador e fazem parte do arcabouço teórico e metodológico escolhido para o desenvolvimento deste relatório. Elas estão aqui elencadas como um apêndice, ou como uma contribuição para futuras investigações acerca deste tema ou de trabalhos semelhantes.

FRIGOTTO, G. Política e Gestão Educacional na Contemporaneidade. In: FERREIRA, Eliza Bartolozzi; OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Crise da escola e políticas educativas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GOUVEIA, A. B.; PINTO, J. M. de R.; CORBUCCI, Paulo Roberto. Introdução. In: **FEDERALISMO e políticas educacionais na efetivação do direito à educação no Brasil**. Brasília: IPEA, 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_federalismo_politicas.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

KIRCHBAUM, C.; MENEZES FILHO, N. Educação e desigualdade no Brasil. In: ARRETCHE, Marta. (org.). **Trajatória das desigualdades**. Como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. São Paulo: Ed. UNESP, CEM, 2015.

KRAMER, S.; DE TOLEDO, L.; BARROS, C. Gestão da educação infantil nas políticas municipais. **Revista Brasileira de Educação**. v. 19 n. 56 jan.- mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v19n56/v19n56a02.pdf>> Acesso em: 11 mai. 2019.

LANGRIDGE, D. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro, Interciência, 1977.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizontes, 1995.

MANATA, E. F. **Atitudes dos jovens face à leitura e a si próprios**: um estudo com alunos do 7.º e 9.º ano. 142 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MANN, M. **Catálogo e classificação de livros**. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOTTA, D. Biblioteca escolar: orientações básicas para organização e funcionamento. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 15, n. 58, p. 21-24, abr./jun. 1999.

NINA, I. F. A. **Da leitura ao prazer de ler**: contributos da biblioteca escolar. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

PRADO, H. A. **Organização e Administração de Bibliotecas**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

QUINTAO, R. Estudos culturais da ciência: inclusão digital na educação e impacto no cidadão. In: ANPED SUL 11, 2016, Curitiba. **Anais...**Curitiba: UFPR, 2016.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 18. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

SCHARDOSIM, C. R. **Estratégias para a compreensão leitora**: um estudo no 6º ano do ensino fundamental. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, G. S. O. **Estado da arte da leitura no Brasil:2010 a 2015.** 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Unidade Acadêmica Especial de Educação, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017.

SIMÃO, A. A. Formação do trabalhador: aporte da pedagogia das competências. In: ANPED SUL 11. 2016, Curitiba. **Anais...**Curitiba: UFPR, 2016.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, S. de. **CDU: como entender e utilizar a edição-padrão internacional em língua portuguesa.** Brasília: Thesaurus, 2004.

APÊNDICE A - Regimento do Clube do Livro

TÍTULO I

Dos Fins

Capítulo I

Dos Fins do Clube do Livro

Art. 1º O Clube do Livro, está em consonância com as metas: 6, 7 e 11, propostas pelo Plano Nacional de Educação – 2014/2024; e a lei nº 12.244/2010, que determina a implantação de bibliotecas escolares, na educação pública ou na iniciativa privada, e, associado ao Plano Político Pedagógico da Instituição, contemplando o contexto da educação nacional, convergirá para os fins dessa, com base nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, levando-se em conta o artigo 205 da Constituição Federal visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Capítulo II

Objetivo Geral

Art. 2º O Clube do Livro destina-se a formar leitores e mediadores de leitura, a partir da criação de pontos de compartilhamento de experiências de leitura, como forma de incentivar o desenvolvimento do gosto pelo ato de ler, ampliar a história de leitura e promover o acesso ao mundo a leitura e à produção literária infantil e juvenil do Distrito Federal e entorno.

Dos Objetivos Específicos do Clube do Livro

Art. 3º O Clube do Livro destina-se especificamente a:

§ 1º Propiciar o desenvolvimento das competências de ler, escrever e refletir sobre o mundo em que se vive, levando em consideração a linguagem literária como forma de interação humana, com vistas à formação para o pleno exercício da cidadania;

§ 2º Sistematizar e compartilhar experiências/conhecimentos intelectuais já adquiridos pelos jovens, a fim de que possa haver interação para além dos muros das escolas, um ambiente controlado, com assuntos pertinentes ao conteúdo acadêmico, possibilitando trocas culturais existentes no meio em que vivem;

§ 3º Quebrar barreiras de tempo e espaço, fazendo que os jovens do ensino médio possam ter acesso à leitura por meio de dispositivos eletrônicos, bem como possibilitando maior sociabilidade por meio de grupos *on-line* e encontros presenciais. Oferecer condições especiais para que os jovens desenvolvam suas potencialidades como pessoas humanas, incluindo a formação ética, no desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

§ 4º Aumentar o interesse discente pelas disciplinas parceiras do Clube do Livro, desenvolvendo no jovem um maior interesse pela leitura e conteúdo programático, colaborando na *práxis* nos processos produtivos, relacionando teoria e prática no estudo das disciplinas e no desenvolvimento de habilidades relacionadas com o uso de novas tecnologias.

§ 5º Oferecer aos professores do ensino médio (das escolas estudadas) uma proposta de trabalho em conjunto com a biblioteca, potencializando o hábito de leitura e levando o conteúdo programático para além do ambiente escolar.

TÍTULO II

Da Organização Administrativa

Capítulo I

Da Competência

Art. 4º À diretoria de ensino, coordenação de ensino, coordenação de curso, coordenação pedagógica ou coordenação de biblioteca, competem exercer a função administrativa geral do Clube do Livro.

Art. 5º A função pedagógica ficará a cargo do administrador do grupo. A indicação é para que este cargo seja ocupado pelo docente responsável pela disciplina de Língua Portuguesa ou disciplina parceira ao projeto. Esse deverá fazer a escolha de títulos,

assuntos e todo material que deverá ser trabalhado no período de leitura determinado, aconselhável que as obras também estejam disponíveis na biblioteca da escola. Na ausência do docente, o responsável pela biblioteca poderá fazer esse papel.

Art. 6º Ao Colegiado da disciplina em parceria com a coordenação da biblioteca, compete deliberar sobre atos gerais, modificações regulamentares e disposições transitórias, no que concerne às decisões desse projeto.

Capítulo II

Do Ingresso de Novos Participantes ao Projeto

Art. 7º O ingresso de novos alunos (membros) ao grupo será livre, desde que respeitada as normas referentes à assuntos abordados; à ética discente; ao respeito hierárquico e à educação.

§ **Único** –Apenas alunos com matrícula regular na escola farão parte do projeto. Caberá ao administrador do grupo orientar sobre as regras de convivência, podendo este suspender, temporariamente, ou definitivamente, o membro do grupo. Para exclusão definitiva, a pessoa deverá ser reincidente na conduta.

Da Menção Oferecida aos Alunos Participantes

Art. 8º Caberá ao docente da disciplina ou ao colegiado da instituição determinar a menção, bem como, definir forma de avaliação dos participantes.

§ **Único** – A participação no grupo deverá ser *online*, por meio do dispositivo escolhido pelo setor competente, e presencial com encontros determinados pelo administrador do grupo.

Capítulo III

Do Serviço de Acompanhamento

Art. 9º Em casos de falta de participação ou problemas de relacionamentos, o caso será encaminhado à coordenação responsável, seja assistência social, assistência estudantil ou setor equivalente.

§ 1º É aconselhável que em caso de pouca participação o administrador converse com o aluno em particular. Persistindo a ausência, o setor de assistência psicológica deverá ser comunicado para buscar estratégias de incentivo e ou encaminhamentos necessários.

§ 2º Problemas de desentendimentos e/ou comportamentos inadequados deverão ser levados imediatamente à Direção de Ensino.

§ 3º Quaisquer dos setores supracitados poderão decidir pela permanência ou não do aluno junto ao projeto do Clube do Livro. Os coordenadores dessas áreas têm competência para decidir se é vantajoso ou não a continuidade do discente no grupo.

Capítulo IV

Da Biblioteca

Art. 10º À Biblioteca, no tocante do Clube do Livro, caberá oferecer subsídios materiais e assistência intelectual para manutenção do projeto. Oferecendo ao administrador do grupo opções de novos títulos, matérias relevantes, conteúdos atuais e que possam servir como estímulo aos participantes:

§ 1º A biblioteca poderá ser o local dos encontros presenciais;

§ 2º O bibliotecário ou responsável pelo setor agirá em parceria profissional com o administrador do grupo;

§ 3º O horário de funcionamento da biblioteca deverá possibilitar que os participantes possam ir em busca do título trabalhado no Clube do Livro.

Capítulo V

Da Participação

Art. 11º Compete ao administrador verificar este aspecto, comunicando aos setores citados no Art. 9 a pouca participação discente.

Título III

Dos Direitos

Art. 12º Aos participantes do Clube do Livro é dado o direito de prazo para permanecer com a obra em discussão por igual período ao determinado pelo administrador do grupo. Assim, o aluno poderá ficar com o título até a data do encontro presencial;

Art. 13º Os que decorrem da legislação do ensino e deste Regimento;

Art. 14º Serem tratados com atenção e urbanidade por diretores, especialistas, professores, técnicos e demais funcionários da escola;

Art. 15º Representar, em termos e por escrito, contra fatos, atos, atitudes, omissões ou deficiências de diretores, especialistas, professores, técnicos, funcionários em geral e serviços da escola;

Art. 16º Utilizar-se do acervo da biblioteca, nos termos do regulamento próprio.

Dos Deveres

Art. 17º Os que decorrem desse Regimento, do Regulamento Geral e dos regulamentos especiais da instituição escolar que faz parte;

Art. 18º Aplicar a máxima diligência no aproveitamento de ensino ministrado e frequentar, com assiduidade, as atividades escolares;

Art. 19º Atender ao regime administrativo, didático e disciplinar da escola;

Art. 20º Atentar-se aos prazos determinados pelas leituras dos materiais;

Art. 21º Estar ciente de que a participação no grupo é fator para composição da menção da disciplina parceira;

Das Penalidades

Art. 22º Constitui falta disciplinar a inobservância de qualquer das obrigações ou deveres estabelecidos nesse regimento.

§ **Único** – As penalidades ocorrerão conforme abordadas no Art. 7º desse documento.

Disposições Gerais e Finais

Art. 23 º Os casos omissos serão resolvidos pelos responsáveis escolhidos pela escola e aqui descritos no Art. 4º, após decisão de quem será o responsável geral pelo Clube do Livro, toda e qualquer decisão caberá a esse (s).

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos alunos

Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Educação- FE
Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE-MP

Participante: _____

1 – Em relação à infraestrutura da biblioteca avalie:

a- Espaço Físico:

Bom Regular Ruim Péssimo

b- Equipamento de informática (caso tenha):

Bom Regular Ruim Péssimo

c- Limpeza do local: Bom Regular Péssimo

d- Mobiliário:

Bom Regular Péssimo

e- Climatização:

Bom Regular Péssimo

2 – Você tem um hábito de leitura? Se sim, esse hábito foi estimulado em qual ambiente?

Se por mais de um motivo, enumere a prioridade.

Não tenho hábito de leitura

meu hábito de leitura foi estimulado no ambiente escolar

meu hábito de leitura foi estimulado no ambiente familiar

meu hábito de leitura foi estimulado no ambiente social

3 – Quantos livros você leu no ano de 2017?

1 a 3 4 a 6 7 a 10 mais de 10 Nenhum

4 – Você procura algum tipo de leitura que não seja apenas em livros da biblioteca da sua escola?

Não

Sim- Qual(quais) _____

5 – Você acredita que a biblioteca estimula no aluno o hábito de leitura?

Sim

Não

6- Você identifica ou reconhece algum(s) projeto(s) ou evento(s) realizado(s) pela biblioteca de sua escola que estimule(m) o seu hábito de leitura?

Não

Sim . Qual (Quais)? _____

7 – Você se sente motivado em frequentar a biblioteca para qual finalidade? Se por mais de um motivo, enumere a prioridade.

Leitura no interior da biblioteca Acesso à internet para pesquisa

Empréstimo de livros

Local para interação

Acesso à internet para descontração

Local para estudo em grupo

Outros: _____

8– Com que frequência costuma ir à biblioteca de sua escola?

Todos os dias 1 vez por semana 2 a 3 vezes por semana

15 em 15 dias 1 vez por mês raramente ainda não estive na biblioteca

9– Sobre o horário de funcionamento da biblioteca, você considera:

Bom Regular Ruim Péssimo

10 – Sobre o acervo bibliográfico existente, você considera:

Bom Regular Ruim Péssimo

Pode melhorar com novos títulos na(s) área(s)

11 – O número de servidores na biblioteca atende às necessidades dos usuários que frequentam o local?

Sim Não

12 – Você acredita que a criação de um grupo de leitura por meio de redes sociais, com a cooperação de um mediador, debatendo títulos de livros, a fim de motivar a leitura e a participação do aluno como critério de nota na disciplina de Língua Portuguesa é uma boa proposta para estímulo à leitura?

Sim Não

13- De que forma você considera que a biblioteca da sua escola pode incentivar ou potencializar o seu hábito pela leitura?

Obrigado pela participação!

APÊNDICE C - Questionário de entrevista com o responsável pela da biblioteca

Instituição:
Nome:
Cargo de origem:
Função:
Quanto tempo está na função:

1 – Quais os fatores você considera que interferem no desenvolvimento de projetos e/ou construção de uma cultura de leitura? (*Infraestrutura, recurso humano, incentivo institucional etc*)

2- Como servidor da biblioteca, você acredita que o espaço escolar pode estimular o hábito de leitura? Se sim, com sua experiência na área, de que forma concreta a biblioteca e a escola podem colaborar nesse incentivo?

3 – Qual é o perfil dos alunos com maior número de empréstimos de livros e frequência à biblioteca?

4 – Quais os títulos mais procurados na biblioteca e que você percebe que podem ser objetos de conquista para iniciação do hábito de leitura? (*Pergunta parecida também feita aos alunos*)

- () Livros técnicos
- () Livros indicados para o vestibular
- () Clássicos da literatura
- () Em alta para a faixa etária
- () *Best Seller*
- () Outros _____

5 - Você acredita que o horário de funcionamento da biblioteca interfere diretamente no fomento ao hábito de leitura? Se sim, de que forma? (*Pergunta igualmente feita aos alunos*)

- () Não
- () Sim _____

6 – Qual o papel familiar na formação do hábito de leitura?

7- Você acredita que pais com maior escolaridade formam filhos com rotina de leitura?

8 – Você acredita que a criação de um grupo de leitura por meio de redes sociais, com a cooperação de um mediador, debatendo títulos de livros, a fim de motivar a leitura e a participação do aluno como critério de nota na disciplina de Língua Portuguesa é uma boa proposta para estímulo à leitura? *(Pergunta igualmente feita aos alunos)*

Sim

Não

Obrigado pela participação!